

**A FAMÍLIA E A RELIGIÃO NO PROCESSO DE ESCOLHA  
PROFISSIONAL DOS JOVENS DO PRÉ-VESTIBULAR DA UFF E DA  
UENF**

**ANA BEATRIZ PIRES DOS SANTOS**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE**

**DARCY RIBEIRO – UENF**

**CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ**

**2020**

**A FAMÍLIA E A RELIGIÃO NO PROCESSO DE ESCOLHA  
PROFISSIONAL DOS JOVENS DO PRÉ-VESTIBULAR DA UFF E DA  
UENF**

**ANA BEATRIZ PIRES DOS SANTOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia Política do Centro de Ciências do homem, na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro como requisito final para a obtenção do título de Mestre em sociologia política.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Silvia Regina Alves Fernandes

Coorientador: Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Ricardo Ramos Shiota

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE**

**DARCY RIBEIRO – UENF**

**CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ**

**2020**

**FICHA CATALOGRÁFICA**

UENF - Bibliotecas

Elaborada com os dados fornecidos pela autora.

S237

Santos, Ana Beatriz Pires dos.

"A FAMÍLIA E A RELIGIÃO NO PROCESSO DE ESCOLHA PROFISSIONAL DOS JOVENS DO PRÉ-VESTIBULAR DA UFF E DA UENF" / Ana Beatriz Pires dos Santos. - Campos dos Goytacazes, RJ, 2020.

150 f.

Bibliografia: 137 - 143.

Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, 2020.

Orientadora: Sílvia Regina Alves Fernandes.

1. Família. 2. Religião. 3. Juventude. 4. Escolha profissional. I. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. II. Título.

CDD - 320

**A FAMÍLIA E A RELIGIÃO NO PROCESSO DE ESCOLHA  
PROFISSIONAL DOS JOVENS DO PRÉ-VESTIBULAR DA UFF E  
DA UENF**

ANA BEATRIZ PIRES DOS SANTOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia Política do Centro de Ciências do homem, na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro como requisito final para a obtenção do título de Mestre em sociologia política.

Aprovada em 07 de Maio de 2020

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Silvia Regina Alves Fernandes

Orientadora

---

Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Ricardo Ramos Shiota

Coorientador

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Wania Amélia Belchior Mesquita – UENF

---

Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Paulo Gracino de Souza Júnior – IUPERJ

## AGRADECIMENTOS

Quero começar agradecendo primeiramente a Deus que é o autor e consumidor da minha fé. Agradeço a Deus pela força, pela restauração da fé, pela sabedoria, pela paciência, pela oportunidade e demais atributos dados a mim não somente durante o mestrado, mas em todos os momentos da minha vida da qual mesmo em meio às tempestades, Ele se fez/faz presente.

Agradeço a minha família por todo apoio e por sempre acreditarem no meu potencial e ajudarem na realização dos meus sonhos. Toda minha gratidão vai para os meus pais Rildo e Tânia por até hoje serem minha base, por terem me educado, me dando caráter, ética e a sensibilidade de ser uma pessoa humana. Agradeço aos seus irmãos Filipe e Samara pelo companheirismo e por me aguentar nas diversas vezes que o meu estresse se manifestava rs. Meus agradecimentos familiares se estendem aos meus avôs maternos Carlos e Cenyrá por tanto amor e acolhimento em diversos momentos. Também quero agradecer aos meus avôs paternos Maria Das dores (In memoriam) e Arquimedes Morais ( In memoriam) que mesmo não estando mais presente fisicamente, continuam em meu coração e principalmente na memória quando me lembro das diversas vezes que brincávamos de eu ser a professora de vocês. No meio da sala, com quadro negro, giz, caderno, livros, lápis, borracha e vocês eu, que ainda era pequena, comecei a me encantar pelo lecionar. Agradeço a Deus pela família maravilhosa da qual tenho.

Agradeço ao meu namorado Magno de Oliveira por todo apoio dado a mim durante todo esse tempo do qual estamos juntos. Agradeço por casa palavra de conforto, por cada vez que escutou minhas angústias, pelas vezes que secou minhas lágrimas e fez o que pode para tirar um sorriso meu. Agradeço pela paciência até mesmo nos momentos da elaboração dessa dissertação da qual me rendeu estresses. Agradeço por acreditar em mim, por me incentivar e me mostrar que o amor não é dor, assim como também não é contos de fadas, mas sem sombra de dúvidas, o amor é paz. Obrigada pela paz que tenho quando estou com você.

Agradeço aos meus amigos e digo com toda certeza que feliz é aquele que tem bons amigos. Em especial quero agradecer a Myrla e Priscila por todas as vezes que me escutaram, me aconselharam, saíram comigo para que eu pudesse relaxar e agradeço por todas as boas risadas das quais me fazem muito bem. Agradeço a Bianca Castro pelas palavras de incentivo e por todo apoio prestado durante esses dois anos de mestrado.

Agradeço aos meus colegas de turma por todo apoio e agradeço a Deus pela vida de vocês. Agradeço aos demais amigos e amigas que de alguma forma contribuíram para o meu crescimento em todos os âmbitos.

Agradeço aos professores e funcionários da UENF, em especial os que compõem o Programa de Sociologia Política.

Agradeço a minha orientadora Silvia Fernandes por ter aceitado embarcar nesse trabalho e por me auxiliar de forma a contribuir para o meu crescimento profissional.

Agradeço ao meu coorientador Ricardo Shiota por ter me dado a oportunidade de aprimorar meus conhecimentos e assim crescer como pesquisadora, professora e como pessoa. Agradeço o imenso privilégio de te conhecer e ter os seus conselhos e correções que para mim foram fundamentais. Obrigada por acreditar nessa pesquisa e se dedicar a me proporcionar ferramentas das quais eu pude ser lapidada ainda mais. As instituições acadêmicas carecem de pessoas como você. Torço para que haja a oportunidade de efetivação como professor das Universidades Públicas Brasileiras.

Agradeço a Wania Mesquita e ao Paulo Gracino por aceitarem compor a banca da defesa do projeto, pelas sugestões das quais foram valiosas e contribuíram para a mudança do rumo da pesquisa e também agradeço por continuarem a fazer parte da banca da defesa final.

Agradeço as demais pessoas que mesmo não citadas aqui, contribuíram na minha caminhada! Que Deus os abençoe.

## EPÍGRAFE

"Na situação de escolha deve estar consciente a necessidade do reconhecimento de que toda 'liberdade humana é uma liberdade situada, uma liberdade enquadrada no real, condicionada ou relativa' porque pensar numa liberdade absoluta implicaria desconhecer que determinado grau de obediência aos determinismos sociais e certa forma de dependência constituem uma propriedade de toda existência social."

Bohoslavsky, 1975

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>1 JUVENTUDE, FAMÍLIA E RELIGIÃO: BREVES CONCEPÇÕES ACERCA DA ESCOLHA PROFISSIONAL</b> .....	19
1.1 Juventude e escolha profissional .....	19
1.2 Instituições sociais: condicionantes na fase juvenil e das escolhas dos jovens.....	26
1.2.1 O processo de socialização .....	30
1.3 Família e sua relação com o jovem .....	35
1.4 Religião e juventude .....	43
1.4.1 Jovens (não) religiosos .....	51
<b>2 A EXPERIÊNCIA DOS PRÉ-VESTIBULARES SOCIAIS NA PERCEPÇÃO DA ESCOLHA PROFISSIONAL DOS JOVENS: ESTUDO DE CASO DO PRÉ-VESTIBULAR JOSUÉ DE CASTRO (UFF) E DO PRÉ-VESTIBULAR SOCIAL TEOREMA (UENF)</b> .....	57
2.1 Um breve histórico sobre os pré-vestibulares sociais no Brasil .....	57
2.2 Pré-Vestibular Josué de Castro (UFF) .....	61
2.3 Pré-Vestibular Social Teorema (UENF) .....	64
2.3.1 O perfil dos alunos do Pré-vestibular social Teorema e suas escolhas profissionais relacionadas a família e a religião.....	65
<b>3 IMPLICAÇÕES DA FAMÍLIA E DOS PARES NA ESCOLHA PROFISSIONAL</b> .....	93
3.1 A percepção dos jovens a respeito de suas escolhas laborais e a importância dos Pré-vestibulares sociais nesse processo.....	93
3.2 A visão exposta pelos jovens acerca da família no processo de escolha profissional.....	102
3.3 A percepção parental frente ao processo de escolha profissional do jovem.....	107

<b>4. A RELIGIÃO E ESCOLHA PROFISSIONAL DO JOVEM.....</b>	<b>114</b>
4.1 A religião presente no âmbito vocacional .....	114
4.2 A trajetória laboral na ótica dos líderes religiosos .....	123
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>132</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>136</b>
<b>ANEXO I .....</b>	<b>143</b>

## RESUMO

O presente trabalho busca identificar se, e como, a família e a religião estão presentes no processo de escolha profissional dos jovens do pré-vestibular da UFF e da UENF, ambos localizados na cidade de Campos dos Goytacazes-RJ. Trata-se de uma pesquisa qualitativa cujos instrumentos de coleta de dados versam em: revisão bibliográfica, trabalho de campo, coleta de dados junto à secretaria de ambos pré-vestibulares, aplicação de questionário e entrevista semiestruturada aos alunos dos dois pré-vestibulares sociais, assim como entrevista semiestruturada com alguns pais e líderes religiosos, e por fim, análise dos dados coletados. A família e a religião são instituições socializadoras, mas nem todos os indivíduos conseguem perceber as influências adquiridas por essas entidades, principalmente em relação ao processo de escolha profissional, que é um momento de suma importância para grande parte dos jovens que visam se qualificar para o mercado de trabalho. Dentre os resultados alcançados através do estudo proposto a essa dissertação, podemos observar que, apesar da família e da religião serem abordadas por alguns autores como instituições que não tem mais tanta força na formação do indivíduo na contemporaneidade, elas ainda ganham destaque no que se refere à socialização dos jovens, mesmo havendo outras entidades que atualmente fazem parte desse processo, como por exemplo, a escola, os amigos, a mídia, o mercado de trabalho, etc. Sendo assim, a pesquisa mostra que, mesmo que subjetivamente, a família e/ou a religião influenciam no processo de escolha profissional dos jovens.

**Palavras-chaves:** Família. Religião. Juventude. Escolha profissional.

## **ABSTRACT**

The present work seeks to identify whether, and how, family and religion are present in the process of professional choice of young people in the pre-university entrance exams at UFF and UENF, both located in the city of Campos dos Goytacazes-RJ. It is a qualitative research whose instruments of data collection are: bibliographic review, fieldwork, data collection at the secretariat of both pre-university entrance exams, questionnaire application and semi-structured interview to the students of the two social pre-university entrance exams, as well as semi-structured interviews with some parents and religious leaders, and finally, analysis of the data collected. The family and religion are socializing institutions, but not all individuals are able to perceive the influences acquired by these entities, mainly in relation to the process of professional choice, which is an extremely important moment for most young people who have a vision to qualify for the labor market. Among the results achieved through the study proposed for this dissertation, we can observe that, although the family and religion are approached by some authors as institutions that do not have as much strength in the formation of the individual in contemporary times, they still gain prominence with regard to the socialization of young people, even though there are other entities that are currently part of this process, such as school, friends, the media, the labor market, etc. Thus, the research shows that, even subjectively, the family and / or religion influence the process of professional choice of young people.

**Keywords:** Family. Religion. Youth. Professional choice.

## **LISTA DE SIGLAS**

UFF – Universidade Federal Fluminense

UENF – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

RJ – Rio de Janeiro

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

SISU – Sistema de Seleção Unificada

PROUNI – Programa Universidade Para Todos

PIB – Produto Interno Bruto

FIES – Fundo de Financiamento Estudantil

PRONATEC – Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego

IES – Instituto de Ensino Superior

SINTUFRJ – Sindicato dos Trabalhadores da Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro

CUT – Central Única dos Trabalhadores

ASUERJ – Pré-vestibular alternativo da associação dos servidores da UERJ

PVNC – Pré-vestibular para negros e carentes

CPPG – Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

IURD – Igreja Universal do Reino de Deus

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> Sexo dos alunos dos Pré-vestibulares da UFF e da UENF .....	67
<b>Gráfico 2:</b> Declaração de cor dos alunos .....	67
<b>Gráfico 3:</b> Religiões dos alunos dos Pré-vestibulares da UFF e da UENF .....	68
<b>Gráfico 4:</b> Origem escolar dos alunos dos pré-vestibulares .....	69
<b>Gráfico 5:</b> Tempo em que os alunos estão cursando os pré-vestibulares .....	69
<b>Gráfico 6:</b> Alunos que escolheram o curso que pretende ingressar .....	70
<b>Gráfico 7:</b> Motivações existentes na escolha profissional dos alunos .....	71
<b>Gráfico 8:</b> Universidade (s) que os jovens pretendem ingressar .....	72
<b>Gráfico 9:</b> O que significa ser realizado profissionalmente para os jovens .....	73
<b>Gráfico 10:</b> Salário que pretende ganhar exercendo a profissão que escolheu .....	74
<b>Gráfico 11:</b> Escolhas profissionais dos jovens .....	75
<b>Gráfico 12:</b> Incentivo dos pais dos alunos dos Pré-vestibulares .....	77
<b>Gráfico 13:</b> Desejo (ou não) de seguir a mesma profissão dos pais .....	78
<b>Gráfico 14:</b> Grau de escolaridade do pai .....	79
<b>Gráfico 15:</b> Grau de escolaridade da mãe .....	80
<b>Gráfico 16:</b> Renda familiar dos alunos dos Pré-vestibulares .....	82
<b>Gráfico 17:</b> Conselho dos pais para os filhos seguirem alguma profissão .....	83
<b>Gráfico 18:</b> Seguir a profissão que os pais aconselharam .....	85
<b>Gráfico 19:</b> Religião dos alunos dos Pré-vestibulares .....	87
<b>Gráfico 20:</b> Relação da religião dos jovens dos pré-vestibulares com a dos membros da família .....	89
<b>Gráfico 21:</b> Assiduidade dos jovens nas reuniões proposta pela religião .....	90
<b>Gráfico 22:</b> Alunos que pretendem colaborar de alguma forma em sua religião com a profissão futura .....	90
<b>Gráfico 23:</b> Líderes religiosos que falam sobre escolha profissional .....	91
<b>Gráfico 24:</b> Deixar de seguir uma profissão por causa da religião .....	92

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Famílias com parentesco, residentes em domicílios particulares, segundo o tipo de arranjo familiar. Brasil – 1970-2000 .....	38
<b>Tabela 2:</b> Das piores coisas de ser jovem .....	50
<b>Tabela 3:</b> População religiosa de Campos dos Goytacazes .....	52
<b>Tabela 4:</b> Profissões dos pais e mães dos alunos dos Pré-vestibulares sociais .....	76
<b>Tabela 5:</b> Profissões sugeridas pelos pais de alguns alunos dos Pré-vestibulares .....	84

## INTRODUÇÃO

Antes da revolução industrial, as profissões eram transmitidas através de gerações em uma mesma família, sendo cada família especializada em um ofício (ALMEIDA; MAGALHÃES, 2011). É com a Revolução Industrial que prevalece a ideia de “homem certo no lugar certo”, com o objetivo de aumentar a produtividade, pois a sociedade dividida em classes sociais possibilitou a ascensão social, em contraste com a antiga imobilidade das posições sociais, e a escolha profissional se tornou uma decisão individual (ALMEIDA; MAGALHÃES, 2011).

Nesse cenário de incertezas, marcado pela modernidade líquida (BAUMAN, 2001) o jovem é fadado a escolher uma profissão, elaborando dessa forma um projeto de vida. Tal projeto de vida é planejado mediante as situações sociais, econômicas e políticas vivenciadas pelos jovens (ALMEIDA; MAGALHÃES, 2011).

Por isso, a identidade profissional dos jovens é formada de acordo com o contato que têm com as profissões de pessoas que fazem parte do seu ciclo familiar, escolar, religioso e de demais lugares de pertença. Dentre a construção do projeto de vida pode haver “lealdades invisíveis” (ALMEIDA; MAGALHÃES, 2011) com relação ao processo de escolha profissional. Uma dessas lealdades pode ser encontrada dentro do âmbito familiar e na religião.

Dessa forma, o objetivo geral do trabalho consiste em identificar se e como a família e a religião influenciam no processo de escolha profissional dos jovens do Pré-vestibular social Josué de Castro (UFF) e o Pré-vestibular social Teorema (UENF). Os objetivos específicos são: mapear o perfil dos jovens matriculados nos Pré-vestibulares da UFF e da UENF quanto à idade, cor, renda e religião; verificar o índice de jovens que se identificam como religiosos matriculados nos Pré-vestibulares da UFF e da UENF; investigar se a motivação pela escolha profissional está ligada a questões familiares; identificar se os estudantes do pré-vestibular sentem influências da família e/ou da religião na escolha profissional e, finalmente, verificar se há outros meios de influência no processo de escolha profissional dos jovens além da família e da religião.

Foi aplicada a metodologia de pesquisa qualitativa, a partir da revisão bibliográfica utilizada para situar historicamente a juventude, a família, a religião, o processo de escolha profissional e o processo de socialização. Foram utilizados também

dados do IBGE e do censo educacional para elucidar quais religiões predominam em Campos dos Goytacazes.

O campo da pesquisa ocorreu na Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) e na Universidade Federal Fluminense (UFF), ambas situadas em Campos dos Goytacazes, mais especificamente nos seus respectivos Pré-Vestibulares, Pré-Vestibular Social Teorema e Pré-Vestibular Josué de Castro. A pesquisa tem como sujeitos os estudantes dos dois Pré-Vestibulares.

Foi realizada uma pesquisa de campo, em que utilizei como instrumento de coleta de dados as informações das fichas de matrícula dos estudantes, recolhidas junto às secretarias dos pré-vestibulares. Foram avaliados os seguintes quesitos: idade, cor, renda e religião, na tentativa de mapear o perfil e verificar o índice de jovens que identificam-se como religiosos matriculados nos Pré-vestibulares da UFF e da UENF.

Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um questionário semiestruturado a uma turma inteira de cada Pré-vestibular pesquisado. Segundo Raupp e Reichel (2003, p. 165), o questionário permite “coletar informações e opiniões que podem vir a ser usadas na avaliação de uma ocorrência ou fenômeno”. Com a aplicação do questionário, esperou-se descobrir se a motivação da escolha profissional está ligada às questões familiares e identificar se os estudantes do pré-vestibular sentem influências da família ou da religião na escolha profissional. Os dados obtidos do questionário semiestruturado serão apresentados através de gráficos, pois, segundo Peça (2008)

As tabelas e gráficos estatísticos fazem parte de uma linguagem universal, uma forma de apresentação de dados para descrever informações, com o objetivo de produzir no investigador, no público ou no aluno uma impressão mais rápida e viva do assunto em estudo, os quais nos dias de hoje podem ser vistos frequentemente ocupando lugar de destaque nos meios de comunicação escrita e falada. (PEÇA, 2008, p.2)

Após a aplicação dos questionários foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 10 alunos de cada Pré-vestibular com o objetivo de identificar como ocorreu o processo de escolha profissional desses jovens no período em que eles estudam/estudavam no Pré-vestibular e se continuaram seguindo o mesmo projeto inicial. Para obter outros pontos de vista, foram realizadas entrevistas com alguns pais e líderes religiosos dos alunos.

Os dados, por sua vez, são analisados pelo conteúdo, em que segundo Bardin (2009), é

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 2009, p. 44)

Por fim, cabe ressaltar que o registro das informações, coletadas no ano de 2019, ocorreu por meio de gravação das entrevistas e da utilização do caderno de campo, que segundo Bogdan e Biklen (1994), permite ao pesquisador maior controle sobre os dados que se apresentam, além da visualização se sua hipótese e considerações prévias que podem, ou não, manter-se intactas durante a pesquisa.

Por sermos seres socializados, quando nascemos nos são impostos valores, crenças, modo de vida, representações e modelos de comportamentos (BELLONI, 2007) que se perpetuam durante todas as fases das nossas vidas. Tais transmissões realizadas no processo de socialização diferem de acordo com as classes sociais e o grupo familiar que o indivíduo está inserido (BELLONI, 2007), pois é na relação com o outro que os indivíduos constroem seu papel social. Como instituições socializadoras, a família e a religião estão presentes na construção de identidade dos indivíduos, incluindo a identidade profissional.

Não diferentemente da família, a religião também faz parte do contexto social da maioria dos jovens brasileiros, cujas crenças inicialmente são transmitidas pela família. No entanto, vale ressaltar que o ser humano constrói símbolos para suprir o vazio que se instaura no processo da busca de dar sentido a sua existência (QUINTILIANO, 2008). Dessa forma, a religião é “um sistema simbólico próprio ao pensamento humano na sua necessidade de produzir um mundo em que seja possível viver” (GODINHO; CARVALHO; SOUZA, 2014, p.4), e o próprio homem é quem a cria (FERREIRA, 2012).

Apesar de a religião ser uma instituição criada pelos homens, podendo se tornar para alguns indivíduos uma ferramenta de alienação através de suas crenças e rituais, ela também pode trazer para as pessoas que dela participam um sentimento de refúgio em relação às crises vivenciadas em sociedade, um amparo nas dificuldades enfrentadas no

cotidiano, um refúgio contra a criminalidade, a prostituição, e demais outras situações que possam afligir os indivíduos.

Ao longo da vida, os indivíduos passam por múltiplas instituições e grupos sociais que influenciam suas vivências, ressocializando-se em relação àquela primeira socialização oferecida pela família e pela religião. A religião e as crenças obtidas pela família na infância sofrem alterações, já que os jovens são socializados em outros ambientes, em outras instituições, havendo a possibilidade de alguns se tornarem “sem religião” (FERNANDES, 2018).

Após a aplicação dos questionários, podemos perceber que, apesar do contexto religioso atual no Brasil estar latente, há uma boa quantidade de jovens que se consideram “sem religião”. Em sua maioria são indivíduos que tiveram uma base cristã protestante na infância transmitida por seus familiares.

Por ser uma instituição primária (BELLONI, 2007), é através da família que os valores e crenças iniciais são inseridos nos indivíduos. Portanto, após as entrevistas realizadas com os alunos dos pré-vestibulares sociais em questão, tivemos a confirmação de que essa instituição ainda tem grande peso em relação à escolha profissional dos jovens, pois a família pode ajudar ou dificultar esse processo laboral (ALMEIDA; PINHO, 2008).

Na sociedade contemporânea há um processo de desinstitucionalização, em que os jovens estão propensos a terem múltiplos processos de socialização (DAYRELL, 2007). Por isso, não somente a família e a religião são vistas como influenciadoras no processo de escolha profissional desses estudantes dos pré-vestibulares sociais da UFF e da UENF. A escola, os amigos, os professores, as classes sociais e mídia são outros fatores que influenciam na escolha laboral, e essa questão será apresentada ao decorrer do trabalho.

Difícilmente alguém irá começar uma pesquisa sem que antes tivesse algum tipo de ligação com o objeto ou/e com o campo escolhido. É dentro da sociedade e das relações que vivenciamos que passamos a ter alguns questionamentos que possivelmente pode vir a ser um tema de pesquisa. Até porque, como que podemos ter interesse em desenvolver um trabalho sobre uma determinada realidade se nunca antes ouvimos ou vivenciamos a mesma? É pouco provável.

Portanto, minha motivação para a pesquisa decorre da experiência vivida como professora no pré-vestibular da UFF no período de 2015 a 2017 e no pré-vestibular da UENF em 2018, em que, nos primeiros dias de aula fiz uma gincana como forma de

saber para qual área aqueles alunos desejava se candidatar em relação ao ensino superior. Através dessa gincana de aula inaugural despertou-me o desejo de me aprofundar sobre as influências que poderiam existir por trás daquelas escolhas profissionais.

O Pré-vestibular tem como objetivo preparar os alunos para o exame classificatório para o ingresso em universidades. Por isso, o processo de escolha profissional pode anteceder a entrada do jovem no pré-vestibular, e também durante a trajetória em que esses alunos estão estudando nesses pré-vestibulares. Assim sendo, justifica-se a pesquisa que investigue as múltiplas tensões do processo de escolha profissional aos quais os jovens estão submetidos, e igualmente pensar como a família e a religião influenciam nesse processo.

O primeiro capítulo desse trabalho dedica-se a abordar as concepções centrais da pesquisa contando como base os referenciais teóricos que abordem a juventude e sua relação com a escolha profissional, família e a sua relação com a juventude, o processo de socialização juvenil e a religião em interface com a juventude. É de suma importância essa abordagem teórica como pilar que sustentará toda a pesquisa e debaterá com os resultados obtidos através dos questionários e entrevistas.

O segundo capítulo discorre sobre o campo de pesquisa em que o presente trabalho foi realizado e apresenta um breve histórico dos pré-vestibulares sociais no Brasil, assim como a sua importância na democratização do ensino. Por fim, há a exposição dos resultados dos questionários aplicados aos alunos de ambos pré-vestibulares em relação ao perfil desses alunos e a questão de escolha profissional.

No terceiro capítulo são apresentados os resultados das entrevistas realizadas com os alunos do Pré-vestibular Josué de Castro (UFF) e Pré-vestibular social Teorema (UENF) em relação a influência da família no processo de escolha profissional. Assim como também são abordados os resultados das entrevistas realizadas com os pais de alguns dos alunos, como forma de verificarmos se esses responsáveis têm percepção de que podem estar sendo influenciadores no processo de escolha profissional dos filhos, sendo de modo positivo ou negativo.

No quarto e último capítulo são analisadas as entrevistas realizadas com os alunos a respeito de a religião ser uma das influências no processo de escolha profissional e também são apresentados os resultados das entrevistas feitas com alguns líderes religiosos a respeito da possível influência da religião no processo de escolha profissional dos jovens fiéis.

## **1. JUVENTUDE, FAMÍLIA E RELIGIÃO: BREVES CONCEPÇÕES ACERCA DA ESCOLHA PROFISSIONAL.**

O presente capítulo objetiva abordar as concepções centrais da pesquisa mediante uma ligeira revisão bibliográfica das categorias analíticas da mesma. Essa revisão foi realizada a partir de referências bibliográficas que discutem juventude, instituições sociais, família e religião. A revisão bibliográfica é importante por retomar estudos prévios sobre o tema e servir de base para a interpretação dos resultados obtidos.

Sendo os sujeitos investigados nesta pesquisa jovens com idade entre 16 a 26 anos, é de suma importância compreender as mudanças que ocorrem nessa fase da vida dos indivíduos, os processos sociais que modificam a condição de jovem, o modo como eles vivenciam e experimentam essas mudanças.

Para maior compreensão da possível influência que a família e a religião podem exercer sobre o processo de escolha profissional dos jovens, é imprescindível a abordagem sobre as instituições sociais e o processo de socialização, visto que a família e a religião são instituições socializadoras e é por meio delas que a identidade dos indivíduos são formadas.

Assim, esse capítulo está dividido nos seguintes tópicos: juventude e escolha profissional; instituições sociais: condicionantes na fase juvenil e das escolhas dos jovens; família e sua relação com o jovem e religião e suas interferências na juventude.

Espera-se dessa forma nortear o leitor sobre os pontos centrais dessa pesquisa, assim como servir de base teórica para interpretação das informações obtidas no trabalho de campo realizado, as quais serão apresentadas nos demais capítulos.

### **1.1 Juventude e escolha profissional**

Apreender o fenômeno da juventude e sua heterogeneidade é um importante desafio para este trabalho, pois nosso interesse volta-se para a compreensão dos condicionantes na escolha profissional dos jovens de dois pré-vestibulares sociais localizados na cidade de Campos dos Goytacazes-RJ

A ideia de juventude surge na modernidade, e alguns cientistas sociais, no esforço de compreender esse fenômeno social, vêm tentando definir esse conceito à luz

da nossa realidade concreta através de pesquisas com diferentes universos empíricos (PAIS, 1990; DAYRELL, 2003; QUINTILIANO, 2008).

A atenção desses e de diversos outros pesquisadores para o tema/problema da juventude contemporânea contribuiu para que o assunto fosse tratado com mais atenção na esfera governamental brasileira, com vistas à ampliação de políticas públicas. Um marco importante nesse sentido foi a criação do Estatuto da Juventude pelo Governo de Dilma Rousseff. Segundo esse documento oficial, “são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade” (BRASIL, 2013). Porém, apesar da importância existente na definição etária para fins de políticas públicas, a bibliografia sugere que o conceito de juventude vai além dessa definição, visto que esses sujeitos sociais fazem parte de múltiplos pertencimentos (CORDEIRO, 2009).

O conceito de juventude presta-se a múltiplas significações e usos, destacando-se a ponderação da diferença em relação às demais fases da vida do indivíduo (AGUIAR e ALMEIDA, 2011). Nadine Esteves (2016 apud PERALVA, 1997, p. 17) afirma que a categoria juventude é relacionada com o desenvolvimento biopsíquico, mas não é “um fenômeno puramente natural, são construídas socialmente e suas classificações variam de acordo com o tempo e de acordo com a sociedade”. Para Quintiliano (2008), a juventude é entendida como a fase da vida em que o indivíduo se prepara para ser inserido no mundo adulto através de um processo de construção de autonomia. Essa visão de preparação para inserção na fase adulta faz com que o conceito de juventude seja visto como um momento de transitoriedade, em que o jovem é um “vir a ser” (DAYRELL, 2003), não dando menção do passado construído durante as demais fases da vida desse indivíduo.

A definição da juventude como “vir a ser” é abordada por Dulce Helena Soares (1987) e Dayrell (2003). Segundo Soares (1987) o jovem é caracterizado por estar em fase de transição entre ser criança e o mundo adulto. Para a autora, o jovem ainda apresenta comportamentos e interesses que estão presentes nas ações e desejos de uma criança. Ao mesmo tempo, estão presente nos comportamentos de tomadas de decisões provenientes da vida adulta como, por exemplo, a escolha de qual profissão exercer. Essa fase de transição é marcada por inseguranças e medos (SOARES, 1987) com relação ao futuro que começa ser idealizado no presente. Juarez Dayrell (2003), por sua vez, mostra que há diversas formas de ver o significado do que é juventude e destaca a condição de transitoriedade abordada pelo senso comum.

[...] nos deparamos no cotidiano com uma série de imagens a respeito da juventude que interferem na nossa maneira de compreender os jovens. Uma das mais arraigadas é a juventude vista na sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é um “vir a ser”, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente. (DAYRELL, 2003. p. 2)

Quando o jovem é caracterizado como um “vir a ser”, nega-se a historicidade presente na vida desse indivíduo. A fase de transitoriedade faz com que a compreensão do ser jovem debruce em sua negatividade, deixando de lado o passado e presente vivido pelos jovens e focando no que eles possam vir a ser no futuro. A descrição do jovem em sua negatividade marca uma caracterização juvenil em que esse período é visto como um momento de crise (DAYRELL, 2013), incertezas, medos e responsabilidades. Tal negatividade normalmente ocorre com os jovens de família proletária, que estão submetidos a tomadas de decisões mais rígidas do que as possíveis escolhas feitas por um jovem proveniente de família burguesa, de classe média ou abastada.

A percepção teórica da vivência e compreensão que os atores atuais fazem em relação aos jovens é um avanço nas diferentes formas de teorizar a juventude. Nesse sentido, a análise das tomadas de decisões desses jovens faz com que eles sejam vistos como sujeitos sociais que constroem a própria trajetória, levando em consideração o tempo, o espaço, as experiências que vivem nos mais diversos contextos. Desse modo, tais jovens deixam de ser vistos apenas a partir do que poderão se tornar no futuro (vir a ser) e o projeto de vida, até então tecido, adquire relevo; igualmente, outras variáveis são descortinadas para a compreensão das juventudes, pois elas “carregam consigo infinitas “faces” como grupos étnicos distintos, cor da pele, classe social, cotidianos, projetos de vida e futuro, culturas, costumes, que os definem como diversos (as) e diferentes” (SCHERER; PERONDI; SILVA, 2014, p. 20).

Devido à pluralidade de condicionamentos que perpassam as juventudes, é necessário ao pesquisador considerar a classe social, a etnia, o gênero, os costumes, as culturas e as experiências vivenciadas pelos jovens e como as significam para que possam ser vistos como sujeitos que constroem um determinado modo de ser jovem a partir de estruturas que condicionam suas ações e escolhas (DAYRELL, 2003).

Dayrell (2007) propõe o conceito de condição juvenil. Segundo o autor, a condição juvenil se refere à maneira de ser dos jovens, ao modo como vivenciam a própria condição, juntamente com a forma pela qual a sociedade cria significados para esse momento da vida dos indivíduos, considerando o contexto e a dimensão histórico-geracional.

(...) Optamos por trabalhar com a ideia de “condição juvenil” por considerá-la mais adequada aos objetivos dessa discussão. Do latim, *conditio* refere-se à maneira de ser, à situação de alguém perante a vida, perante a sociedade. Mas, também, se refere às circunstâncias necessárias para que se verifique essa maneira ou tal situação. Assim existe uma dupla dimensão presente quando falamos em condição juvenil. Refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc. Na análise, permite-se levar em conta tanto a dimensão simbólica quanto os aspectos fáticos, materiais, históricos e políticos, nos quais a produção social da juventude se desenvolve (DAYRELL, 2007, p. 1108).

Há alguns fatores que são abordados por Dayrell (2007) que podem caracterizar essa condição juvenil. Um deles é o trabalho. O autor enfatiza que não é possível caracterizar os jovens brasileiros pela moratória em relação ao trabalho como é feito nos países europeus, pois há uma grande parcela de jovens que só podem vivenciar essa condição juvenil porque trabalha para garantir o lazer, o namoro ou o consumo (DAYRELL, 2007). Outro campo em que se pode caracterizar a condição juvenil é no mundo da cultura e do consumo, pois são neles que os jovens buscam demarcar essa identidade juvenil.

Estas culturas, como expressões simbólicas da sua condição, manifestam-se na diversidade em que esta se constitui, ganhando visibilidade por meio dos mais diferentes estilos, que têm no corpo e seu visual uma das suas marcas distintivas. Jovens ostentam os seus corpos e, neles, as roupas, as tatuagens, os *piercings*, os brincos, dizendo da adesão a um determinado estilo, demarcando identidades individuais e coletivas, além de sinalizar um *status* social almejado. Ganha relevância também a ostentação dos aparelhos eletrônicos, principalmente o MP3 e o celular, cujo impacto no cotidiano juvenil precisa ser mais pesquisado (DAYRELL, 2007, p. 1110).

As culturas e preferências de consumo manifestas pelos jovens através do seu modo de se vestir, dos lugares que frequentam, das ostentações (ou não) de objetos que determinam um estilo, caracterizam também o lugar em que esse jovem está inserido na sociedade. A busca de distinção remete não apenas à classe social a que esses jovens pertencem, mas também ao desejo de um *status* social, que vai além do destino consagrado pela classe a que pertence.

A amizade também é um fator para que a condição juvenil se desenvolva. É através da interação com os semelhantes, da turma de amigos que os jovens fazem seus programas, trocam experiências, buscam formas de se estabelecerem no mundo adulto criando um “eu” e um “nós” distinto (DAYRELL, 2007). A ideia de pertença a um determinado grupo de amigos faz com que alguns jovens anulem a própria identidade individual, manifesta antes da inserção a esse grupo, para representar um “eu” (GOFFMAN, 2017) que faz parte da identidade construída dentro desse grupo de acordo com as regras estabelecidas pelo mesmo.

Visto que o grupo é permeado de regras (BOURDIEU, 2011) estabelecidas por meio de interesses comuns dos participantes que o integra, para que alguém passe a fazer parte desse grupo, é preciso que siga as regras ali impostas. Quando um jovem começa a integrar-se a um determinado grupo de amigos, é comum que ele passe a ter comportamentos e características semelhantes às dos demais componentes desse grupo por se identificar ou para que seja aceito nesse meio. O receio de ser excluído desse grupo de amigos e não ser aceito ao manifestar o seu “eu” verdadeiro aumenta a possibilidade do jovem se comunicar com esses amigos através de uma fachada<sup>1</sup> criada por ele mesmo, que pode se transformar em *habitus* (BOURDIEU, 2007) posteriormente.

Portanto, é através da interação com outras identidades e conjunturas (MAGALHÃES, 2016) que a identidade juvenil pode ser construída, sendo o grupo de amigos um desses meios que também corrobora com a escolha de um curso superior, que implica uma escolha profissional.

A despeito da importância que tiveram as instituições como família, escola, religião, Dayrell (2007) afirma que na sociedade contemporânea há um processo de

---

<sup>1</sup> Segundo Goffman (2014, p.34) a fachada “é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação”. Quando o indivíduo está representando um “eu” mediante a um determinado grupo social do qual ele é influenciado ou influencia, tal indivíduo passa a fazer uso de uma fachada para que sua representação tenha força.

desinstitucionalização, a saber, os jovens não são totalmente socializados de acordo com as orientações das instituições sociais, pois eles estão expostos a diversos universos sociais, que implicam múltiplos processos de socialização. Os valores e comportamentos que o indivíduo aprende na família são confrontados com outros valores e comportamentos propostos pelos amigos, pela escola, pela mídia, pela publicidade, etc. Segundo Dayrell os jovens recriam seus próprios momentos de socialização que vão além das instituições.

Anteriormente, Soares (1987) salienta que a identidade do jovem é formada através das relações que se estabelecem entre pessoas que desempenham papéis sociais de destaque na vida de cada indivíduo como, por exemplo, os pais, os professores, os amigos, personagens do mundo da cultura, ídolos, etc. Segundo a autora, desde a infância os indivíduos já se identificam conscientemente ou inconscientemente com os demais, fazendo com que experimentem papéis que irão servir de base para o estabelecimento da própria identidade. Diferentemente de Dayrell (2007) ao dizer que os jovens não são apenas socializados pelas instituições, pois ao decorrer de sua vida eles podem obter múltiplos processos de socialização, Soares (1987) acredita que a base da identidade adulta é formada no processo de socialização obtido pelas instituições sociais desde a infância.

Apesar das várias dimensões da identidade, Soares (1987) destaca em seus estudos a identidade profissional. Para a autora, o jovem apresenta dificuldade em definir sua identidade quando há conflito na escolha profissional.

A busca de integrar estas identidades diversas dá-se quando o jovem vem solicitar auxílio na escolha profissional. O que ele está querendo é que alguém lhe ajude a definir quem ele quer ser e quem ele não quer ser. Por exemplo, se ele chega com a dúvida entre seguir medicina ou fazer arquitetura, sua ansiedade maior é esta. O conflito que emerge em relação a escolha de quem ser, através de algo que fazer (a profissão), expressa esta dificuldade em definir sua identidade (SOARES, 1987, p. 18).

Para a autora, o jovem faz a sua escolha profissional em referência a outras pessoas, escolha não apenas realizada como demonstração do que ele deseja ser profissionalmente, mas também do que ele não deve escolher ser. Dessa forma, a escolha profissional é determinada pelos aspectos socioeconômicos e políticos do país (SOARES, 1987), tem vínculo com a relação que o jovem estabelece com as pessoas

que para ele são importantes, as quais reforçam ou negam a identidade vocacional que é escolhida por esses sujeitos em meio a diversos condicionantes. Um exemplo mencionado nos estudos de Soares é que

(...) as profissões dos pais geralmente influem de forma decisiva na maneira de ver o mundo profissional pelo jovem. Sua identidade profissional estará marcada pela satisfação ou não que seu pai tenha no seu trabalho (SOARES, 1987, p. 19).

Podemos observar que nessa visão as profissões exercidas pelos pais do jovem são de grande importância para a escolha profissional do mesmo, seja de maneira positiva, em que esse jovem queira seguir a mesma carreira profissional dos pais, ou de uma forma negativa, na qual, vendo como é o dia a dia profissional dos pais, o jovem não se identifique com essa profissão e opte por outra totalmente diferente. No contexto das classes populares, a possibilidade de cursar o ensino superior é uma novidade a que muitos dos pais desses jovens não tiveram acesso, um desejo de muitas famílias que seus filhos não sigam o mesmo destino que lhes fora reservado em trabalhos que exigem pouca instrução e são mal remunerados.

Na contramão desta perspectiva, escrevendo em outro contexto histórico no qual as tecnologias de informação, a globalização, a precarização das relações de trabalho tornaram-se uma realidade, Dayrell (2007) sugere que a vivência de múltiplos processos de socialização que o jovem experimenta em sua trajetória diminui a importância da influência das instituições de socialização primária (família, escola e religião) na escolha do curso de ensino superior ou na escolha profissional. Tais escolhas seriam baseadas em desejos, metas e idealizações que não teriam relação com tais instituições ou proximidade com as pessoas, as quais seriam importantes para o jovem como, por exemplo, a mãe, o pai, os parentes, os amigos e a/o professora (o). Segundo Dayrell (2007), há na contemporaneidade uma reinstitucionalização das instituições sociais, em que acontece a passagem de uma sociedade disciplinadora para uma sociedade de controle. Nesse processo, a mídia, as tecnologias de informação penetram e interferem em todos os espaços institucionais, constituindo-se também um meio de socialização e de influência.

Nessa mesma chave interpretativa, crianças, adolescentes e adultos, a partir da inserção inicial da mídia digital na sociedade, passam a viver a dominância de um contexto não mais real e sim virtual (VOLKOVA et al, 2016), em que há a possibilidade

de se criar imagens de si mesmo que se distanciam do que é real. Apesar das facilidades que os jovens atualmente têm em saber as características que determinada profissão carrega, assim como os seus pontos positivos e negativos, não necessariamente ao seguir essa carreira profissional os jovens terão as mesmas condições que lhe são mostradas através de séries, novelas, documentários, etc.

Podemos observar nessa discussão que a caracterização do que é ser jovem vai além de uma definição etária ou de um vir a ser adulto, pois envolve a referência a múltiplos condicionantes e estruturas que influenciam as escolhas dos jovens, a despeito das quais eles também exercem influência por meio do agenciamento das próprias ações, vivenciando e recriando a própria condição.

De um lado, Soares (1987) ao escrever num contexto em que as novas tecnologias, a internet e a globalização não estavam tão presentes na vida social brasileira, destaca a importância das instituições primárias (família, religião, escola) mediante as figuras que são referências aos jovens para a construção da identidade profissional, como elas influenciam a escolha profissional. De outro lado, Dayrell (2007) já num contexto em que os efeitos da globalização são marcantes na vida social brasileira, quando computadores, *smartphones*, *smart TVs*, as novas tecnologias surgiam como artefatos capazes de transformarem as interações e as relações sociais, a importância das instituições primárias na socialização dos jovens perde a força que exercia antes e, por conseguinte, influi nas escolhas profissionais.

Ambas as perspectivas servirão de balizas na interpretação dos dados empíricos levantados por essa investigação. Aquilo que os jovens declaram nessa pesquisa acerca dos condicionantes das próprias escolhas profissionais terá como referência analítica para a interpretação dos resultados desses dois conceitos conflitantes acerca da juventude no contexto da escolha profissional, de modo que possamos corroborar, questionar ou complementá-los no tocante ao nosso ponto específico: os condicionantes da escolha profissional de jovens que frequentam os pré-vestibulares populares na cidade de Campos dos Goytacazes.

## 1.2 Instituições sociais: condicionantes na fase juvenil e das escolhas dos jovens.

Em vista das considerações anteriores, segundo as quais a identidade dos jovens é formada através da relação estabelecida entre pessoas que fazem parte do seu convívio (SOARES, 1987), é necessário que haja um olhar sobre as instituições sociais que

ainda, apesar do contexto de reinstitucionalização (DAYRELL, 2007) na contemporaneidade, condicionam os jovens. Como visto, dentro das múltiplas caracterizações juvenis, podemos salientar que os jovens não são somente passíveis da influência ocorrida através da socialização, mas também são influenciadores. No que se refere às escolhas como, por exemplo, a escolha profissional, os jovens a faz tendo por referência outras pessoas que integram seu convívio: os membros da família, o líder religioso, os amigos e os professores (SOARES, 1987).

Dessa forma a abordagem sobre como acontece o processo de socialização juvenil é importante para a construção da identidade do indivíduo, fazendo-se necessária nesse trabalho como forma de refletir a respeito de como somos moldados de acordo com as instituições sociais em que somos inseridos durante todas as fases da vida.

Sendo assim, como ocorre esse processo de socialização em que os jovens, apesar de serem também influenciadores, ainda estão sujeitos a receberem influência, principalmente nas tomadas de decisões que ocorrem na fase juvenil? Quais são essas instituições que fazem parte do processo de socialização e como ocorre esse processo? Afinal, o que é uma instituição social?

Miranda (2017), em suas pesquisas sobre instituições e poderes, relata que, para Goffman, as instituições integram e regulam os indivíduos, fazendo com que eles interiorizem uma ordem social, pois a interação suscita determinadas leis de convívio entre os agentes. Ramos e Nascimento (2008) apontam que as instituições estão presentes em todas as sociedades e norteiam aquilo que para os indivíduos é permitido ou não no meio social em que ele está inserido, limitando suas ações. Sem as instituições o ser humano viveria sendo conduzido apenas por seus instintos mais básicos, que segundo os autores, são: sexo, fome, descanso e sede. Portanto há entre o indivíduo e as instituições sociais uma relação de interiorização composta por duas fases: incorporação e a personificação (RAMOS E NASCIMENTO, 2008).

O processo que descreve a relação entre o indivíduo e as instituições se chama interiorização. Em sua primeira fase há a incorporação: é quando os valores das instituições são interiorizados. Na segunda, há a personificação: é quando o indivíduo projeta para o meio os valores institucionais devidamente assimilados e incorporados de sorte a permanecerem originais e particularmente desenvolvidos. Essa é uma das grandes qualidades do pensamento institucional, tornar as instituições tão internalizadas que parecem inexistentes ou invisíveis (RAMOS; NASCIMENTO, 2008, p. 4).

Dessa forma, ao interiorizar os valores criados pelas instituições sociais na fase da incorporação, descrita pelo autor, o jovem passa a crer em um conceito de verdade da qual pode distinguir-se do que é considerado como verdade em outros meios sociais que esse jovem possa frequentar. Dentro dos espaços sociais que os jovens transitam, além das instituições sociais que são consideradas como socializadoras (como, por exemplo, a escola, família e religião), pode ocorrer que esse indivíduo projete os valores institucionais que internalizou. É através de um esquecimento ideológico que os discursos realizados pelos indivíduos fazem parecer que são criados por eles, quando na realidade são ideologias criadas e divulgadas para nós através de outras pessoas.

Segundo Berger (1978) há cinco características fundamentais das instituições sociais: exterioridade, objetividade, coercitividade, autoridade moral e historicidade.

Na exterioridade, as instituições são exteriores à realidade dos indivíduos. Difere da prática formada pelos sentimentos, fantasias e pensamentos e se assemelha a de outras entidades que contêm corpo físico e também fazem parte da vida exterior do indivíduo. Um exemplo é a escola, que além de ser uma instituição social que não faz parte do interior do indivíduo, pode ser palpável.

Já na objetividade as instituições são possuidoras de assertividade que faz com que os indivíduos aceitem as regras estabelecidas como sendo a verdade, tornando a linguagem dos demais indivíduos semelhantes e objetiva (BERGER, 1978).

Na Coercitividade as instituições possuem forças coercitivas, exercendo poder sobre o indivíduo. Devido às constantes mudanças que ocorre nas instituições, como por exemplo, na família que em décadas passadas tinha como configuração o modelo tradicional e atualmente tem-se visto variáveis modelos familiares, o poder exercido sobre um indivíduo não necessariamente será o mesmo em relação a outra pessoa mesmo quando a instituição é a mesma (BERGER, 1978).

Porém, quando o indivíduo deseja modificar o estado das coisas que estão sendo impostas pela instituição, é bem provável que essa instituição se apresente de forma bastante rude. O autor dá como exemplo uma família de classe média que persuade uma criança a pronunciar o inglês correto quando a mesma erra, para que tal erro não se repita. Esse poder coercitivo se estende para além do âmbito familiar, pois perdura também na escola, segunda instituição da qual o indivíduo é inserido.

Na autoridade moral, as instituições sociais não se mantêm apenas através da coercitividade, mas também obtém um direito de legitimidade. Não somente pune os

indivíduos que violam as leis estabelecidas, como também os repreende no terreno da moral. O grau de autoridade moral varia de acordo com a instituição e a gravidade do desvio cometido pelo indivíduo (BERGER, 1978).

Na historicidade as instituições têm fatos históricos, pois existem antes do indivíduo nascer e continuará existindo mesmo após sua morte. Elas são constituídas de indivíduos que, ao longo da história, contribuíram para as instituições com suas ideias e ações (BERGER, 1978).

Outra característica das instituições é dar legalidade às ações sociais (RAMOS; NASCIMENTO, 2008), mantendo os indivíduos dentro das regras que nelas são estabelecidas. “A internalização das normas, leis e papéis sociais confere à instituição o grau de naturalidade que se observa, dando legalidade às escolhas do indivíduo.” (RAMOS; NASCIMENTO, 2008, p.6).

Os indivíduos não se tornam seres sociais espontaneamente (BELLONI, 2007). É preciso que haja uma interiorização de disposições de humanidade, para que tenham a capacidade de fazerem parte de grupos sociais.

O ser humano não se torna espontaneamente um ser social, um indivíduo. Mesmo se ele dispõe do “equipamento” cognitivo necessário para tornar-se um ser social, é preciso ativar estas capacidades, desenvolvê-las e estruturá-las para transformá-las em competências sociais efetivas. Neste sentido, é preciso que a criança e o adolescente – as novas gerações que asseguram a reprodução da sociedade – interiorizem as disposições que os humanizam, tornando-os indivíduos sociais capazes de fazer parte integrante de grupos sociais (BELLONI, 2007, p. 58).

A abordagem desse autor assemelha-se à fase de interiorização descrita por Ramos e Nascimento (2008), conforme a qual para que um indivíduo torne-se um ser social é preciso que haja a interiorização de “equipamentos” cognitivos. Essa interiorização ocorre através do processo de socialização.

Abordar sobre as instituições sociais e sobre a interiorização das normas, culturas, ética e ideologias que elas impõem sobre os jovens é imprescindível nessa pesquisa, visto que a família e a religião são instituições de destaque nesse trabalho. Essas duas variáveis fazem parte da socialização primária dos indivíduos, são responsáveis pela formação da identidade dos mesmos.

A identidade profissional, como já abordado por Soares (1987) tem a ver com a identidade pessoal. Então, abordar sobre as instituições sociais e o processo de

socialização ganha relevância no presente trabalho como forma de analisarmos como essa interiorização ocorrida na socialização pode ter influência em relação à escolha profissional.

Dessa forma, como ocorre essa socialização? O que ela tem a ver com o processo de escolha profissional dos jovens? São questões a serem debatidas no subtópico a seguir.

### 1.2.1 O processo de socialização

Segundo Belloni (2007), a socialização é um processo contínuo que acontece durante a infância e a adolescência por meio de práticas e experiências vividas que transformam indivíduos em seres sociais, conforme cada sociedade e cultura. Tal processo de socialização, segundo a autora, “(...) é o espaço privilegiado da transmissão social dos sistemas de valores, dos modos de vida, das crenças e das representações, dos papéis sociais e dos modelos de comportamento” (BELLONI, 2007, p. 59). Os ensinamentos transmitidos nesse processo de socialização diferem de acordo com a classe social a que o indivíduo pertence e o grupo familiar (BELLONI, 2007), pois é na relação com o outro, com o qual convive, que os seres humanos fazem sua aprendizagem de ser social (GOMES, 1992).

Belloni (2007) em suas pesquisas sobre socialização destaca que, para a sociologia, a socialização faz parte da reprodução das estruturas sociais, materiais e simbólicas, tornando-se um mecanismo de controle social.

Do ponto de vista da sociologia, o processo de socialização é um fator de reprodução das estruturas sociais, materiais e simbólicas, sendo, por consequência, um mecanismo muito eficaz de controle social e, por isso, objeto da atenção e da ação de diversas instituições sociais (BELLONI, 2007, p. 61).

Dessa forma, a reprodução social ocorre principalmente através da socialização e a educação formal tem sido, ao longo da modernidade, uma instituição importante, antecedida pelos grupos primários (família, amigos, vizinhança). A educação escolar é transmitida pela geração adulta sobre aquela geração que ainda se encontra em processo de socialização, incute tanto os valores comuns requeridos por uma sociedade, quanto valores específicos, capacidades e habilidades requeridas pela divisão social do

trabalho. Ela contribui para que o indivíduo se desenvolva em seu estado físico, intelectual e moral, difunde os valores comuns de sua sociedade, mediante o conhecimento das normas sociais, e aqueles valores específicos da profissão que a sociedade reserva aos indivíduos.

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não estão maduras para a vida social. Ela tem como objetivo suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e morais exigidos tanto pelo conjunto da sociedade política quanto pelo meio específico ao qual ela está destinada em particular (DURKHEIM, 2011, p.53-54).

Portanto, para Durkheim o processo de educação é construído também através do processo de socialização no qual a moralidade e a religião são, em grande medida, instituições que fazem o indivíduo interiorizar a cultura implantada na sociedade em que vive.

Mas, diferentemente do que pensa Durkheim, inspirada nas teorias educacionais mais recentes, Belloni (2007) sustenta que a socialização constitui um processo de apropriação e de construção, em que o indivíduo faz parte desse processo também como ator e não como um ser que os valores são inculcados sem a sua participação.

(...) Ao contrário da concepção determinista de Durkheim e do que está implícito em muitas teorias pedagógicas mais recentes, a socialização não é um processo de inculcação de valores e saberes pela família, escola e outras instituições, complementada pela influência mais ou menos difusa de elementos do meio ambiente natural e social. Do ponto de vista da criança, a socialização constitui um processo de apropriação e de construção, por meio da participação ativa do indivíduo jovem que intervém, age e interage com todos os elementos de seu universo (BELLONI, 2007, p. 61).

Igualmente, Quintiliano (2008) descreve que para Berger a socialização não é um processo unilateral de pura aceitação. O indivíduo não é um ser passivo em que só lhe é introduzido os valores, crenças e moral. Ele faz parte desse processo em que a socialização só consegue ser realizada porque a criança interage e se identifica com o outro.

Berger também alerta para o fato de que a socialização não é um processo unilateral de pura assimilação/aceitação, ou seja, a criança não é uma “vítima passiva” da socialização que se apresenta como “um processo recíproco” que afeta a todos os envolvidos. Poderíamos

dizer que a socialização só ocorre porque existe dentro desse processo um mecanismo de “interação e identificação com os outros”, onde a criança “aprende a desempenhar o papel do outro”. (QUINTILIANO, 2008, p. 4).

O processo de socialização exige que haja mediadores entre o mundo físico, social e a criança (GOMES, 1992). É nessa relação que ocorre entre o adulto e a criança que a aprendizagem do ser social acontece, segundo Gomes (1992). Porém a criança não é socializada apenas para ser introduzida no mundo social (QUINTILIANO, 2008), mas também para exercer uma determinada individualidade, em que é nomeada como identidade. O processo de construção do sujeito é realizado no coletivo (MAHEIRIE, 2002). Ao mesmo tempo que ele realiza a sua história, também está realizando a do outro.

Todo processo de construção deste sujeito é realizado no coletivo e, por ser uma obra de autoria coletiva, em maior ou em menor medida, a história pode lhe escapar. Assim, inserido neste cenário de múltiplas singularidades que se entrecruzam, ele realiza a sua história e a dos outros, na mesma medida em que é realizado por ela, sendo, por isso, produto e produtor, simultaneamente. Ele não a realiza como bem entende, mas também não se constitui como um objetivo dela, podendo realizá-lo de uma forma mais ou menos alienada, sempre em função de um projeto (MAHEIRIE, 2002, p. 36).

Nessa perspectiva, a socialização pode ser caracterizada como um processo de interação, em que o indivíduo interage e domina as situações que lhes são apresentadas a partir de suas experiências no mundo vivido (BELLONI, 2007), das tradições culturais e espaço social que fazem parte da sua formação.

Para Giddens (2004), a socialização é um processo vitalício em que o indivíduo tem seu comportamento humano configurado de forma contínua por interações sociais, desenvolvendo o seu potencial. Dessa forma, para o autor, existe a socialização primária e a socialização secundária. A socialização primária ocorre durante a infância, em a família é a principal instituição socializadora. A socialização secundária ocorre mais adiante da infância até a fase adulta em que outras instituições sociais como a escola, igreja, grupos sociais, o trabalho e demais instituições assumem a responsabilidade que pertencia à família.

Para Belloni (2007), a família é uma instância-chave para a socialização primária. Porém, para Dayrell (2007), como já visto anteriormente, na sociedade

contemporânea os indivíduos não são totalmente socializados a partir das orientações das instituições. Segundo o autor, os valores e comportamentos aprendidos no âmbito da família são confrontados com outros valores existentes na escola, na mídia, nos grupos de pares, etc. Os indivíduos podem aprender novos modelos de cultura que não são ensinados pelas instituições sociais que são consideradas como tradicionais.

Podemos afirmar que, na sociedade contemporânea, os atores sociais não são totalmente socializados a partir das orientações das instituições, nem a sua identidade é construída apenas nos marcos das categorias do sistema. Significa dizer que eles estão expostos a universos sociais diferentes, a laços fragmentados, a espaços de socialização múltiplos, heterogêneos e concorrentes, sendo produtos de múltiplos processos de socialização. (...) Os valores e comportamentos apreendidos no âmbito familiar, por exemplo, são confrontados com outros valores e modos de vida percebidos no âmbito do grupo de pares, da escola, das mídias etc. Pertence, assim, simultaneamente, no curso da sua trajetória de socialização, a universos sociais variados, ampliando os universos sociais de referência (DAYRELL, 2007, p. 1114).

Dessa forma, as culturas produzidas pelos jovens não se caracterizam como “mera reprodução do mundo adulto e das instituições tradicionais.” (GUIMARÃES; DUARTE, 2011, p. 146). Os jovens e o processo de socialização são relativos a cada período histórico e a cada sociedade em questão. Considerando que o processo de socialização é relativo ao período histórico, na contemporaneidade há uma reinstitucionalização das instituições (DAYRELL, 2011), fazendo com que elas se reconstruam, já que as mesmas são propensas à crise. Dayrell (2011) cita Pais ao afirmar que para esse autor estamos vivendo a passagem da sociedade disciplinadora para a sociedade de controle.

Ao comentar sobre esse mesmo processo, Pais (2003, p. 316) afirma que “assistimos à desinstitucionalização do social, não porque as instituições estejam em declínio ou em via de extinção, mas pelo fato de serem vias de mudanças sociais”. Para ele, seria mais apropriado falar em uma “re-institucionalização permanente”, uma vez que as instituições revelam uma propensão para a crise, encontrando-se em uma permanente reconstrução. Segundo esse autor, estaríamos assistindo a uma passagem da sociedade disciplinadora para uma sociedade de controle, na qual persistem as lógicas disciplinadoras, mas agora dispersas por todo o campo social (DAYRELL, 2007, p. 1115).

Dentre as mudanças que aconteceram em relação às instituições socializadoras, no contexto escolar, por exemplo, houve o “desmoronamento dos muros que garantiam uma autonomia das instituições, tornando difícil distinguir o dentro e o fora, com os contornos cada vez mais tênues” (DAYREL, 2011, p. 1115). O desenvolvimento das tecnologias e das comunicações na atualidade faz com que a televisão, os *smartphones*, o cinema, as redes sociais, as páginas de internet, as mídias e aplicativos, etc. se destaquem no cotidiano das pessoas, tornando-se também instituições socializadoras. Segundo Setton (2011), desde 1970 a sociedade vem presenciando o aumento da comunicação em massa, em que a mídia tem sido destaque. A mídia produz significados que formam um tipo de imaginário nos indivíduos, estabelecendo uma dinâmica específica, trazendo à sociedade moderna um novo modo de compreensão, reprodução e transformação (QUINTILIANO, 2008).

É nesse contexto de transformações mundiais, impulsionadas pelo processo de globalização, pela disseminação de novas tecnologias - como computadores, *smartphones*, televisão *smart* -, com seus conteúdos ligados ao mundo da publicidade e do consumo, que os jovens, hoje, constroem a própria trajetória em meio às dificuldades que a sociedade brasileira reserva à grande maioria deles. A mídia suscita no meio juvenil um modo de se relacionar e de construir identidades que décadas atrás não era possível.

Vimos que, para Durkheim (1958), os indivíduos se tornam seres sociais quando interiorizam a cultura da sociedade em que estão inseridos. Podemos dizer que a construção da identidade dos jovens é realizada mediante as instituições que ainda são consideradas como socializadoras, e a família se enquadra como instituição socializadora primária. Ou seja, é na família que os indivíduos aprendem a cultura da sociedade em que vivem. Da mesma forma é no âmbito desse grupo social que as pessoas começam a seguir determinadas religiões de acordo com o que é imposto nesse grupo social. É no meio familiar que, além da construção da identidade juvenil, também se realiza o começo da trajetória religiosa, ou não, caso a família desse sujeito não tenha religião.

Como já mencionado anteriormente, segundo Soares (1987), a identidade profissional do jovem está ligada à identidade pessoal, ou seja, os jovens fazem suas escolhas profissionais baseando-se em referências de outras pessoas que estão próximas do seu convívio social, como por exemplo, os parentes, os professores e os amigos. Não diferentemente, a mídia atualmente também faz parte desse processo de escolha laboral,

visto que a tecnologia tem se alastrado no meio social dos jovens de tal maneira que os mesmos, em muitas situações, acabam confundindo o real como o fictício que é apresentado pela Internet, pelas séries, pelas novelas e demais canais de acesso virtual. Ou ainda, utilizando essas tecnologias em proveito próprio, assistindo aulas no Youtube, aprendendo cursos de idioma por aplicativos, fazendo testes vocacionais na Internet, etc.

O fato é que a extensão da mídia e a falta de debate em relação à escolha profissional podem fazer com que os jovens façam escolhas baseadas em relatos irreais, ou seja, profissões que na mídia são exposta de uma forma totalmente diferente de como são na realidade, no dia a dia.

Dessa forma, não somente a família e a religião são instituições que influenciam na escolha profissional dos jovens, mas também a mídia, a escola, os amigos, as redes sociais, o conteúdo disponível na Internet e os meios sociais em que esses jovens transitam. Nesse tópico fez-se importante abordar sobre as instituições sociais e a socialização devido à formação da subjetividade que tem relação com a identidade profissional; ou seja, o que somos, o que pensamos, o meio social a que pertencemos ou em que estamos, a cultura que interiorizamos, o mercado de trabalho existente na sociedade em que vivemos e a classe social de que fazemos parte.

### 1.3 Família e sua relação com o jovem.

Com base na abordagem realizada anteriormente, que foi apresentado que algumas instituições são vistas como responsáveis pela socialização dos indivíduos, pesquisar sobre a família é de suma importância, pois a mesma é considerada como principal fonte de socialização (RAMOS e NASCIMENTO, 2008). A família passa por um período de ressignificação (RAMOS e NASCIMENTO, 2008). Nesse cenário, ela ainda consegue ter a mesma influência que alguns autores relatam que tinha nos séculos passados? O que é a família do ponto de vista da moderna teoria social? Qual é a particularidade das configurações familiares no Brasil contemporâneo? São questões que iremos abordar no decorrer desse tópico.

Segundo Giddens (2004), a família é “um grupo de pessoas unidas directamente por laços de parentesco, no qual os adultos assumem a responsabilidade de cuidar das crianças” (GIDDENS, 2004, p. 175). Nessa perspectiva o conceito de família é caracterizado a partir dos laços efetivados através do casamento. Quando duas pessoas

se casam tornam-se parentes (GIDDENS, 2004) e os familiares sanguíneos dos cônjuges também passam a ser considerados membros da família. Dentro desse contexto de parentesco, são os adultos dessa família formada pelo casamento que tem a incumbência de cuidar e criar as crianças.

Diferentemente de Giddens, Bourdieu (1996) caracteriza a família como instituição criada socialmente, chamando atenção para as regras estabelecidas pelas pessoas em seu cotidiano, as quais acabam se tornando *habitus*.

(...) a família é produto de um verdadeiro trabalho de instituição, ritual e técnico ao mesmo tempo que visa instituir de maneira duradoura, em cada um dos membros da unidade instituída, sentimentos adequados a assegurar a integração que é a condição de existência e de persistência dessa unidade. Os ritos de instituição (palavra que vem de stare, “manter-se, ser estável”) visam constituir a família como entidade unida, integrada, unitária, logo, estável, constante, indiferente às flutuações dos sentimentos individuais. Esses atos inaugurais de criação (imposição do nome de família, casamento, etc.) encontram seu prolongamento lógico nos inumeráveis atos de reafirmação e de reforço que visam produzir, por uma espécie de criação continuada, as afeições obrigatórias afetivas do sentimento familiar (amor conjugal, amor paterno e materno, amor filial, amor fraterno, etc) (BOURDIEU, 1996, p. 129).

Nessa visão, a caracterização do que é uma família difere de acordo com os membros que pertencem a ela. A família é uma instituição formada por indivíduos que acreditam que deve haver uma união entre eles, incluindo os sentimentos e ações que precisam estar em sintonia, deixando de lado os sentimentos individuais existentes antes da formação dessa “família”. É nesse contexto que também são criadas as afeições que muitas vezes tornam-se obrigatórias como, por exemplo, o amor paterno, o amor materno, o amor filial, etc.

Sabemos que na atualidade há diferentes formas de famílias, não somente a que era considerada a tradicional ou nuclear (mãe, pai e filhos). Existem aquelas famílias que são compostas pela mãe e seus filhos somente; aquelas em que a mãe não se encontra presente, apenas o pai e os filhos; aquela que é composta pela avô (ou avôs) e seus netos; e demais formações que não deixam de ser consideradas como um grupo familiar. Segundo Giddens (2004) o conceito de família é caracterizado a partir dos laços efetivados através do casamento, mas, na presente conjuntura brasileira essa afirmação não dá conta da realidade empírica. Como já mencionado, não existem apenas famílias que são formadas pelo casamento. Há modelos familiares que não

advêm dos laços do matrimônio e não é por isso que deixam de serem consideradas grupos familiares. Então, podemos dizer que a visão de Bourdieu (1999) sobre a família ser uma instituição criada socialmente tem mais coerência em relação à diversidade existente nas famílias brasileiras, conforme os diferentes espaços, classes sociais, etnias e orientações de gênero.

Durante séculos a família tradicional (que era o modelo do que é ser família) foi dominada pela ideia de reprodução biológica (GIDDENS, 2000) e econômica. O casamento era arranjado mediante a escolha dos pais dos noivos, de acordo com os interesses políticos e econômicos existentes. Dentro do âmbito familiar cada um exercia as funções que lhes eram impostas, como por exemplo, o homem deveria ir trabalhar enquanto a mulher tinha a obrigação de ficar em casa cuidando das crianças e tornando o interior do lar aprazível (SINGLY, 2000).

Tal quadro teve mudança a partir dos anos de 1960 em que algumas mulheres (quantidade relativamente baixa) passaram a se dedicar a outros projetos que não eram domésticos, como o de estudar e trabalhar. Com esse advento a família passa por um processo de individualização (SINGLY, 2000) e de construção da igualdade entre homem e mulher.

Devido ao processo de individualização (SINGLY, 2000) ocorrido no âmbito familiar em que o “eu” acaba se tornando mais forte do que o “nós”, homens e mulheres passam a mudar sua maneira de conceber a vida comum. Atualmente não apenas o homem provê o sustento da família. A mulher, ao ingressar no mercado de trabalho, passa a também ser responsável pelo crescimento econômico familiar e essa realidade está visivelmente presente no Brasil.

Segundo Gomes e Pereira (2005) houve nos últimos vinte anos mudanças no plano socioeconômico-cultural devido ao processo de globalização da economia capitalista que vinha interferindo na dinâmica e estrutura familiar brasileira. Logo, estamos falando de famílias no plural por haver diferentes configurações familiares.

A família segundo o imaginário social é um grupo de indivíduos ligados por laços de sangue (GOMES; PEREIRA, 2005), como também afirma Giddens (2012). Mas, para outros autores, a família é

(...) uma construção social que varia segundo as épocas, permanecendo, no entanto, aquilo que se chama de “sentimento de família”, que se forma a partir de um emaranhado de emoções e ações pessoais, familiares e culturais, compondo o universo do mundo

familiar. Esse universo do mundo familiar é único para cada família, mas circula na sociedade nas interações com o meio social em que vivem. (...) Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal; é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e morais, e onde se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais (GOMES; PEREIRA, 2005, p. 358).

A abordagem de Bourdieu (1999) se aproxima dessa caracterização do que é a família na visão das autoras Gomes e Pereira (2005). Pode-se dizer que a família é uma instituição construída socialmente variando de época e cultura, em que o universo criado no meio familiar é único de cada família, ou seja, cada família tem seu modo de estrutura, havendo muitas possibilidades de configuração familiar.

Nascimento (2006) afirma que no Brasil as famílias são formadas por diversas estruturas.

(...) há mães solteiras com seus filhos; pais com filhos adotivos; famílias formadas por casais que já tiveram outros casamentos com filhos e decidiram ter outros filhos dessa união; temos ainda famílias formadas por um casal e um “animal de estimação”... e, também, se questiona se podemos considerar família o solteiro adulto que vive sozinho (NASCIMENTO, 2006, p. 11).

O modelo familiar tradicional ou nuclear não é o único a ser considerado como família, principalmente no Brasil, onde há um aumento de casais sem filhos e das mulheres que assumem seu papel de mãe e pai ao mesmo tempo. Entre outros arranjos familiares que Nascimento (2006) descreve no quadro a seguir.

**Tabela 1:** Famílias com parentesco, residentes em domicílios particulares, segundo o tipo de arranjo familiar. Brasil – 1970-2000

Famílias com parentesco, residentes em domicílios particulares, segundo o tipo de arranjo familiar  
Brasil – 1970-2000

Tipo de arranjo familiar	1970	1980	1991	2000
Total	17 481 114	25 046 119	34 894 507	43 993 672
Casal sem filhos	1 916 609	2 978 420	4 203 738	5 783 250
Casal sem filhos e com parentes	387 435	487 844	610 506	881 208
Casal com filhos	10 825 428	15 234 267	20 335 906	23 915 116
Casal com filhos e com parentes	1 713 993	2 187 462	2 549 797	2 971 769
Mulher chefe/responsável (1) sem cônjuge e com filhos	1 376 580	2 278 095	4 265 599	6 047 643
Mulher chefe/responsável (1) sem cônjuge e com filhos e com parentes	317 395	547 364	936 469	1 542 017
Homem chefe/responsável (1) sem cônjuge e com filhos	268 402	339 870	503 986	762 869
Homem chefe/responsável (1) sem cônjuge e com filhos e com parentes	93 717	102 600	132 377	187 324
Outras famílias com parentesco	581 555	890 197	1 356 129	1 902 476

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 1970-2000.

Notas: 1 - Na categoria Outro estão incluídos arranjos do tipo avó residindo com neto ou dois irmãos, etc. 2 - As pessoas na categoria de agregados, pensionistas, empregado doméstico e parente do empregado doméstico estão distribuídas nos tipos de família.

(1) 1970, 1980 e 1991, relação com o chefe do domicílio; 2000, relação com o responsável pelo domicílio.

Fonte: IBGE. Censo Demográfico 1970-2000. Tabela exposta na pesquisa de Nascimento (2006)

A conjuntura familiar no Brasil teve mudanças significativas e houve, segundo Nascimento (2006), dois fatores que contribuíram para essa transformação: o divórcio, legalizado no Brasil em 1977, e o surgimento da pílula anticoncepcional, que garantiu aos indivíduos a alternativa de uma vida sexual desvinculada da paternidade/maternidade.

Para além das estruturas familiares que foram citadas anteriormente, há núcleos familiares formados por minorias, como por exemplo, os homossexuais (com casamento e adoção de crianças) e a formação da família por meio das técnicas de reprodução que existem atualmente como a inseminação artificial, doadores de esperma, barriga de aluguel, etc. (NASCIMENTO, 2006).

O fato é que muitas famílias brasileiras não seguem o modelo tradicional que é composto pelo pai, mãe e filhos de um único casamento (NASCIMENTO, 2006). As mudanças ocorridas no âmbito familiar brasileiro são destacadas por Nascimento (2006) e revelam que

Em 2000 os lares ocupados por uma pessoa sozinha aumentaram 64%. Os divórcios triplicaram. O número de casamentos legais diminuiu 12%. O número de mulheres que criam seus filhos sozinhos cresceu 53%. Muitas famílias brasileiras já não seguem o modelo tradicional de pai, mãe e filhos de um único casamento. 19,4% das famílias organizam-se de formas nas quais no mínimo um dos pais está

ausente. Um em cada quatro domicílios tem três gerações morando juntas. Enquanto o número de casais em união civil e religiosa, entre 1980 e 2000, teve um decréscimo, passando de 63,9% em 1980, para 58,3% em 1991 e para 49,4% em 2000, o número de uniões consensuais, no mesmo período aumentou consideravelmente, passando de 11,7% em 1980, para 18,5% em 1991 e para 28,6% em 2000. Por outro lado, nos quatro últimos anos censitários o número de pessoas morando sozinhas apresentou aumento em todos os anos: 4,9% (1970), 5,8% (1980), 6,5% (1991) e 8,6% (2000). (NASCIMENTO, 2006, p. 14)

Observamos que houve um decréscimo em relação ao casamento em união civil e religiosa que há décadas era primordial na conjuntura brasileira devido à construção social e moral imposta pela igreja, e em contrapartida houve um aumento das uniões consensuais. Apesar das diversas mudanças na conjuntura familiar brasileira, é necessário relatar as enormes desigualdades que grande parte dessas famílias passam no Brasil e que dificultam a concretização das escolhas profissionais dos jovens.

Independentemente da conjuntura familiar, a desigualdade paira sobre uma parcela significativa de brasileiros. Nas últimas décadas, no Brasil, sobretudo nos últimos cinco anos, vêm ocorrendo o aumento da desigualdade na distribuição de renda e elevados níveis de pobreza, que impedem uma boa parte da população brasileira de ter acesso às condições mínimas de dignidade e de cidadania (GOMES; PEREIRA, 2005).

Segundo Pereira e Gomes (2005), os recursos necessários para que uma família tenha o mínimo de dignidade são água, saúde, educação, alimentação, moradia, renda e cidadania. No Brasil, os indivíduos que não obtêm esses recursos básicos se encontram em risco pessoal e social, ou seja, são párias, excluídos socialmente das políticas sociais básicas. Tal desigualdade existente entre esses indivíduos decorre da má distribuição de renda entre os brasileiros e das poucas oportunidades de inclusão econômica e social (PEREIRA; GOMES, 2005).

À medida que milhões de famílias sofrem dessa desigualdade social e econômica, encontram dificuldades para cumprir de forma satisfatória suas tarefas básicas de socialização e de amparo aos seus membros, criam-se situações de vulnerabilidade (GOMES; PEREIRA, 2005). “A pobreza, a miséria, a falta de perspectiva de um projeto existencial que vislumbre a melhoria da qualidade de vida, impõe a toda a família uma luta desigual e desumana pela sobrevivência” (GOMES; PEREIRA, 2005, p. 360). As consequências da crise econômica de uma boa parte das famílias brasileiras precipitam a ida de seus filhos para a rua, podendo resultar no

abandono escolar de crianças, adolescentes e jovens, com o objetivo de ajudarem com as despesas da família.

A evasão escolar citada acima faz com que esses indivíduos tenham menores chances de cursar um ensino superior devido à pouca e precária escolaridade obtida. Um jovem que é oriundo de uma família bem estruturada economicamente e que não necessita começar a trabalhar antes de terminar os estudos tem mais possibilidade de conseguir concretizar sua escolha laboral, ao passo que aqueles que durante a trajetória de vida são prejudicados pelas desigualdades sociais e econômicas têm mais dificuldades e obstáculos a serem enfrentados, principalmente porque há uma grande quantidade de jovens que são inseridos no mercado de trabalho como forma de ajudar nas despesas de casa (TERRIBELLE, 2006).

Apesar das transformações que vêm ocorrendo na instituição família, como a autonomia feminina de sair da esfera privada, assim como as divergências em relação à concepção do que é e como funciona uma família, ela continua sendo um marco na vida dos indivíduos. Isso se concretiza de maneira especial na fase juvenil, no momento em que os pais tendem a contribuir com as escolhas profissionais, muitas vezes decisivas para o futuro. Enquanto os jovens estudam e buscam a profissionalização, a família tende a ser a principal base de apoio na medida em que oferece estrutura elementar para que eles possam prosseguir. Resgarde-se, no entanto, que as diferentes situações de classe poderão alterar essa dinâmica.

A construção da identidade ocupacional está diretamente vinculada à identidade pessoal (SOARES, 1987). É através da “autopercepção que o indivíduo tem dos papéis profissionais com os quais tem contato ao longo de sua existência” (ALMEIDA; PINHO, 2008, p. 176) que a identidade ocupacional é formada. Um jovem que ao longo de sua vida observa diariamente a profissão em que seu(s) cuidador(es) exerce(m), tem maior possibilidade de querer desenvolver a mesma profissão. Entretanto a situação contrária também é verdadeira. A recusa de seguir determinada área pode estar ligada à condenação criada sobre uma profissão que os pais dos jovens exercem.

Dentre os múltiplos fatores que influenciam na escolha profissional dos jovens, a família é apontada pela bibliografia como um dos principais fatores que pode ajudar ou dificultar no processo de escolha profissional (ALMEIDA; PINHO, 2008). A família pode ajudar no processo de escolha profissional quando investe financeiramente, auxilia, apoia e/ou incentiva os jovens a seguirem profissões que eles escolheram. Mas também pode dificultar o processo quando impõe aos jovens desejos, sonhos e planos

que os pais idealizam e esperam que os filhos realizem, Ou mesmo quando ceifam o interesse de um jovem de seguir uma profissão que parece não estar ao seu alcance.

As heranças que os indivíduos recebem de seus familiares vêm antes mesmo destes serem concebidos, quando pensamentos, sentimentos e fantasias da família começam a preparar o lugar que ele irá ocupar, fazendo-o herdeiro, mas também prisioneiro (FALCKE; WAGNER, 2005). Em sua maioria, os filhos carregam a responsabilidade pelo sucesso e prestígio da família. Em outros casos, os pais constroem projetos para seus filhos (SOARES; PENNA, 1997) e esperam que tais projetos sejam concretizados. Investem no indivíduo e desejam que o filho realize os sonhos que não puderam realizar no decorrer de seu trajeto de vida.

Dessa forma, muitos jovens se sentem na obrigação de satisfazer as expectativas criadas pelos seus familiares como forma de pagar as dívidas de lealdade, seguindo a profissão que seus pais desejam. Seguir o projeto familiar, em muitos casos, proporciona ao indivíduo a ideia de ser aceito na família.

Os pais produzem projetos de orientação profissional para os filhos que tem lógicas contraditórias (SANTOS, 2005): a primeira é a de reprodução, em que o anseio é que o filho dê continuidade à profissão exercida pelos pais, e a segunda é a diferenciação, em que o desejo é que os filhos realizem o que eles não puderam realizar. A perspectiva de diferenciação pode ser atrelada a dois sentidos. O primeiro é com relação aos pais depositando sobre os filhos os seus desejos profissionais que eles não conseguiram concretizar. O segundo sentido está relacionado aos pais incentivando os filhos a seguirem profissões que os próprios filhos escolheram (tendo influência da família ou de outras instituições) sem depositar sobre eles expectativas que não sejam entrelaçadas aos seus desejos.

A classe social a qual o jovem e a sua família fazem parte também é um fator de influência (SANTOS, 2005) na escolha profissional, pois um jovem cujos pais são proletários dificilmente conseguirá os mesmos investimentos financeiros e suporte social que os pais burgueses ou de classe média podem proporcionar ao investir na carreira profissional do filho.

Foi a partir da revolução industrial que o conceito de classe social ganhou destaque nos modelos analíticos das correntes teóricas das ciências sociais (FORTES, 2016). Tal conceito visto dentro da perspectiva trabalhista, ganha ênfase nos estudos realizados por Karl Marx (1942). Segundo Marx (1942), a divisão do trabalho é imposta mediante a luta da classe dominante (burguesia) e a classe dominada (proletariado). Os

proletariados são os operários da fábrica que trabalham para garantir seu salário e também fazem parte do sistema exploratório imposto pela burguesia que visa aumentar seu capital por meio da força laboral de seus funcionários. Quando mencionado, nesse trabalho, os termos “classe operária” e “classe popular”, estamos nos referindo a essas pessoas que não são donas do meio de produção, ao passo que os burgueses são aqueles considerados donos das grandes empresas e responsáveis pela rotatividade do sistema capitalista que, de certa forma, gera desigualdades sociais, principalmente entre os jovens.

Segundo Bourdieu e Passeron (1970) existe uma violência simbólica em relação a imposição do patrimônio cultural da classe burguesa sobre a classe operária, causando uma desvantagem na seleção dos vestibulares, uma vez que, os conteúdos escolares são marcados pela cultura dominante.

Sabendo que a vantagem dos estudantes originários das classes superiores é cada vez mais marcada à medida em que se afasta dos domínios da cultura diretamente ensinada e totalmente controlada pela escola e que se passa por exemplo do teatro clássico ao teatro de vanguarda ou ainda da literatura escolar ao jazz, compreende-se que, no caso de um comportamento como o uso escolar da língua escolar, as diferenças tendem a se atenuar ao máximo e mesmo a se inverter: de fato, os estudantes altamente selecionados das classes populares obtêm nesse domínio resultados ao menos equivalentes aos dos estudantes das altas classes, menos fortemente selecionados, e superiores aos estudantes das classes médias, tão desprovidos quanto eles de capital linguístico ou cultural, porém menos fortemente selecionados.(BOURDIEU; PASSERON, 1970, p. 98)

Dessa forma, a cultura se transforma em um instrumento de dominação e de reprodução, pois, muitos filhos de família burguesa acabam reproduzindo a profissão dos pais como forma de dar continuidade ao negócio da família. Mas também há aqueles que, não desejando seguir a mesma profissão dos pais, conseguem exercer o projeto laboral por terem as condições financeiras necessárias.

Por sua vez, muitos são os jovens pertencentes à classe operária que sonham em cursar a graduação de medicina, mas optam por fazer outros cursos ligados à área da saúde, como por exemplo, enfermagem, nutrição, fisioterapia e psicologia, por não terem condições de custear os gastos que a graduação de medicina exige. A família oferece as bases sociais para que a escolha de um curso superior possa ser concluída com êxito mediante a garantia de um lar, da alimentação, do apoio financeiro e de demais contribuições.

Apesar dos programas SiSU (Sistema de Seleção Unificada) e Prouni (Programa Universidade para todos) criados no governo do ex-presidente Luís Inácio da Silva proporcionarem a oportunidade para jovens e adultos ingressarem no ensino superior, não são todos os indivíduos que conseguem fazer uma faculdade. Para que tais jovens ingressem na universidade através desses programas, é necessário serem submetidos a um exame (o ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio) que avalia os conhecimentos que esses jovens possuem.

Há o predomínio de jovens oriundos de escolas públicas que não recebem os suportes necessários para conseguirem passar no vestibular, diferentemente dos jovens que têm pais ou cuidadores na sua educação, dando-lhe capital cultural (BOURDIEU; PASSERON, 1975). Tanto as escolas quanto as provas de seleção para a inserção na universidade são concebidas pela cultura dominante que vem da classe burguesa. Dessa forma, ao prestar o vestibular os jovens provenientes da classe proletária possuem dificuldades de resolver as questões exigidas nas provas, porque não foram previamente socializados nos marcos da chamada “grande cultura”.

Outro fator relacionado à classe social que a família do jovem está inserida e que influencia na vida profissional é quando ocorre de os jovens precisarem abandonar os estudos para trabalharem e ajudarem no sustento da família (TERRIBELLE, 2006). A conciliação dos estudos com o trabalho também pode afetar o desempenho educacional no ensino médio ou no ensino superior.

Mesmo com as transformações que a família vem sofrendo ao longo dos anos, ela continua sendo primordial para o desenvolvimento da identidade do indivíduo e faz parte, de modo direto ou indireto, de escolhas e decisões que os jovens executam. A Família é, como aborda Bourdieu (1999), uma construção social, por isso as escolhas e realizações profissionais dos jovens diferem levando em consideração a família que ele está inserido. A escolha de um curso superior é de grande importância não somente para os jovens, como também para seus familiares.

#### 1.4 Religião e juventude

É necessária uma breve revisão de literatura sobre a religião e suas interferências na juventude atual como base para interpretar os resultados que serão expostos nos próximos capítulos. Dessa forma, o que é religião? Como essa instituição atua na socialização dos indivíduos? Quais as contribuições (ou não) da religião no contexto

juvenil e na escolha profissional? Os jovens têm religião? São questões a serem abordadas nesse tópico.

Ao nascerem os indivíduos ainda não são membros da sociedade (BERGER; LUCKMANN, 1985). Para que se tornem membros da sociedade é necessário que haja a socialização de acordo com as culturas existentes no meio em que esse indivíduo integra. O ponto inicial do processo de socialização, segundo Berger e Luckmann (1985) é a interiorização.

(...) O ponto inicial deste processo é a interiorização, a saber, a apreensão ou interpretação imediata de um acontecimento objetivo como dotado de sentido, isto é, como manifestação de processos subjetivos de outrem, que desta maneira tornou-se subjetivamente significativo para mim. (BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas, 1985. p. 174)

Esse processo de interiorização, como já relatado anteriormente nesse trabalho, ocorre através da relação com o outro e se difere de acordo com a classe social e o grupo familiar a que o indivíduo pertence. Desse modo, dentro desse processo de socialização do indivíduo, a religião é um dos elementos fundamentais de uma dada cultura.

Com relação ao campo religioso, Bourdieu (2007) afirma que Max Weber concorda com Karl Marx ao dizer que a religião contribui para que haja a conservação da ordem social.

Neste ponto, Weber está de acordo com Marx ao afirmar que a religião cumpre uma função de conservação da ordem social contribuindo, nos termos de sua própria linguagem, para a “legitimação” do poder dos “dominantes” e para a “domesticação dos dominados”. [...] Em outras palavras, a religião contribui para a imposição (dissimulada) dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social, na medida em que impõe um sistema de práticas e de representações cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política apresenta-se como estrutura natural-sobrenatural do cosmos (BOURDIEU, 2011, p. 30-32).

A ordem social significa que as ações dos indivíduos são baseadas em regras impostas pela sociedade (CHARON, 2001). Devido a essa ordem, os indivíduos não agem como desejam, mas agem conforme “expectativas mútuas e um contrato governa o relacionamento” (CHARON, 2001, p. 148). A coletividade é o que define quem está

dentro e quem está fora de seu grupo (SERRETTI, 2010). O sentimento de fazer parte do coletivo em que as necessidades dos indivíduos são supridas faz com que eles pensem que é lucrativo fazer parte dela (SERRETTI, 2010).

Toda coletividade define quem está dentro e quem está fora de seu grupo, assim, incentivando os internos a se sentirem parte de algo bom e a julgar que dividem tal preciosidade apenas com determinados indivíduos selecionados. Estabelece-se um vínculo emocional, e isso ajuda o funcionamento, sem empecilhos, da organização. Essa lealdade à sociedade emana do sentimento de que é bom fazer parte do coletivo, de um todo, e do sentimento que a sociedade supre as necessidades, que é lucrativo fazer parte dela (SERRETTI, 2010, p. 29).

É por meio da socialização que os indivíduos aprendem e aceitam a estrutura social da sociedade em que vivem exatamente como ela é. Devido ao fato de a socialização não ser perfeita, para que a ordem social se mantenha (SERRETTI, 2010), são utilizados prêmios ou punições para aqueles que obedecem ou desobedecem as ordens estabelecidas. Quando há um comportamento desviante, o indivíduo é punido. Por outro lado, quando o comportamento é de acordo com as normas estabelecidas, o indivíduo pode ser premiado.

No processo de socialização, o indivíduo é punido quando segue uma conduta desviante e não encontra na ciência as respostas para as suas necessidades e limitações humanas (QUINTILIANO, 2008). Nesse momento, o imaginário religioso é estabelecido.

Em um mundo povoado pelas explicações racionais legitimadas pela ciência a fantasia é colocada em lugar desprezível, pois se afasta daquilo que acreditamos ser uma explicação racional dentro dos padrões conhecidos. Porém, sabemos que a ciência longe está de dar respostas a todas as necessidades e limitações humanas e, dentro delas, a necessidade de compreender coisas como a finitude e o sentido da vida. É aí que se instaura o imaginário religioso, apreendido desde a primeira socialização (QUINTILIANO, 2008, p. 6).

O ser humano constrói símbolos para suprir o vazio que se instaura no processo da busca de dar sentido à própria existência (QUINTILIANO, 2008). Dessa forma, a religião é “um sistema simbólico próprio ao pensamento humano na sua necessidade de

produzir um mundo em que seja possível viver” (GODINHO; CARVALHO; SOUZA, 2014, p. 4) e o próprio homem é quem a cria (FERREIRA, 2012).

Desta forma, entende-se a religião como uma construção social, necessária à sobrevivência do homem que, por sua vez, cria subsídios para sua existência. Para isso, é o próprio homem quem cria, com o propósito de validar a religião, leis e outras exigências que passam a compor o código doutrinário das religiões (FERREIRA, Ismael, 2012, p. 8).

Para Giddens (2004), as religiões são símbolos que invocam sentimentos de reverência ou temor, estando ligadas a rituais ou cerimônias em que os fiéis participam. O autor relata que, segundo Feuerbach, a religião constitui-se por ideias e valores criados pelos seres humanos de acordo com seus valores culturais e projetados erroneamente em forças divinas. Por não perceber inteiramente sua própria história, os indivíduos “tendem a atribuir valores e normas criadas socialmente à ação dos deuses” (GIDDENS, 2004, p. 540). Giddens mostra que, enquanto os indivíduos não procurarem compreender os significados dos símbolos religiosos, estarão fadados a serem prisioneiros e alienados nas forças existentes na religião que é produto de criação do próprio ser humano.

Segundo Max Weber as religiões não são apenas uma força conservadora, pois há movimentos sociais que são impulsionados pela religião (GIDDENS, 2004). Um exemplo é o estudo que Weber fez sobre o impacto do protestantismo no desenvolvimento do Ocidente, que foi iniciado pela maioria que seguia o calvinismo, sendo inspirado pelo desejo de servir a Deus. O sucesso material era uma consequência de obediência divina (GIDDENS, 2004). Dessa forma, ser bem sucedido profissionalmente tinha relação com a vida espiritual que os indivíduos levavam, ou seja, quanto mais perto de Deus mais abençoada a pessoa seria.

Porém apesar desse contexto de benefícios materiais obtidos devido a obediência divina, Weber acreditava que o processo de secularização não demoraria a acontecer, pois na medida em que a sociedade se modernizava e a ciência e tecnologia ganhavam destaque, a religião perderia a influência em várias esferas sociais (GIDDENS, 2004).

Dessa forma, tal abordagem sobre o processo de secularização acontece na medida em que a ciência e a tecnologia avançam e é confirmada a partir das pesquisas realizadas por Regina Novaes (2018). A autora possui diversos trabalhos importantes

que abrangem temas sobre religião e juventude, que são de grande relevância para o presente trabalho.

Novaes (2018) reflete a respeito do tempo religioso experimentado por diferentes gerações, distinguindo os jovens dos adultos. Segundo ela, há alguns anos, no Brasil, o catolicismo era predominante na cultura através da legitimação do Estado. Os protestantes eram minorias e as religiões africanas e espíritas eram omitidas por uma parte significativa dos brasileiros. Por ter se modificado a socialização das novas gerações, diminuiu-se a transferência geracional do catolicismo e houve o aumento das denominações pentecostais e dos indivíduos que se declaram “sem religião”. Para a autora, os jovens nascidos entre 15 a 29 anos atrás tiveram uma socialização em um contexto que possui dois processos contraditórios:

Por um lado, observam-se mais filiação e mais fixação territorial. Os templos evangélicos pentecostais – que se espalham por todo o país – logram conversões, propõem exclusividade de pertencimento, interferem nas paisagens e produzem novos enraizamentos. Por outro lado, observam-se desfiliação religiosa e maior movimentação. Os trânsitos entre religiões, as experiências com religiões orientais, arranjos híbridos, os “sem religião que têm fé” apontam para maior fluidez e muitos deslocamentos (NOVAES, 2018, pág. 352-353).

Ao mesmo tempo em que se observa o crescimento das igrejas evangélicas pentecostais, há também o crescimento do número de pessoas que deixam de pertencer a uma religião.

Poucos eram os jovens da geração anterior, segundo Novaes (2018), que contestavam as autoridades existentes em casa, na igreja e no espaço público ao se declararem ateus. Diferentemente dos tempos atuais em que, apesar de haver influências religiosas, declarar-se ateu não causa a mesma estranheza que causava nas gerações anteriores. O contrário também é válido. Os pais ateus da contemporaneidade conseguem aceitar com mais compreensibilidade quando o filho decide seguir determinadas religiões, como por exemplo, a católica ou a protestante, que ainda são religiões com maior número de adeptos (NOVAES, 2018).

Quando buscamos compreender as razões que levaram um jovem a seguir uma determinada religião, devemos levar em consideração fatores como a classe, a raça, etnia, gênero, renda, local de moradia e demais fatores que sejam relevantes (NOVAES, 2018), pois por pertencerem a diferentes espaços sociais e por terem sua própria identidade, os jovens não somente recebem influência da família com relação à religião.

Atualmente, existem mais jovens para os quais “a família não foi a agência definitiva de sua socialização religiosa” (NOVAES, 2018, p. 361). Há muitos jovens que fazem escolhas religiosas diferentes daquelas de seus pais.

Buscando respostas para questões de fé e de vida, os jovens de hoje fazem escolhas religiosas muitas vezes diferentes de seus pais e irmãos. Surpreendentemente, tal diversidade religiosa não necessariamente faz com que se enfraqueçam laços familiares. Novos arranjos refazem modelos de famílias e também de convivência religiosa entre pais e irmãos que professam distintas religiões. Jovens evangélicos e do candomblé falam sobre discriminação na rua (na escola, no trabalho) e de “aceitação” em casa (NOVAES, 2018, p. 367).

Observa-se que, diferentemente da geração passada, nessa nova geração, o fato de um jovem não seguir a orientação religiosa da sua família, não é mais motivo de conflitos sérios como acontecia no passado, quando mudar de religião era quase equivalente a romper os laços familiares.

Para alguns jovens da periferia a religião pode servir de proteção contra traficantes e policiais uma vez que afiliação a uma denominação evangélica pode “aumentar a chance de se manter longe do tráfico e pode ser uma forma de escapar de sempre ser revistado pela polícia.” (NOVAES, 2018, p. 358). Nesse contexto, a igreja torna-se uma espécie de rede de proteção (NOVAES, 2018) para os jovens que, em meio ao caos, tentam encontrar na religião uma forma de escapar do sofrimento cotidiano.

Em uma pesquisa realizada por Mesquita e Bertoli (2014) sobre jovens evangélicos moradores de favelas de Campos dos Goytacazes, foi relatado que os jovens entrevistados alegaram que preferem estar na igreja como uma escolha e não como uma obrigação imposta pela família. Assim, as práticas religiosas são vistas por eles como forma de lazer e entretenimento (MESQUITA; BERTOLI, 2014, p. 66). Os acampamentos, ensaios musicais e encontros religiosos são algumas dessas formas de lazer realizadas pelos jovens evangélicos dessa cidade.

Entre os encontros religiosos está a participação no grupo das Mensageiras do Rei. Para participar desse grupo é preciso que os jovens sigam algumas regras impostas a eles, como por exemplo, ter frequência nos cultos, romper com determinadas práticas “mundanas”, ter um bom desempenho escolar e ser uma boa filha (MESQUITA; BERTOLI, 2014). Vale ressaltar que as mensageiras do Rei são composta apenas por

jovens do sexo feminino e os Embaixadores do Rei é um grupo voltado para os jovens de sexo masculino.

Ressalte-se que são nesses encontros religiosos que os jovens que se converteram passam a experimentar um novo processo de socialização. Não só para os novos convertidos, mas também para reforçar a integração dos filhos dos fiéis.

Mas o que é se converter? Uma pessoa é considerada convertida quando aceita seguir as regras e normas estabelecidas em uma determinada religião e abandona as práticas que não condizem com tais regras.

Tal processo de socialização também engloba a relação que esses jovens têm com os amigos da igreja. Outro espaço de sociabilidade em que os jovens evangélicos estão inseridos é a escola. Mesquita e Bertoli (2014, p. 68) apontam que “além de um espaço de sociabilidade, a escola também é considerada como um caminho que possibilitará uma melhor inserção no mercado de trabalho, ‘ser alguém na vida’ é melhorar suas condições financeiras”. Segundo as pesquisas realizadas pelas autoras, para os jovens evangélicos de Campos dos Goytacazes, a melhoria de condição de vida através dos estudos e conseqüentemente da inserção a mercado de trabalho é algo que a religião contribui para concretizar.

Pode-se dizer que a escolha profissional e o mercado de trabalho são questões que preocupam os jovens religiosos, temática abordada por Fernandes (2011) em pesquisa com jovens entre 15 a 24 anos que participavam de paróquias católicas e de igrejas pentecostais nos anos de 2007 e 2008 na Baixada Fluminense-RJ. Constatou-se que o maior nível de escolaridade é dos jovens pentecostais, sendo 0,6% dos jovens católicos que concluíram o ensino superior e 2,5% dos jovens evangélicos. Fernandes (2011) afirma que

A informação é interessante por sugerir que o ascetismo pentecostal e neopentecostal pode promover uma disciplina que catalisa a busca pelos estudos e formação. Um dos pastores entrevistados, pertencente à Igreja Assembleia de Deus, ressaltou a importância dos estudos e o estímulo que oferece em sua Igreja para que os jovens adquiram formação por meio do ingresso nas universidades. (FERNANDES, 2011, p.3)

Nessa perspectiva, podemos observar que a escolha profissional e inserção no mercado de trabalho são temas que afligem a juventude das igrejas. Na pesquisa realizada por Fernandes (2011) foi constatado que “muitos jovens não compareciam aos

grupos focais nos fins de semana porque estavam trabalhando ou se preparando em cursinhos diversos (pré-vestibulares, informática, etc)” (FERNANDES, 2011, p. 3). Percebe-se que o empenho nos estudos para conseguir uma melhor condição financeira está presente no cotidiano desses jovens religiosos.

A busca por adquirir mais conhecimentos tem relação também com a falta de oportunidade no mercado de trabalho, que tem gerado desemprego para esses jovens religiosos. Esse fato é relatado quando Fernandes (2011) pergunta quais são as piores coisas em ser jovem, conforme o resultado da tabela abaixo:

**Tabela 2:** Das piores coisas de ser jovem

Opções	Católicos (%)	Pentecostais (%)
O controle dos pais	26,5	15,5
Não poder se sustentar sozinho	27,4	31,8
A falta de oportunidades de trabalho	57,7	53,0
A preocupação com o futuro	35,5	41,3
A influência de más companhias	30,7	33,2
A insegurança ou inexperiência diante da vida	39,6	34,1
Impedimentos por ser menor de idade	9,1	10,7
O apelo das drogas	24,0	14,0
Falta de liberdade	14,1	6,0
Não tem nada de ruim	1,3	2,9
NS/NR	34,5	57,7

Fonte: Fernandes, Sílvia. Juventude, religião e política na Baixada Fluminense – ações e representações. 2008.

Possuir um diploma de graduação não é garantia para se conseguir estabilidade profissional, todavia, é perceptível que a probabilidade de conseguir um emprego é maior do que a daqueles que não possuem cursos nenhum. Então, a falta de oportunidade de trabalho é um fator preponderante na vida desses jovens religiosos. Nessa abordagem, Fernandes (2011) compara a porcentagem de jovens religiosos desempregados, empregados com carteira assinada e empregados sem carteira assinada.

Em ambos os grupos, a maior parte dos jovens não trabalha, sendo 48,4% entre os católicos e 36,8% entre os pentecostais. No conjunto de jovens pentecostais, encontramos a maior taxa de desemprego (15,1%), já que entre os católicos 11,3% declararam-se desempregados, indicando uma diferença de quase 4% dos católicos em relação aos pentecostais. Não obstante, os jovens pentecostais parecem estar em situação de menor precariedade na inserção laboral, já que 20,6% trabalham com carteira assinada, ao passo que, entre os

católicos, a proporção cai para 17,1%. Por outro lado, os jovens pentecostais empregados sem registro em carteira totalizam 11,9%, enquanto os católicos nessa condição compreendem 9,5% dos entrevistados. O corte por idade apresentou uma maior proporção de jovens empregados com carteira assinada na faixa dos 18 aos 24 anos em ambos os segmentos, mas entre os pentecostais permanece a maior proporção (61,4%) em relação aos católicos (52,5%). Na faixa dos 15 aos 17 anos está concentrada a maior proporção de jovens que não trabalham em ambos os segmentos religiosos, atingindo uma média de 71%. (FERNANDES, 2011, pág. 3-4).

A escolha profissional não é um fator de importância apenas para jovens religiosos, mas também é importante na vida de jovens que se consideram sem religião. Viu-se que muitos jovens deixam de frequentar as igrejas e passam a se autodenominarem “sem religião”. A abordagem sobre os jovens que se denominam “sem religião” é necessária para o presente trabalho, pois alguns jovens por nos pesquisados se denominaram “sem religião”.

#### 1.4.1 Jovens (não) religiosos

Para darmos continuidade ao que foi abordado anteriormente sobre o processo de secularização que fez com que houvesse um aumento de jovens que se consideram sem religião, nesse tópico abordaremos sobre as caracterizações desses “sem religião” dando ênfase aos estudos realizados por Fernandes (2018) e Novaes (2004). As questões colocadas são as seguintes: quem são esses jovens que se consideram sem religião? Por que são considerados sem religião? O fato de serem sem religião está relacionado a crença ou a presença na instituição igreja? Quais são as características desses jovens sem religião?

Segundo o censo do IBGE de 2010, na cidade de Campos dos Goytacazes –RJ, o catolicismo continua sendo a religião predominante da cidade. Mas se for comparado com o censo do IBGE de 2000, houve uma diminuição na porcentagem dos fiéis católicos. Em 2000, 59,2% da população declarou-se católica, enquanto em 2010 essa porcentagem cai para 50,4%. Em contrapartida a porcentagem de pessoas evangélicas aumentou em 2010 se comparado a 2000. Em 2000, declarou-se evangélica 21,3% da população, enquanto em 2010 esse número aumentou para 31,6%.

**Tabela 3:** População religiosa de Campos dos Goytacazes

<b>Religião</b>	<b>2000</b>	<b>2010</b>
Católicos	241.206	233.862
Evangélicos de Missão	42.960	45.075
Evangélicos de origem pentecostal	39.620	68.274
Evangélico não determinado	2.066	30.677
Testemunhas de Jeová	2.281	2.840
Espírita	9.162	10.956
Umbanda e Candomblé	-	598
Umbanda	362	417
Candomblé	135	181
Budismo	169	178
Novas religiões orientais	-	552
Tradições esotéricas	322	306
Sem religião	62.764	63.829
Outros	6.121	5.986
<b>Total</b>	<b>407.168</b>	<b>463.731</b>

Fonte: IBGE, CENSO 2000 e 2010

Novais (2004) afirma que o número de adultos que se declaram católicos diminuiu, resultando em menor quantidade de crianças que recebem influência dessa religião no âmbito familiar devido à secularização. A ausência de vínculos institucionais é denominada desinstitucionalização e desvinculação por Fernandes (2018). A autora afirma que essa desinstitucionalização religiosa é um sintoma da nossa época.

A desinstitucionalização religiosa seria um sintoma de nossa época, marcada pela diferenciação e experimentação individual, ainda que consideradas as variações contextuais em diferentes territórios. Por outro lado, esse tipo de desinstitucionalização ocorre paralelamente ao pluralismo religioso, que pode ser entendido como uma variação da sociedade secular, uma vez que a liberdade advinda da secularização foi o agente catalisador de diferentes modelos e expressões do pluralismo (FERNANDES, Silvia, 2018, p. 374).

Então, a juventude atual é considerada como a primeira geração herdeira do processo de secularização religiosa (GODINHO; CARVALHO; SOUZA, 2014). Tal processo de secularização religiosa dá abertura para novas maneiras de se pensar a fé, marcada por um enfraquecimento dos poderes tradicionais, principalmente as relações entre instituição e indivíduo. Godinho, Carvalho e Souza (2014) afirmam que segundo

Perreault o processo de secularização trouxe certa individualização do crer, em que a fé não está mais aprisionada à instituição religiosa como antes.

Segundo Perreault (2005), os processos de globalização e secularização trouxeram consigo uma tendência à individuação do crer, em que a fé ficou mais livre e acessível para ser elaborada de um modo mais particular. Observa-se a partir de então, um processo de reconfiguração do religioso, em que se criam novos modos de se relacionar com a dimensão religiosa, modos não mais diretamente atrelados à autoridade das religiões tradicionais e às formas antigas de transmissão do sagrado: "As religiões são assim compreendidas não mais como sistemas que detêm e defendem verdades, mas como diferentes expressões culturais de uma mesma busca do absoluto. A partir de então, os empréstimos e as trocas se tornam possíveis, permitidos e encorajados". (GODINHO; CARVALHO; SOUZA, 2014, p. 8).

Dessa forma, podemos salientar que o "crer" e a fé não estão mais atrelados a frequência dos jovens à igreja, como em épocas passadas, em que tais jovens eram considerados como religiosos à medida que frequentavam as igrejas (NOVAES, 2018), como já mencionado anteriormente nesse trabalho.

Apesar de a família ser a primeira instituição socializadora e conseqüentemente transmitir valores também religiosos, na atual época ela perde o monopólio com relação à transmissão do legado religioso (GODINHO; CARVALHO; SOUZA, 2014). Poucos são os jovens que estão na mesma religião dos pais (NOVAES, 2018), pois eles estão passando por "um tipo de ruptura, adesão e/ou relativização de valores políticos e religiosos de seus pais" (FERNANDES, 2018, p. 375).

Embora o fenômeno de desinstitucionalização religiosa esteja presente no país em todos os segmentos populacionais, verifica-se sua expressão mais aguda entre os jovens. Sendo assim, se considerados os diferentes extratos etários, nota-se que na faixa de 15 a 29 anos há a maior proporção de pessoas que se declaram sem religião, totalizando 10,1% dos jovens nessa faixa, conforme o último censo do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Nesse mesmo censo, os que se declararam sem religião na população brasileira totalizavam 8% (FERNANDES, Silvia, p. 374).

Nota-se que, em nenhuma outra época, houve tantos jovens se definindo como "sem religião" (NOVAES, 2004). Contudo, o que é ser "sem religião"?

Fernandes (2006) destaca cinco tipos de indivíduos que se consideram sem religião: sem religião de religiosidade própria; desvinculados e descrentes; críticos das religiões; ateus; e destradicionalizados.

Os sem religião de religiosidade própria são aqueles que, segundo a autora, estão vivendo uma escolha pessoal com relação à religião. Há um afastamento institucional, mas não uma ruptura. Os desvinculados e descrentes são considerados como agnósticos ou que creem somente em Deus, sem ter crença em outros símbolos ou instituições religiosas (FERNANDES, 2006). Esses indivíduos que se denominam como “sem religião”, segundo Fernandes (2006), podem ter vindo de alguma religião no passado, passando a não ter religião devido a um desencantamento ou decepção que tiveram com a instituição religiosa. Os críticos da religião, segundo Fernandes (2006), se assemelham com os desvinculados e descrentes, mas são mais críticos por terem exercido uma mentalidade mais racional. Enquanto os “sem religião” ateus são aqueles que não acreditam em Deus. Os sem religião destradicionalizados são aqueles que “devido à ausência aos cultos ou ritos de sua Igreja anterior passaram a considerar-se sem religião” (FERNANDES, 2006, p. 91). A falta de frequência nas instituições religiosas fez com que os jovens passassem a se considerar sem religião. Esses jovens, apesar de não serem assíduos aos cultos ou ritos que ocorrem na igreja que frequentavam, ainda acreditam na existência de Deus.

Apesar de se declararem sem religião, os jovens “tendem a possuir determinadas crenças embora sem vínculos ou pertenças institucionais” (FERNANDES, 2018, p. 374). Tais jovens são considerados os evangélicos genéricos (NOVAES, 2012), ou seja, são aqueles que não declaram pertencer a alguma religião (instituição), mas possuem crenças religiosas.

Os desejos, preocupações e escolhas religiosas dos jovens são divergentes, distinguindo-se de acordo com diferentes contextos em que esses jovens estão inseridos (FERNANDES, 2011). Não obstante, o trabalho e a educação “são pilares das aspirações juvenis” (FERNANDES, 2011, p. 8). Além das razões e características citadas acima como forma de definir os diferentes tipos de jovens que se denominam “sem religião”, o trabalho e o estudo podem ser outros fatores que fazem com que os jovens se afastem das instituições religiosas.

A dedicação aos estudos e/ou trabalho podem ser fatores que fazem com que os jovens passem a frequentar menos (ou parem de frequentar) as instituições religiosas. Apesar de se afastarem da igreja, a que ponto ainda pode existir, nos jovens, raízes

religiosas que foram plantadas no processo de socialização? Deixar de frequentar a igreja pode não ser a mesma coisa que “rasgar o véu” que unia os jovens às crenças religiosas.

Levando em consideração que os fatores trabalho e estudo estão presentes na vida dos jovens apesar das diferentes pertenças (ou não pertença) religiosa, a questão a ser colocada é a seguinte: apesar de se autodenominarem sem religião, será que realmente os jovens não carregam crenças e valores religiosos que influenciam em suas escolhas profissionais?

Mesmo não se declarando como indivíduo que possui alguma religião, pode haver a possibilidade de crenças e valores internalizados no processo de socialização, influenciarem, ainda que de forma oculta, as escolhas profissionais dos jovens. Tais questões serão desenvolvidas no decorrer do presente trabalho.

Vimos nesse tópico que a religião é uma instituição que faz parte da socialização dos indivíduos e normalmente ela é transmitida em ambiente familiar. É mais provável que um jovem siga a religião dos seus pais do que a religião de outras pessoas que fazem parte do seu convívio, pois a família, como já mencionado anteriormente, é instituição de socialização primária e, por isso, a construção pessoal, profissional e até mesma religiosa podem está ligada a ela em um primeiro momento. Ao torna-se jovem há a probabilidade desse indivíduo desvincular-se da religião familiar.

A religião é vista para muitos como um ponto de refúgio em diversas situações, adicionalmente ela auxilia os indivíduos de diferentes formas, e algumas delas são citadas por Mesquita (2009) como “(...) benefícios materiais, afetivos e cívicos como ajuda mútua, empréstimos de dinheiro, cuidado dos filhos de mães que trabalham fora de casa, informações sobre emprego, solidariedade em situações de doenças etc.” (MESQUITA, 2009, p. 93). Dessa forma, podemos dizer que a religião não somente é uma instituição socializadora, como também é uma instituição que traz segurança para os indivíduos quando os mesmos necessitam, seja com orações ou até mesmo com os auxílios citados acima.

Com os jovens não é diferente. Para além dos exemplos citados por Mesquita (2009), a religião pode ser vista como uma instituição que auxilia os jovens a não entrarem no mundo do tráfico, da prostituição e demais condutas proscritas por sua religião. Quando há aquele indivíduo que seguem tais condutas, muitas famílias veem a religião como uma espécie de salvação em relação aos seus membros,

A religião, como vimos nesse tópico, também é uma instituição que incentiva os jovens a buscarem melhoria de vida através dos estudos e do trabalho. Portanto, ela faz parte do contexto de escolha profissional de forma direta ou indireta.

No próximo capítulo será abordado o aparato teórico em relação à formação dos pré-vestibulares sociais.

## **2. A EXPERIÊNCIA DOS PRÉ-VESTIBULARES SOCIAIS NA PERCEPÇÃO DA ESCOLHA PROFISSIONAL DOS JOVENS: ESTUDO DE CASO DO PRÉ-VESTIBULAR JOSUÉ DE CASTRO (UFF) E DO PRÉ-VESTIBULAR SOCIAL TEOREMA (UENF)**

O presente capítulo trata sobre o campo de pesquisa em que esse trabalho foi realizado, o Pré-vestibular social Josué de Castro, localizado na UFF e o Pré-vestibular social Teorema, localizado na UENF, ambos em Campos dos Goytacazes-RJ. De início será exposto um breve histórico sobre os pré-vestibulares sociais no Brasil seguido de uma abordagem a respeito da criação e funcionamento dos dois pré-vestibulares citados acima e, por fim, serão apresentados os resultados e a análise da pesquisa de forma a identificar o perfil dos alunos.

### **2.1 Um breve histórico sobre os Pré-vestibulares sociais no Brasil**

Ambos os Pré-vestibulares sociais escolhidos são instituições sociais que visam a democratização do ensino, pois ainda há desigualdades no processo de inserção no ensino superior brasileiro e os jovens que fizeram parte dessa pesquisa são oriundos de famílias da classe operária. Dessa forma, tais jovens têm mais dificuldades de serem inseridos na graduação por vários fatores, e um deles é a carência educacional existente na preparação para o vestibular e possivelmente serem inseridos na Universidade, começando assim a concretização da escolha profissional.

Apesar dos importantes avanços na democratização do ensino superior brasileiro, como, por exemplo, o aumento do número de vagas nas universidades, a criação do Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES) e Programa Universidade Para Todos (PROUNI) ainda podemos perceber que os vestibulares são muito elitistas e extremamente excludentes (PEREIRA; RAIZER; MEIRELLES, 2010). Tal exclusão engloba os pobres, negros, índios e jovens oriundos de escola pública.

A conquista por uma vaga numa instituição de ensino superior (IES) pública – federal ou estadual – fica praticamente inalcançável para aqueles que não tiveram acesso aos recursos educacionais, familiares, afetivos e emocionais suficientes para vencer a disputa. Dessa forma, devido ao contexto socioeconômico que oprime boa parte da população, ao sucateamento da escola pública que atua decisivamente

para a diminuição da qualidade do ensino ofertado e à necessidade permanente de qualificação que o mercado de trabalho exige, configura-se um descompasso entre a excelência das IES públicas e a sua disponibilidade de estar aberta àqueles que mais precisam de seu serviço. (PEREIRA; RAIZER; MEIRELLES, 2010, p. 87)

Podemos salientar que, devido à falta de recursos necessários, como: uma base educacional eficaz, à presença de outros empecilhos existentes na vida da maioria desses jovens, o acesso ao ensino superior torna-se praticamente inalcançável.

Para que a universidade de fato passe a pertencer a todos, é necessário que se criem mecanismos de inclusão desses indivíduos (PEREIRA; RAIZER; MEIRELLES, 2010). Assim, é imprescindível a criação de pré-vestibulares sociais.

O surgimento dos pré-vestibulares sociais está relacionado à desigualdade existente no acesso ao ensino superior. Devido à assimetria existente na sociedade em que se cobra de forma igual os jovens nos vestibulares, não levando em consideração suas origens, esses pré-vestibulares se apresentam como instituições que ajudam a democratização do acesso ao ensino superior (PEREIRA; RAIZER; MEIRELLES, 2010).

Os pré-vestibulares populares são ações sem fins lucrativos, realizados por diferentes agentes organizadores, que possuem como característica o ensino de suplência à educação básica e de caráter preparatório de estudantes excedentes da educação superior para a disputa das vagas das universidades públicas (ALMEIDA, 2016). Segundo Zago (2008), entre o período de 1960-1970 houve um crescimento de 260% das matrículas nas instituições públicas de ensino superior, enquanto nas instituições privadas o crescimento de inscritos foi de mais de 500%. Na década de 1970-1980, o crescimento do setor público foi de 143,6%, enquanto no setor privado de ensino foi de 311,9%. Nota-se que havia uma grande número de egressos ao ensino superior nas Universidades particulares. Os indivíduos, no entanto, que eram inseridos nessas universidades, faziam parte da classe social favorecida. Portanto, jovens oriundos da classe popular não tinham as mesmas oportunidades de ingresso no ensino superior. É nesse contexto de profunda desigualdade no que diz respeito ao acesso ao ensino superior que os cursos pré-vestibulares surgem.

As primeiras experiências em relação aos pré-vestibulares sociais surgem no Brasil na segunda metade dos anos 80, e essas instituições se consolidaram na década de 90 (ZAGO, 2008).

Segundo Zago (2008), existem no Brasil 800 núcleos de pré-vestibulares, sendo que a maior concentração se encontra na região sudeste. Embora haja diversificadas formas de organização e funcionamento dessa instituição, a autora aponta algumas características que definem as condições de existência dos pré-vestibulares sociais:

- Atendimento aos setores, grupos ou frações de excluídos socialmente do acesso ao ensino superior e egressos de escolas públicas;
- São cursos gratuitos na sua maioria ou que cobram uma taxa que varia entre 5% a 10% do salário mínimo para despesas básicas relacionadas à manutenção das suas estruturas, transporte para professores e outros colaboradores;
- As propostas pedagógicas não têm como único objetivo a preparação para o vestibular. Na maioria dos PVP há um eixo curricular denominado "cultura e cidadania", nomeação da disciplina obrigatória que privilegia um trabalho educativo voltado para o exercício da cidadania e este compreende a formação de uma consciência crítica frente aos problemas políticos, sociais e de discriminação racial no país;
- Seu corpo docente e administrativo está apoiado em um trabalho de caráter voluntário;
- Poucos são os cursos que possuem sede própria, eles funcionam em locais bastante diversificados: escolas, universidades, instituições religiosas, associações comunitárias, entre outros;
- O número de vagas oferecido é variável segundo cada experiência. (ZAGO, 2008, p. 152).

Podemos observar que, em sua maioria, os pré-vestibulares sociais têm em comum o caráter voluntário de seus prestadores de serviço. Dentre alguns grupos que colaboram com a implantação dos pré-vestibulares sociais brasileiros, segundo Zago (2008) destacam-se a Igreja Católica, o movimento negro, o movimento sindical, o movimento estudantil e o movimento comunitário.

A experiência conquistada nos pré-vestibulares sociais brasileiros surge de projetos liderados pelo movimento estudantil e pelos diretórios acadêmicos. Tais iniciativas contaram com a participação de estudantes da graduação e pós-graduação, além de pessoas que faziam parte de outros setores da universidade (ZAGO, 2008).

Os pré-vestibulares sociais liderados pelo movimento sindical ou pelo movimento comunitário têm como objetivo a preparação e renovação de dirigentes (ZAGO, 2008). Um desses pré-vestibulares foi criado e desenvolvido em 1986 pelo SINTURFJ (Sindicato dos Trabalhadores em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro), filiado à CUT (Central Única dos Trabalhadores). Esse pré-vestibular visa a um projeto que seja voltado para os trabalhadores da educação e seus dependentes, trabalhadores sindicalizados das universidades públicas e demais categorias populares do Rio de Janeiro (ZAGO, 2008).

Outro pré-vestibular liderado pelo movimento sindical é o Pré-vestibular Alternativo da Associação dos Servidores da UERJ (ASUERJ) que iniciou o seu funcionamento em 1998, para funcionários da Universidade e seus dependentes. Em 1999 passou a funcionar para a comunidade externa, em que o principal público era pessoas oriundas das escolas públicas.

Os pré-vestibulares sociais que foram criados através dos movimentos comunitários têm como fundadores os professores de escolas públicas, centros comunitários e estudantes (ZAGO, 2008). Uns dos exemplos desses pré-vestibulares são os: Pré-vestibulares da Maré-RJ, Pré-vestibular Mangueira Vestibulares e Pré-vestibular Comunitário Oswaldo Cruz (ZAGO, 2008).

Os pré-vestibulares originários do movimento negro ou dos núcleos da pastoral do negro que são ligados a igreja católica estão voltados para a população negra e de baixa renda (ZAGO, 2008).

No Brasil, a origem de tais pré-vestibulares se deu na Bahia, onde foram denominados "Pré-vestibular para negros". Já no Rio de Janeiro, o primeiro pré-vestibular da categoria surgiu em 1993 na baixada fluminense, e foi organizado por um grupo de educadores oriundos da Pastoral do Negro da Igreja Católica, sendo nomeado como Pré-vestibular para negros e carentes-PVNC (ZAGO, 2008).

A criação desses pré-vestibulares está relacionada às dificuldades enfrentadas por esses jovens para ingressarem no ensino superior devido à baixa qualidade do ensino médio na baixada fluminense.

Os pré-vestibulares sociais são de grande valia para os jovens, principalmente para aqueles que, como já citamos, ainda se encontram na grande parcela daqueles excluídos do acesso ao ensino superior brasileiro.

Ao cursarem o pré-vestibular, os jovens têm a oportunidade de escolher uma possível profissão futura, sobretudo aqueles que estiverem em dúvida. Muitos também podem mudar de profissão e ascender socialmente cursando o Ensino Superior.

Os pré-vestibulares sociais também são espaços de sociabilidade, dão acesso a novas informações, formam novos grupos de jovens e fomentam uma cultura cívica e cidadã.

A maioria dos pré-vestibulares sociais são oferecidos nas universidades públicas e, assim, no clima de liberdade de pensamento existente nas universidades, oferecem novos pensamentos políticos e religiosos aos jovens. Tais influências podem acontecer através das aulas ministradas pelos docentes, por conversas informais fora de sala de aula ou até mesmo tendo contato com a Universidade e os estudantes e jovens que as frequentam. Em sua maioria, esses jovens, que foram socializados pela família e pela religião desde crianças, tendem a desconstruir paradigmas que lhes foram impregnados desde a infância. Tal fato é relatado por alguns alunos entrevistados.

A naturalização das questões ideológicas firmadas nas famílias e nas religiões faz com que uma grande porcentagem dos jovens não tenha um senso crítico mediante a tais ideologias que lhes são ensinadas. Dessa forma, os pré-vestibulares não somente têm a função de garantir a democratização em relação à inserção dos jovens no ensino superior, como também são espaços de socialização e de contribuição no processo de escolha profissional.

## 2.2 Pré-Vestibular Josué de Castro (UFF)

O Pré-vestibular Social Josué de Castro, localizado na UFF surgiu em 2010 através da mobilização do movimento estudantil do polo, devido à abertura de novos cursos, principalmente licenciaturas, visando à inserção de jovens moradores de Campos na universidade<sup>2</sup>. Por não haver artigos e nem trabalhos encontrados que abordem sobre o Pré-vestibular Social Josué de Castro, foi necessário buscar informações sobre essa instituição com o secretário que trabalha nela. Em Julho de 2019 foi feita uma entrevista informal com o secretário desse pré-vestibular. Para a realização desses trabalho, contamos com o aceite e o apoio da coordenadora desse Pré-vestibular.

---

<sup>2</sup> Disponível em: < <http://pvcjcuff.blogspot.com.br/p/his.html>>. Acesso em: 11 de novembro de 2017.

Vale ressaltar que segui os critérios éticos estabelecidos na Resolução número 196/1996 (com as alterações introduzidas pela Resolução número 466/2012) do conselho nacional de saúde que contém normas éticas de pesquisa que envolve os seres humanos. Portanto, foi apresentado a todos os participantes entrevistados, assim como para os representantes de cada pré-vestibular, os objetivos da pesquisa e o roteiro das entrevistas. Foi também acordado que de forma alguma a identidade dos entrevistados seria exposta. São identificados através de números, como por exemplo, “aluno 1”.

Dessa forma, iremos apresentar como acontece a inserção dos alunos e dos professores, como funciona o Pré-vestibular Social Josué de Castro, quais as disciplinas que ele oferece e os resultados obtidos pelo questionário realizado com os alunos.

Nesse tópico será abordado sobre o perfil dos alunos pesquisados; a porcentagem de quanto tempo a maioria dos jovens estão nesse cursinho, visto que, segundo Whitaker (2010), os candidatos que conseguem mais sucesso na aprovação do vestibular são aqueles que frequentam os pré-vestibulares por dois anos; (daí a relevância de mapear o tempo de frequência no curso); se pretendem prestar o vestibular no mesmo ano; se já escolheram o curso em que pretendem ingressar; o motivo que os levaram a escolherem suas profissões; em qual universidade pretendem ingressar; se conhecem as principais características das profissões que escolheram e quais são; o que para eles significa ser realizado profissionalmente; quanto esperam ganhar de salário atuando com a profissão que escolheram; qual o grau de escolaridade dos pais; quais as profissões que os pais sugeriram que esses jovens seguissem.

Com relação à seleção de alunos no Pré-vestibular Social Josué de Castro, ela acontece mediante sorteio e a divulgação, tanto das inscrições, quanto dos que foram sorteados, são apresentadas através do facebook e do instagram do programa. Para que os alunos se candidatem a vaga, é preciso ir até o Pré-vestibular e fazer a sua inscrição. Depois de realizada a inscrição, os jovens devem aguardar até que o resultado do sorteio seja divulgado.

Outra forma de inserção no pré-vestibular é por meio do “portas abertas”, que acontece nas férias de julho, quando ocorrem os “aulões” sobre temas do ENEM, abertos também ao público oriundo de escolas públicas. A participação nessas aulas serve de critério para a seleção de novos alunos, que são então admitidos no segundo semestre.

A UFF Campos oferece cursos de graduação em Ciências Sociais (licenciatura e bacharelado), História (licenciatura e bacharelado), Geografia (licenciatura e

bacharelado), Psicologia (bacharelado), Serviço Social (bacharelado) e Economia (bacharelado), e são os estudantes desses cursos que atuam como professores no Pré-vestibular Social Josué de Castro. Para as disciplinas de física, matemática e química os professores são da UENF e do IFF.

A seleção dos professores começa no início de cada ano por meio de análise do currículo, e de uma aula didática avaliada por uma comissão composta pelo(a) secretário(a), pela coordenadora e por alguns professores do quadro docente do pré-vestibular.

Existem duas turmas compostas por 50 alunos cada, que recebem aulas de português, redação, história, geografia, biologia, matemática, física, química, sociologia, filosofia, inglês e espanhol. As aulas são ministradas no horário de 13h até as 17:30, tendo como recursos *slide*, quadro branco e caneta de quadro. Os alunos não recebem material didático algum.

O fato de ser um cursinho inserido em uma universidade também ganha destaque em relação a escolha laboral desses estudantes, visto que os mesmos passam a ter contato não somente com alunos das graduações, mas também com o próprio ambiente da universidade e com os cursos e institutos que a compõem. Esse contato com o ambiente universitário faz com que alguns escolham um curso que esteja ofertado na universidade em que o pré-vestibular está inserido. Um dos motivos pelos quais os jovens escolhem esse pré-vestibular é o fato de poderem estar mais próximos do local em que pretendem cursar a graduação. Alguns jovens iniciam o cursinho com uma escolha laboral pré-estabelecida, mas, ao conhecerem outros cursos no campus, pode ocorrer de abandonarem essa primeira escolha.

O contato com os professores é outro possível meio de influência na escolha profissional dos jovens, pois, como aborda Soares (1987), a identidade dos jovens é estabelecida através do contato que eles têm com pessoas importantes para eles. E a figura do professor tem grande valia nesse processo, uma vez que nem todos os jovens conseguem ter uma conversa sobre escolha profissional com seus familiares e amigos.

Como já mencionado no capítulo 1, Dayrell (2003) afirma que os jovens dessa faixa etária estão passando por um momento de transitoriedade entre a adolescência e a vida adulta, dessa forma, muitas dúvidas e questionamentos podem trazer indecisões com relação ao projeto de vida profissional. A vivência dentro dos pré-vestibulares sociais, incluindo a relação com os professores, os amigos e a universidade em que o

cursinho está inserido, abre novos horizontes para esses jovens, também em relação ao curso a ser escolhido.

Os pré-vestibulares sociais, assim como as religiões e a família, são espaços de socialização, de integração, de crescimento intelectual e de amadurecimento. São espaços de transitoriedade entre o ensino médio e o curso superior, portanto tem grande valia não somente em relação aos ensinamentos de conteúdos do vestibular, como também auxilia na formação da identidade juvenil.

### 2.3 Pré-Vestibular Social Teorema (UENF)

O Pré-Vestibular Teorema começou a funcionar no segundo semestre de 2004 com o patrocínio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (CPPG), tendo como principal finalidade atender de forma gratuita os funcionários da UENF e seus dependentes, bem como a comunidade regional de maneira geral, principalmente jovens oriundos de ou pertencentes a escolas públicas ou privadas que não tenham condições financeiras de arcar com as despesas de um pré-vestibular privado (BARRETO et al, 2015).

Para a realização dessa pesquisa foi realizada uma entrevista informal com um dos secretários do Pré-vestibular Social Teorema no mês de agosto de 2019. Assim como no Pré-vestibular Social Josué de Castro, contamos com o aceite e apoio do coordenador do curso.

O Pré-vestibular Teorema possui três turmas com 60 alunos em cada uma, e as inscrições são realizadas através das redes sociais (Facebook e Instagram) e no site da instituição, até completarem as 180 vagas, não havendo processo seletivo. Quando o numero de inscrições ultrapassa o de vagas oferecidas é aberta uma lista de espera.

A inscrição tem uma taxa de R\$30,00 e a matrícula de R\$ 20,00, totalizando R\$ 50,00. Esse valor é para ajudar nas despesas de xerox, canetas de quadros e demais custos da instituição.

As aulas acontecem de segunda a sexta na parte da noite (de 18h20min às 22h), com ou mais disciplinas por dia, e os alunos recebem xerox como material didático.

Diferentemente do outro pré-vestibular pesquisado, o corpo docente é composto por mestrados e doutorandos da UENF, selecionados entre janeiro e fevereiro de cada ano. Os candidatos que pretendem dar aula nesse pré-vestibular entregam o currículo, documentos (inclusive uma declaração de que cursam mestrado ou doutorado na UENF)

e um plano de aula completo. Após a seleção inicial, a segunda fase do é ministrar a aula, composta no plano de aula que foi entregue no momento da inscrição, avaliada pelo coordenador do cursinho, juntamente com duas secretárias.

No Pré-vestibular Social Teorema são ofertadas as disciplinas biologia I, biologia II, biologia III, matemática I, matemática II, física I, física II, história do Brasil, história geral, geografia, química orgânica e inorgânica, inglês, português, literatura e redação.

Na UENF são ofertados cursos de graduação de administração pública, agronomia, biologia (licenciatura), ciência da computação, pedagogia (licenciatura), ciências biológicas (bacharelado), ciências sociais (bacharelado), engenharia civil, engenharia de exploração e produção de petróleo, engenharia de produção, engenharia metalúrgica, física (licenciatura), matemática (licenciatura), medicina veterinária, química (licenciatura) e zootecnia. O quadro de mestrados e doutorados ofertados apresentam cursos de biociência e biotecnologia, biotecnologia vegetal, ciência animal, ciências naturais, cognição e linguagem, ecologia e recursos naturais, engenharia civil, engenharia de produção, engenharia de reservatório e de exploração, engenharia e ciências dos materiais, genética e melhoramento de plantas, mestrado profissional em matemática, políticas sociais, produção vegetal e sociologia política<sup>3</sup>.

#### 2.4 O perfil dos alunos dos Pré-vestibulares sociais e suas escolhas profissionais relacionadas a família e a religião

A pesquisa de ambos pré-vestibulares foi realizada nos meses de julho, agosto e setembro de 2019.

Em relação ao Pré-vestibular social Josué de Castro, em um primeiro momento, para que pudéssemos ter contato com os alunos, pedi permissão a coordenadora do Pré-vestibular da UFF. Após ela concordar e me enviar o contato do novo secretário, comuniquei-me com um professor desse cursinho pedindo para que eu pudesse assistir uma de suas aulas e em algum momento passar os questionários para os alunos. O docente prontamente aceitou.

Quando cheguei em sala de aula, uma das alunas me perguntou se eles iriam ser novamente “ratinhos de laboratório”. Sem entender o que ela queria dizer, perguntei o

---

<sup>3</sup> Essas informações foram obtidas através do site da UENF, disponível em: <<http://www.uenf.br/portal/index.php/br/>>. Acesso em Outubro de 2019.

que seria um “ratinho de laboratório” e ela me explicou que na semana anterior um grupo de estudantes da psicologia foi até eles pedindo que preenchessem um questionário sobre saúde emocional na faculdade. A questão, segundo essa aluna, era que o fato de haver pessoas aplicando questionários atrapalhava o andamento da aula, impossibilitando que eles avançassem no conteúdo.

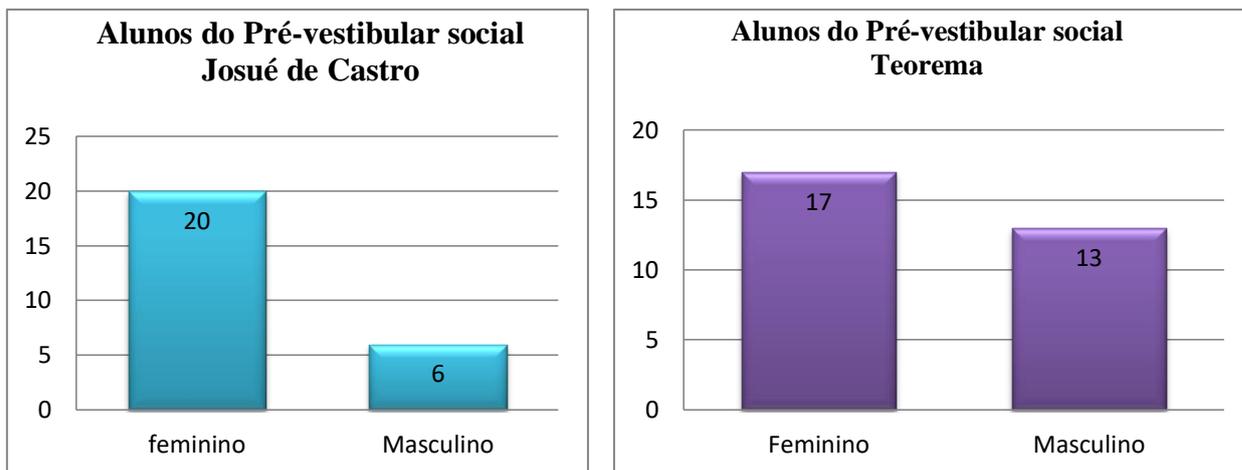
O professor que estava presente na sala de aula explicou a turma sobre o meu trabalho e pediu para que eu me apresentasse e explicasse melhor a pesquisa que eu estava fazendo. Após me apresentar e fazer com que os jovens que ali estavam entendessem a importância da pesquisa, apliquei os questionários para os 26 alunos presentes. O baixo número de alunos justifica-se pelo período do ano, momento em que já ocorreu muita evasão, reduzindo de duas para uma turma de alunos.

No Pré-vestibular social Teorema, para que pudéssemos ter contato com os alunos, primeiramente foi solicitado ao coordenador do pré-vestibular a permissão para que os questionários fossem aplicados e ele prontamente aceitou. Posteriormente entrei em contato com uma das professoras e marquei com ela um dia para aplicar o questionário para as turmas. Assim como no outro curso, devido a evasão, só havia uma turma.

Diferentemente da experiência obtida no Pré-vestibular social Josué de Castro, os alunos do Pré-vestibular Teorema não questionaram a minha presença e inclusive demonstraram interesse em saber sobre o meu tema de pesquisa.

Em relação ao sexo dos alunos, obtive as seguintes respostas expostas no gráfico a seguir.

**Gráfico 1:** Sexo dos alunos dos Pré-vestibulares da UFF e da UENF

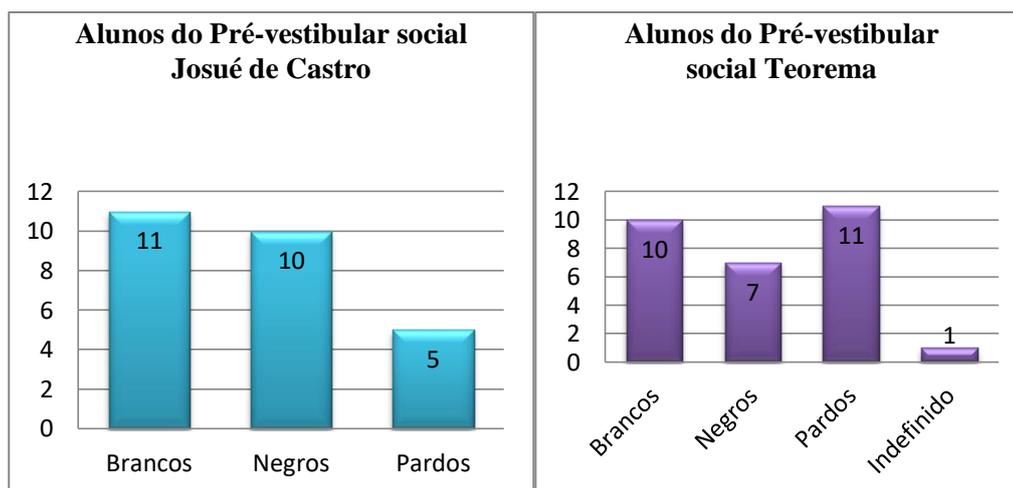


**Fonte:** Elaborado pela autora. Informações obtidas no campo de pesquisa.

Conforme apresentado no gráfico acima observamos a predominância de alunos de sexo feminino em ambos os pré-vestibulares, o que corrobora Single (2000) que afirma ocorrer o crescimento de mulheres, não somente no campo do trabalho, mas também nos estudos acadêmicos.

Com relação a cor, a maioria se declarou negra e parda como mostra o gráfico a seguir.

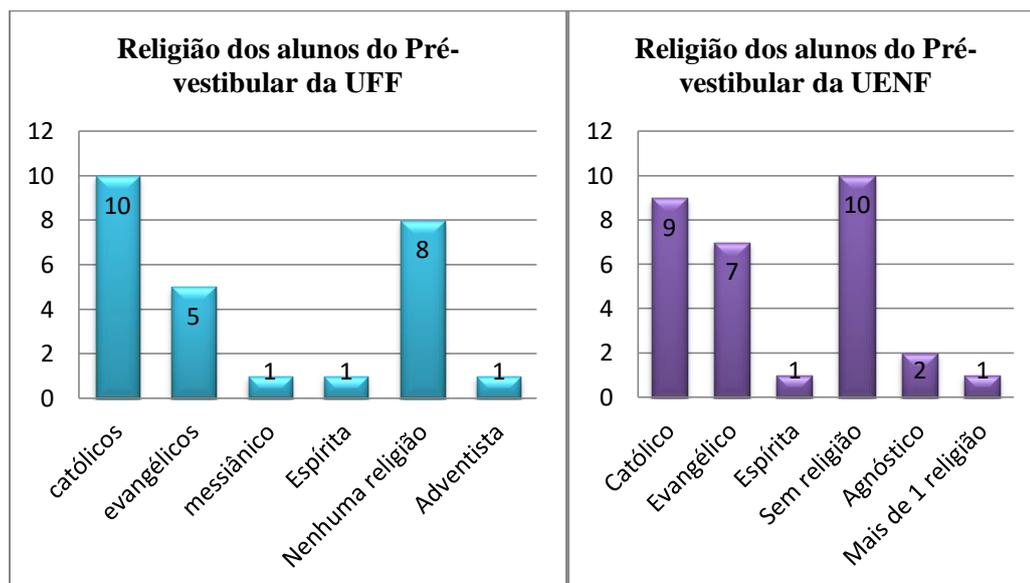
**Gráfico 2:** Declaração de cor dos alunos



**Fonte:** Elaborado pela autora. Informações obtidas no campo de pesquisa.

Observamos que em ambos pré-vestibulares a maioria dos alunos são negros e pardos. Apenas um dos alunos do Pré-vestibular Social Teorema que se denominam como tendo cor indefinida.

Sobre a religião, o resultado obtido está no gráfico 4.

**Gráfico 3:** Religiões dos alunos dos Pré-vestibulares da UFF e da UENF

Fonte: Elaborado pela autora. Informações obtidas no campo de pesquisa.

No **gráfico 3**, em relação ao Pré-vestibular Josué de Castro, é possível notar a predominância do catolicismo, mas não muito distante se encontra o quantitativo daqueles que se declaram sem religião.

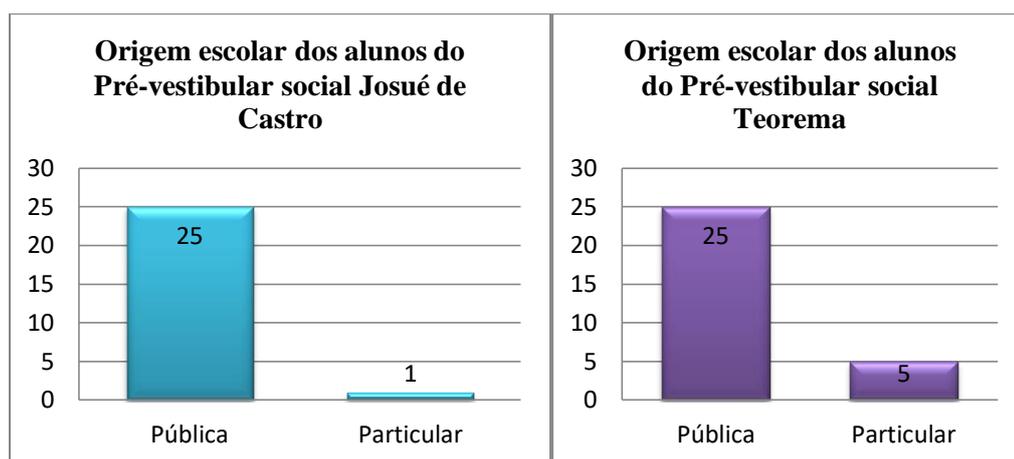
Segundo o censo do IBGE de 2010, a religião católica tem grande peso na cidade de Campos dos Goytacazes, totalizando 50,4% da população, o que pode explicar a predominância dos jovens católicos dentro desse cursinho. Levando em consideração o que Novaes (2004) aborda sobre a secularização, os indivíduos passam a abandonar a religião, tornando-se um desinstitucionalizados.

Fernandes (2018) relata que apesar de não se declararem possuidores de uma religião, os jovens tendem a ter algum vínculo religioso, assim, os alunos que se declararam sem religião podem pertencer a uma fé, mesmo sem frequentar uma instituição religiosa.

Em relação aos alunos do Pré-vestibular social Teorema, podemos observar que a maioria não possui religião, o que não significa que eles não tenham alguma fé, como aborda Fernandes (2018).

Quando abordados sobre se vieram de escolas públicas ou privadas no ensino médio, obtive os resultados expostos no **gráfico 4**.

**Gráfico 4:** Origem escolar dos alunos dos pré-vestibulares

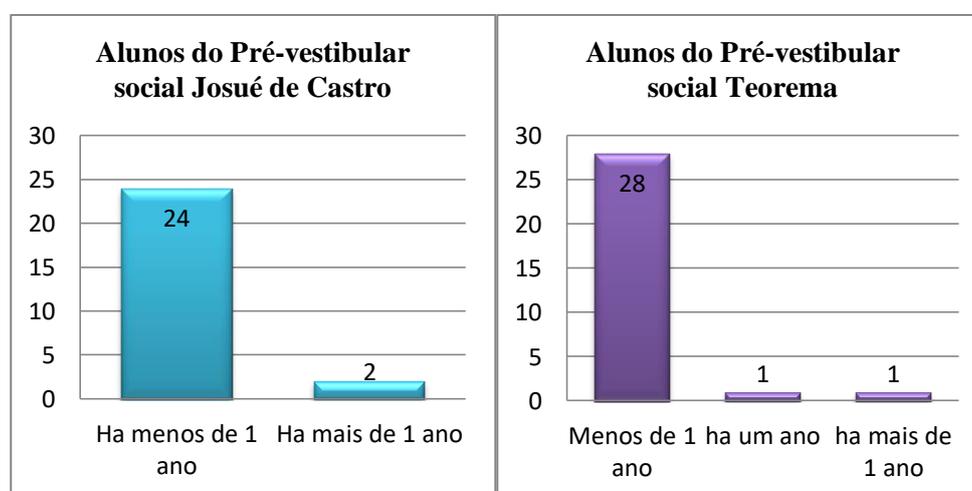


**Fonte:** Elaborado pela autora. Informações obtidas no campo de pesquisa.

Esse resultado mostra que ambos pré-vestibulares alcançam um de seus objetivos, que é ter em sua maioria alunos que estudaram em escolas públicas.

Com relação ao tempo em que estão cursando o pré-vestibular, constatei que a maioria dos alunos estão a menos de 1 ano no cursinho, como exposto no gráfico abaixo.

**Gráfico 5:** Tempo em que os alunos estão cursando os pré-vestibulares

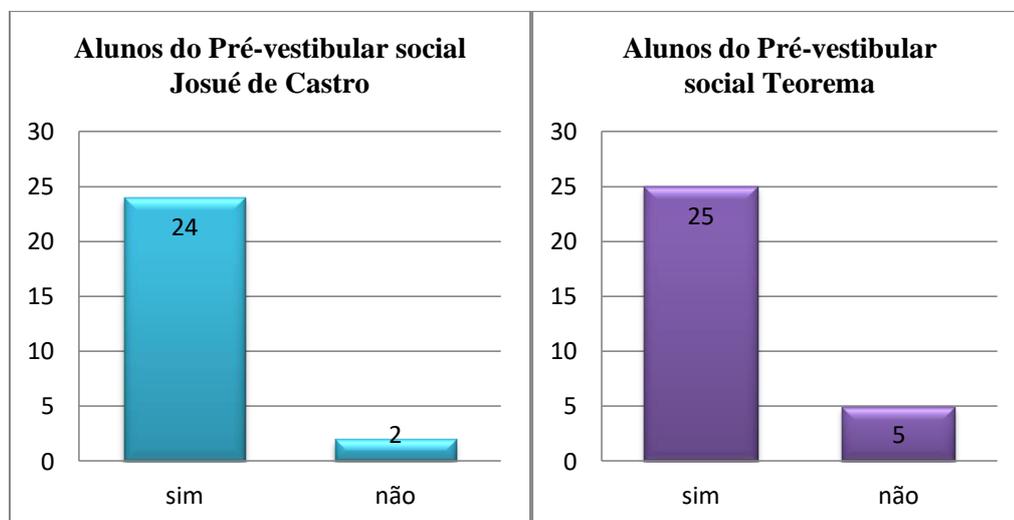


**Fonte:** Elaborado pela autora. Informações obtidas no campo de pesquisa.

O que podemos observar, além do fato de a maioria estar cursando os pré-vestibulares, é que no Pré-vestibular Social Teorema existe um aluno que está ha exato

1 ano frequentando as aulas, enquanto no Josué de Castro não há. Em ambos os pré-vestibulares sociais, os alunos pretendem prestar o vestibular no ano de 2019, porém ainda há jovens que ainda não escolheram o curso que pretendem ingressar, como mostra o gráfico a seguir.

**Gráfico 6:** Alunos que escolheram o curso que pretende ingressar

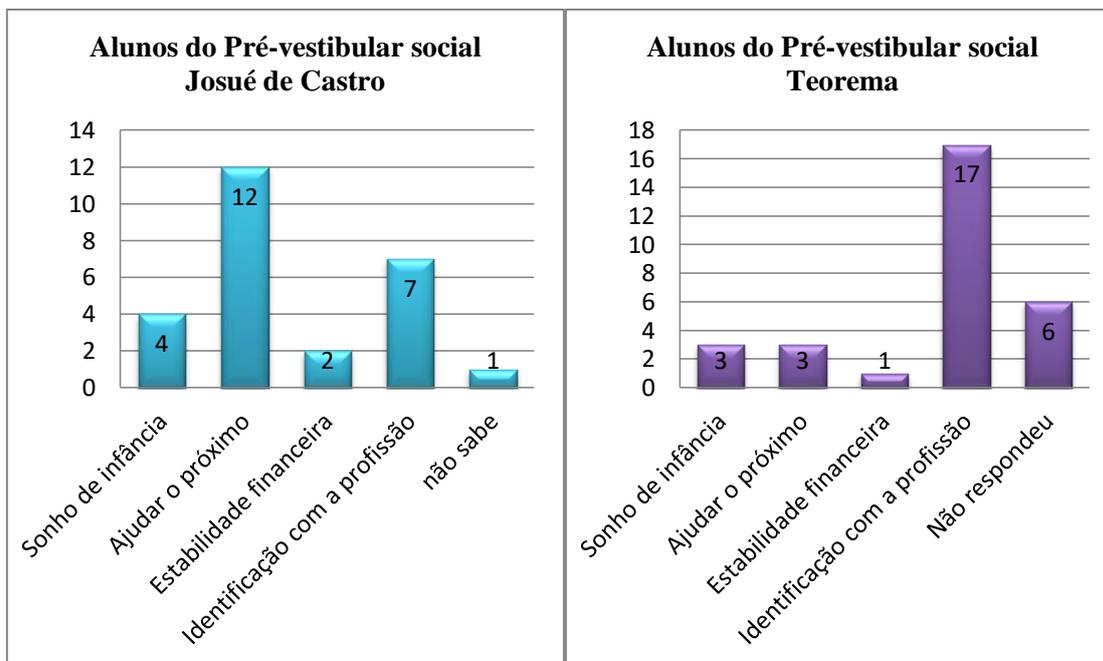


**Fonte:** Elaborado pela autora. Informações obtidas no campo de pesquisa.

O fato de terem alunos que ainda não decidiram que graduação pretendem cursar nos faz lembrar o que Paggiaro e Calais (2009) afirmam a respeito desse processo de escolha profissional ser estressante, angustiante e causar desgaste emocional e físico. Porém, não apenas esses fatores podem ser considerados como motivos para que a escolha ainda não tivesse sido feita. A indecisão por haver mais de uma profissão da qual queira seguir também faz com que esses alunos não tenham uma decisão atual.

As motivações que levaram os jovens a escolherem determinadas profissões foram classificadas conforme o gráfico 7.

**Gráfico 7:** Motivações existentes na escolha profissional dos alunos

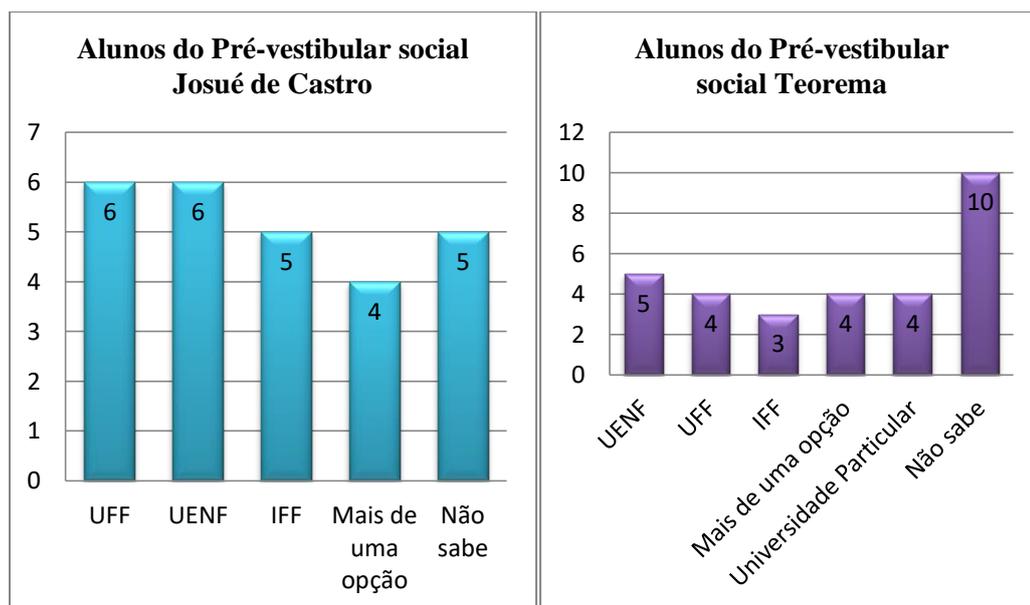


**Fonte:** Elaborado pela autora. Informações obtidas no campo de pesquisa.

O que podemos observar no **gráfico 7** é que em sua maioria os alunos do Pré-vestibular Social Josué de Castro ao escolherem suas profissões, tem como objetivo ajudar o próximo. Entre esses 12 alunos a maioria é católica, seguida de evangélicos, espíritas e messiânicos e uma pouca porcentagem dos que se denominam sem religião. A jovem que frequenta a igreja adventista, além de abordar que o motivo pelo qual escolheu sua profissão é pela identificação com a área, apontou ainda que a escolha também foi baseada no fato de que a profissão escolhida não a faria trabalhar aos sábados. Isso mostra que a religião teve influência na escolha profissional dessa jovem, visto que entre os adventistas existe o dogma de não trabalhar aos sábados.

Diferentemente, no Pré-vestibular Social Teorema a maior motivação em relação a escolha profissional vem da identificação com a profissão. Nesse pré-vestibular houve seis alunos que não responderam essa questão. Cinco ainda não sabem que profissão seguir e um não quis responder.

O gráfico nove apresenta qual ou quais universidade(s) os jovens do Pré-vestibular Social Josué de Castro pretendiam ingressar. Visto que alguns deles desejam prestar o vestibular para mais de uma Universidade.

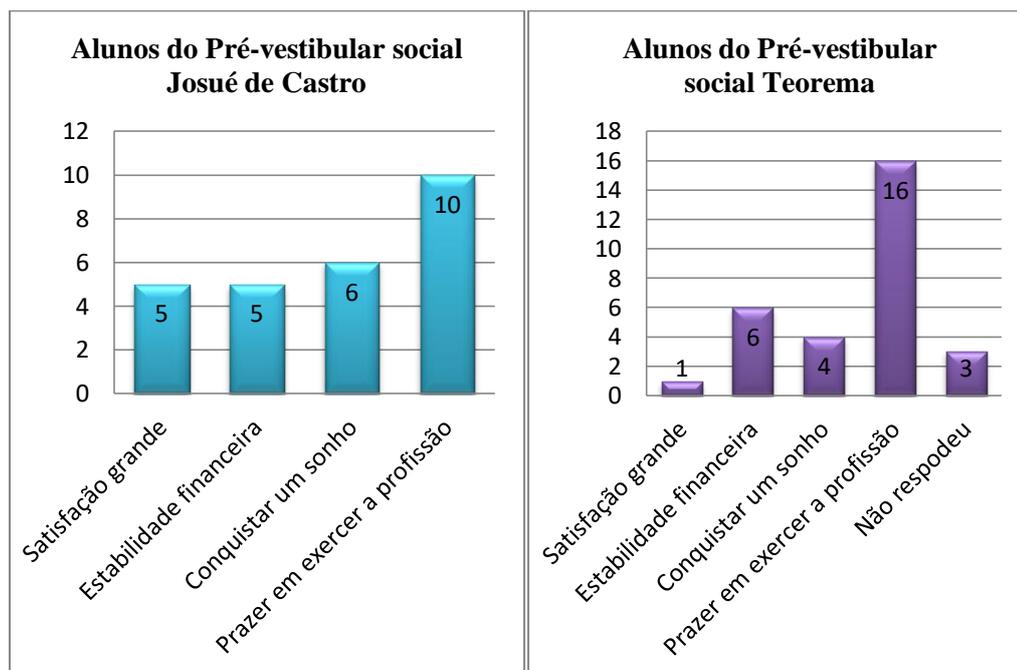
**Gráfico 8:** Universidade (s) que os jovens pretendem ingressar

**Fonte:** Elaborado pela autora. Informações obtidas no campo de pesquisa.

No gráfico acima nota-se que a maioria dos jovens pretendem ingressar na UFF ou na UENF. Aqueles que tiveram mais de uma opção também relataram ter a intenção de prestarem o vestibular para a UFF e para a UENF. Enquanto os que declararam não saber ainda qual universidade ingressar, quatro deles relataram que a instituição que tiver o curso que eles pensam em cursar, é a que eles irão querer. Isso mostra que possivelmente esses alunos não sabem qual universidade se inscrever por não saber quais os cursos são ofertados nas Universidades. Há uma grande parcela de jovens para além do Pré-vestibular Josué de Castro, que escolhem (ou não) uma profissão, mas não tem noção de qual faculdade oferece o curso. O que podemos então observar é que além das aulas ministradas, os pré-vestibulares também poderiam oferecer oficinas que abordem sobre as faculdades públicas e privadas, assim como os cursos que elas oferecem, como forma de situar os jovens, como acontece no evento mostra de profissões no Pré-vestibular Social Teorema, que iremos abordar mais adiante.

Em relação ao Pré-vestibular Social Teorema, o gráfico mostra que há uma grande quantidade de alunos que ainda não sabem qual universidade cursar e há alunos que pretendem conseguir ingressar em uma faculdade particular, resultado esse que não ocorreu com os alunos do Pré-vestibular Social Josué de Castro, pois todos os alunos desse outro cursinho escolheram universidades públicas.

Quanto a questão sobre o que significa ser realizado profissionalmente, os resultados foram classificados como mostra no gráfico 9.

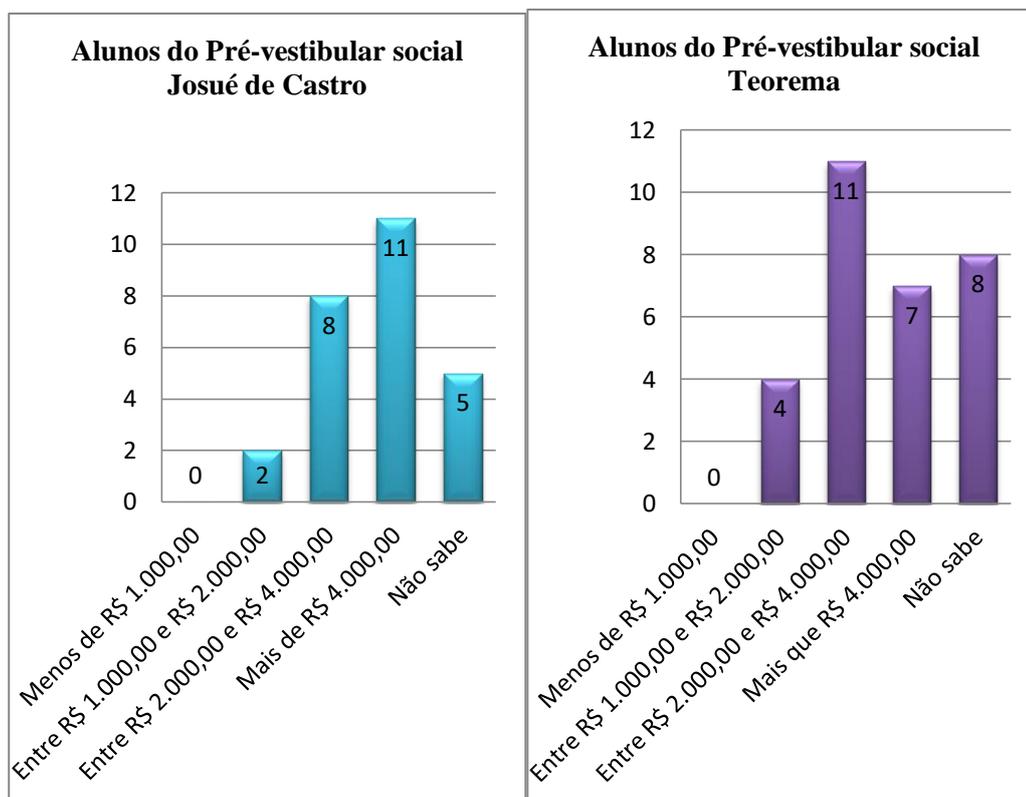
**Gráfico 9:** O que significa ser realizado profissionalmente para os jovens.

**Fonte:** Elaborado pela autora. Informações obtidas no campo de pesquisa.

Em ambos pré-vestibulares, a maioria dos jovens pensa que ser realizado profissionalmente é ter prazer em exercer a profissão. Mas o que é ter prazer em exercer a profissão? Podemos dizer que sentir prazer ao exercer sua profissão está relacionado a gostar do que faz e a estabilidade financeira, pois dificilmente alguém sente prazer exercendo uma profissão que não gosta e/ou que oferece um salário que não supra o básico para garantir a sobrevivência (alimentação, moradia e lazer).

Os resultados apresentados no gráfico 10 estão relacionados a questão do quanto se espera ganhar de salário exercendo a profissão que escolheu .

**Gráfico 10:** Salário que pretende ganhar exercendo a profissão que escolheu

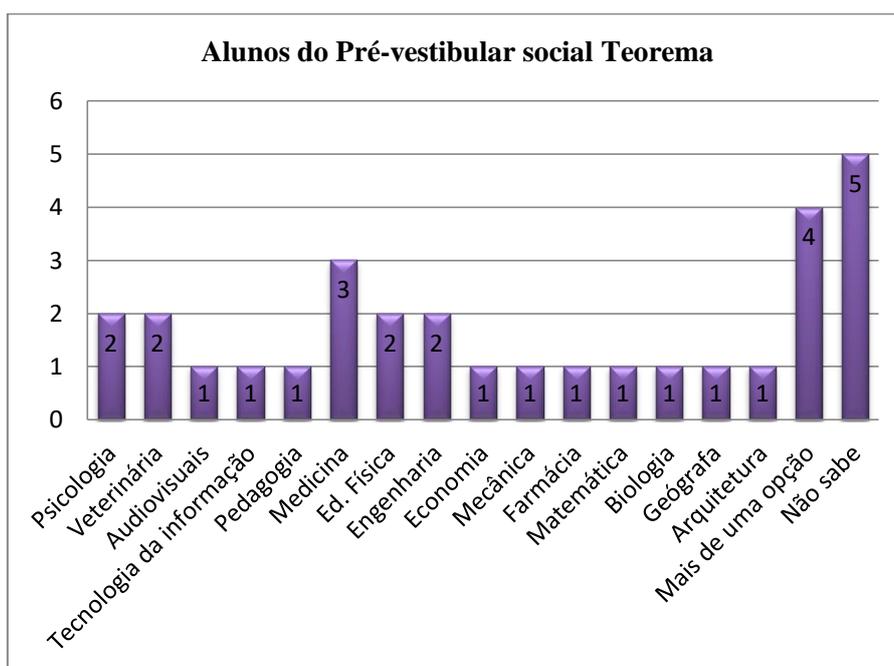
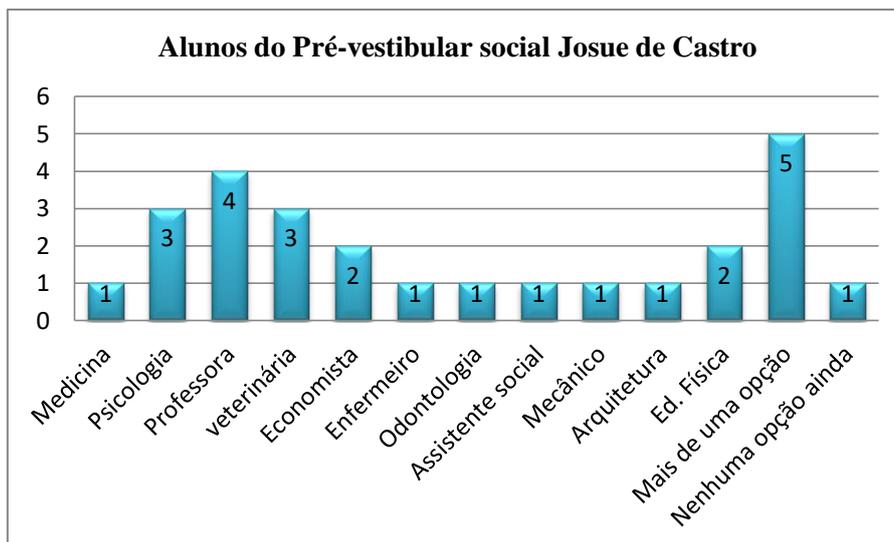


**Fonte:** Elaborado pela autora. Informações obtidas no campo de pesquisa.

O **gráfico 10** mostra que, apesar da maioria dos jovens de ambos pré-vestibulares não saberem as características da profissão que pretende exercer, e alegar que ser realizado profissionalmente é ter prazer em seu trabalho, querem ganhar como salário mais de R\$ 4.000,00. Isso revela que a questão financeira também é um fator de influência quando se escolhe uma profissão, tanto no sentido de atrair monetariamente quanto de limitar, pois determinadas profissões exigem altos investimentos econômicos e culturais.

As profissões que os jovens desses pré-vestibulares escolheram para exercer são essas que estão expostas no **gráfico 11**.

**Gráfico 11:** Escolhas profissionais dos jovens



**Fonte:** Elaborado pela autora. Informações obtidas no campo de pesquisa.

Em relação ao Pré-vestibular Social Josué de Castro, no gráfico 11 temos diversas opções de escolha profissional, sendo elas na área biológica, exatas e humanas. Mas o que podemos destacar nesse resultado é que cinco alunos ainda estão em processo de escolha profissional, pois suas respostas referem-se a mais de uma opção.

Em relação ao Pré-vestibular Social Teorema, a maioria dos cursos indicados pertencem a áreas de exatas e biológicas, vindo de encontro com a maioria das disciplinas ofertadas pelo cursinho.

Entre as profissões dos pais e mães desses alunos que responderam o questionário, encontram-se:

**Tabela 4:** Profissões dos pais e mães dos alunos dos Pré-vestibulares sociais

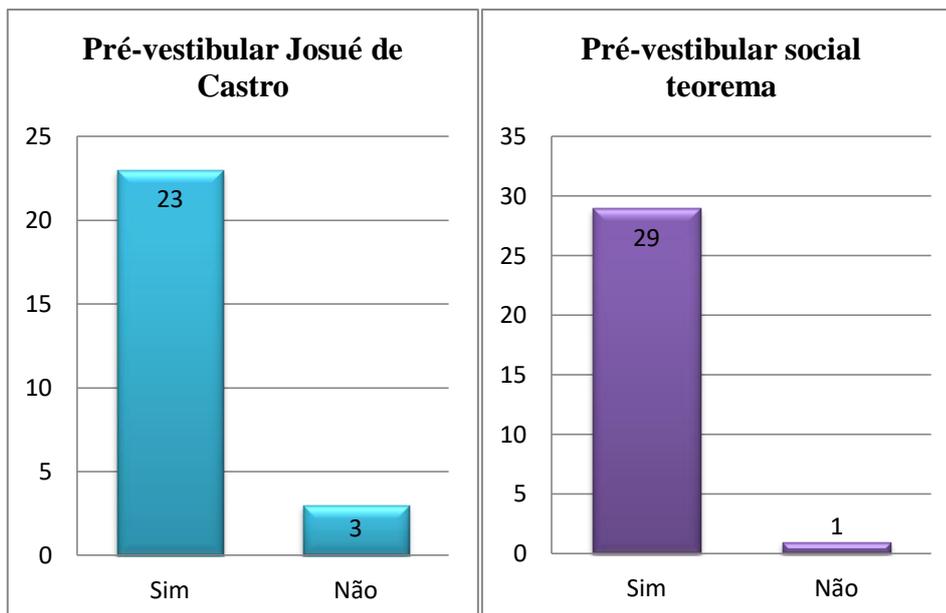
Pré-vestibular Social Josué de Castro	Pré-vestibular Social Teorema
Professores, empresários, dona de casa, comerciante, caminhoneiro, cabeleireira, carpinteiro, padreira, manicure, pedreiro, operador de caixa, guarda municipal, gerente, eletricitista, cuidadora de idoso, serralheiro, faxineira, pintor, consultora de vendas, açougueiro, telefonista, soldador, policial militar, empregada doméstica, lanterneiro, costureira, bombeiro militar, motorista, desempregado (a) e aposentado (a).	Guarda, bombeiro, professora, autônomo, eletricitista, promotor de vendas, dona do lar, agente da saúde, policial civil, enfermeira, pintor, funcionário público, comerciante, auxiliar de escritório, maqueiro, vendedor, auxiliar de creche, atendente, técnico de farmácia, profissional do correio, jogador de futebol, arquiteta, gerente de loja, agricultor, farmacêutica, caminhoneiro, assistente social, petroleiro, auxiliar de hortifrúti, operador de empilhadeira, dona de salão de beleza e desempregado (a).

**Fonte:** Elaborado pela autora. Informações obtidas no campo de pesquisa.

Podemos observar que todas as profissões citadas se enquadram em um perfil de atividades realizadas pela classe operária. Mais uma prova de que os pré-vestibulares sociais estão cumprindo com um dos seus objetivos que é alcançar adolescentes e jovens da classe trabalhadora.

Procurei verificar se a família desses jovens incentiva-os (ou não) na escolha profissional que eles fizeram. Obtive os resultados expostos no gráfico abaixo.

**Gráfico 12:** Incentivo dos pais dos alunos dos Pré-vestibulares

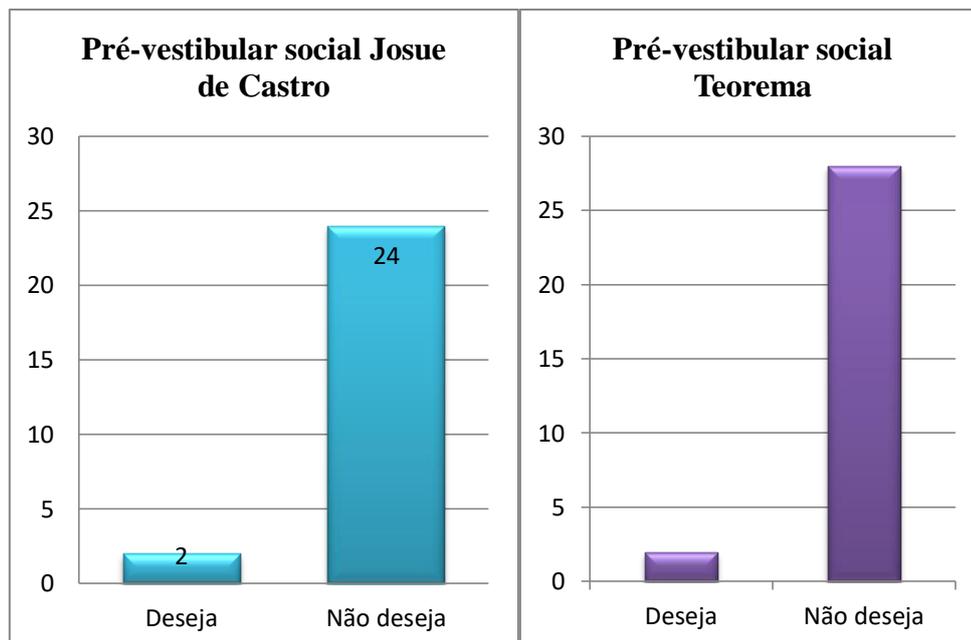


**Fonte:** Elaborado pela autora. Informações obtidas no campo de pesquisa.

O incentivo e apoio da família é importante, pois essa instituição pode ajudar ou dificultar no processo de escolha profissional (ALMEIDA; PINHO, 2008). Quando o jovem escolhe a profissão que deseja trilhar futuramente e não encontra apoio da família, pode haver a probabilidade desse jovem deixar de seguir a profissão que deseja para seguir outra em que encontre o apoio da família, devido ao sentimento de dívida com os parentes que alguns indivíduos tem.

Em relação ao desejo de seguir a mesma profissão dos pais, obtive as seguintes respostas expostas no gráfico a seguir.

**Gráfico 13:** Desejo (ou não) de seguir a mesma profissão dos pais



**Fonte:** Elaborado pela autora. Informações obtidas no campo de pesquisa.

O fato de não querer exercer as mesmas profissões dos pais se dá, na maior parte dos casos, por não se identificarem com o ofício que seus pais tem.

Em relação do Pré-vestibular Social Teorema, alguns alunos alegaram não desejar seguir a mesma profissão dos pais, pois esses não tiveram oportunidade de estudar e conseguir um emprego melhor do que o obtido. Uma grande parte desses jovens não responderam o por quê de querer ou não seguir a mesma profissão dos pais. Porém, três respostas chamaram a atenção

Meus pais não terminaram o Ensino Médio e tiveram que trabalhar em qualquer coisa. (Aluna 7)

Porque eles passam por dificuldades financeiras. (Aluno 4)

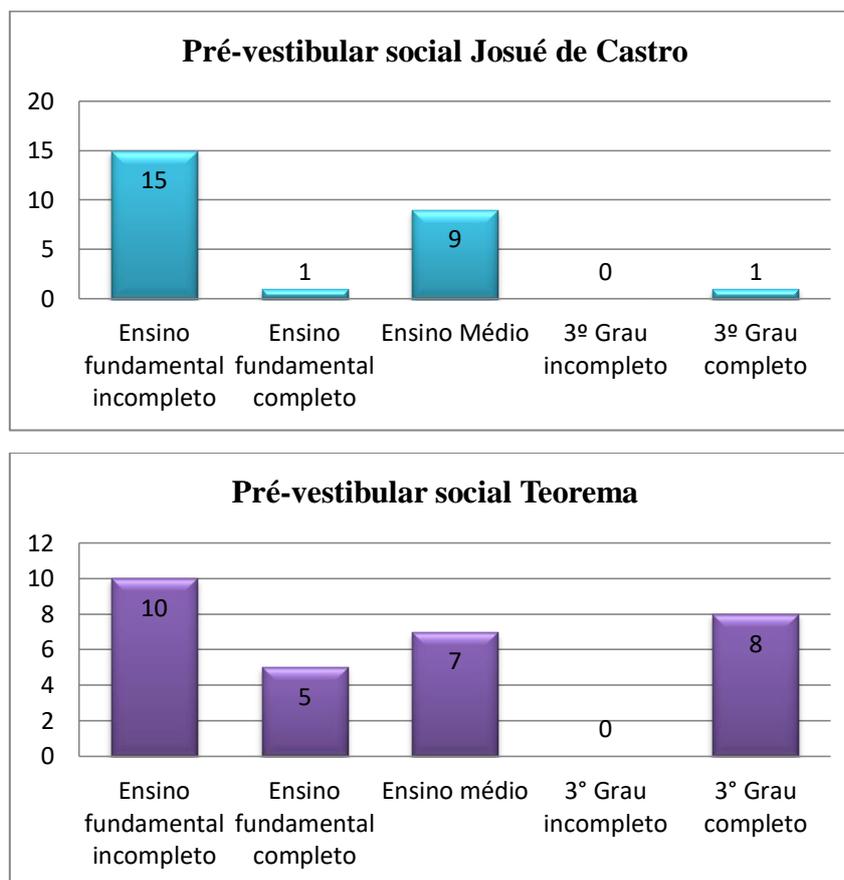
Eles não tiveram a chance de estudar e fazer o que queriam (Aluna 23)

O relato dos alunos 7 e 23 reafirma o que já foi abordado no capítulo um desse trabalho sobre a importância dos estudos como forma de terem maiores possibilidades de conseguir um emprego melhor do que aqueles que não obtiveram um grau de

instrução desejável ao ofício pretendido. O aluno 4 nos mostra que a condição atual da família é um dos fatores que o faz querer obter um emprego melhor do que o dos seus pais e também o de ajudar contribuindo nas despesas da casa, o que não o deixa de ser um sentimento de dívida com os parentes.

Dessa forma, sobre o grau de escolaridade dos pais e mães desses jovens, obtivemos o resultado que será exposto nos gráficos a seguir.

**Gráfico 14:** Grau de escolaridade do pai



**Fonte:** Elaborado pela autora. Informações obtidas no campo de pesquisa.

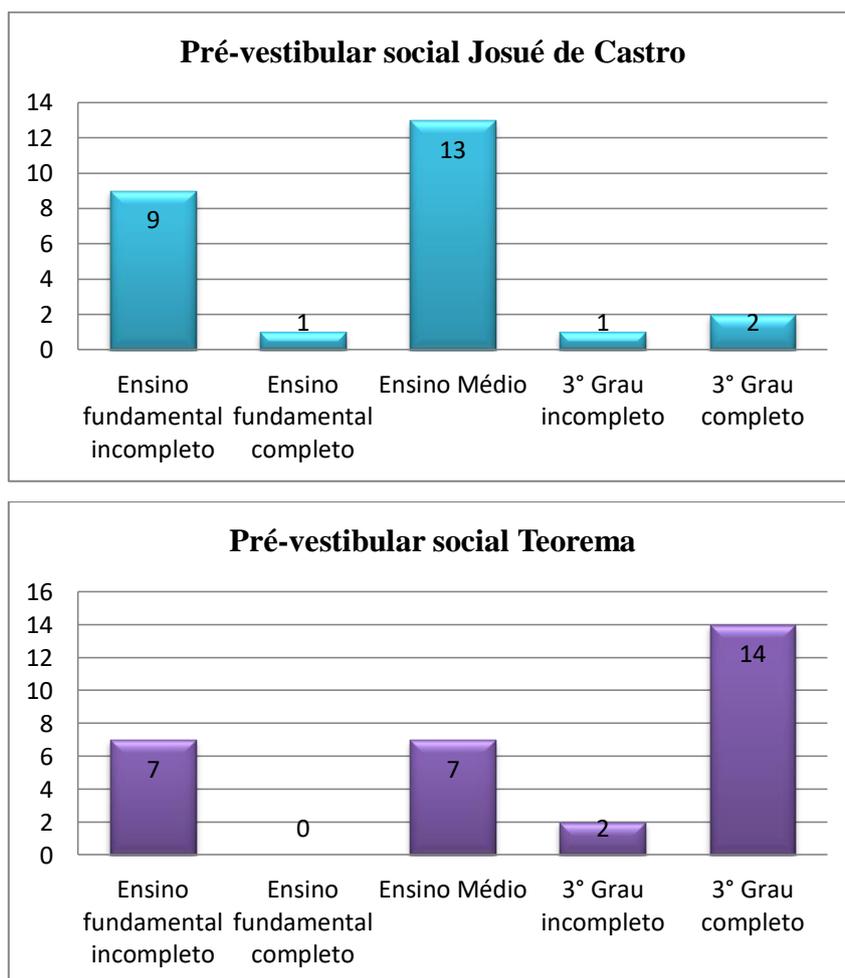
O **gráfico 14** mostra que a maioria dos pais dos alunos do Pré-vestibular Social Josué de Castro tem somente o ensino fundamental incompleto e o ensino médio. Esse fato corrobora a aspiração desses jovens de não seguir a mesma profissão dos pais, uma vez que, eles desejam exercer profissões que demandam um nível maior de escolaridade. Tal resultado também sugere que esses pais podem estar incentivando seus filhos a seguirem o ofício que os próprios jovens desejam, em razão de não terem os conhecimentos necessários para aconselhar seus filhos em qual profissão poderiam

seguir ou em virtude de desejarem aos seus filhos a obtenção de um diploma de ensino superior.

Já em relação aos pais dos alunos do Pré-vestibular Social Teorema, podemos observar que em sua maioria eles têm a formação de ensino fundamental incompleto.

No tocante ao grau de escolaridade das mães dos alunos dos pré-vestibulares analisados, obtive as seguintes respostas expostas no **gráfico 15**.

**Gráfico 15:** Grau de escolaridade da mãe



**Fonte:** Elaborado pela autora. Informações obtidas no campo de pesquisa.

Em relação ao Pré-vestibular Social Josué de Castro, se compararmos o grau de escolaridade dos pais com o grau de escolaridade das mães perceberemos que as mães possuem um grau maior de escolaridade em relação aos pais.

Com a revolução feminina e o advento das mulheres no mercado de trabalho, além da possibilidade de aumento da renda da família, ocorreu a maior escolaridade por

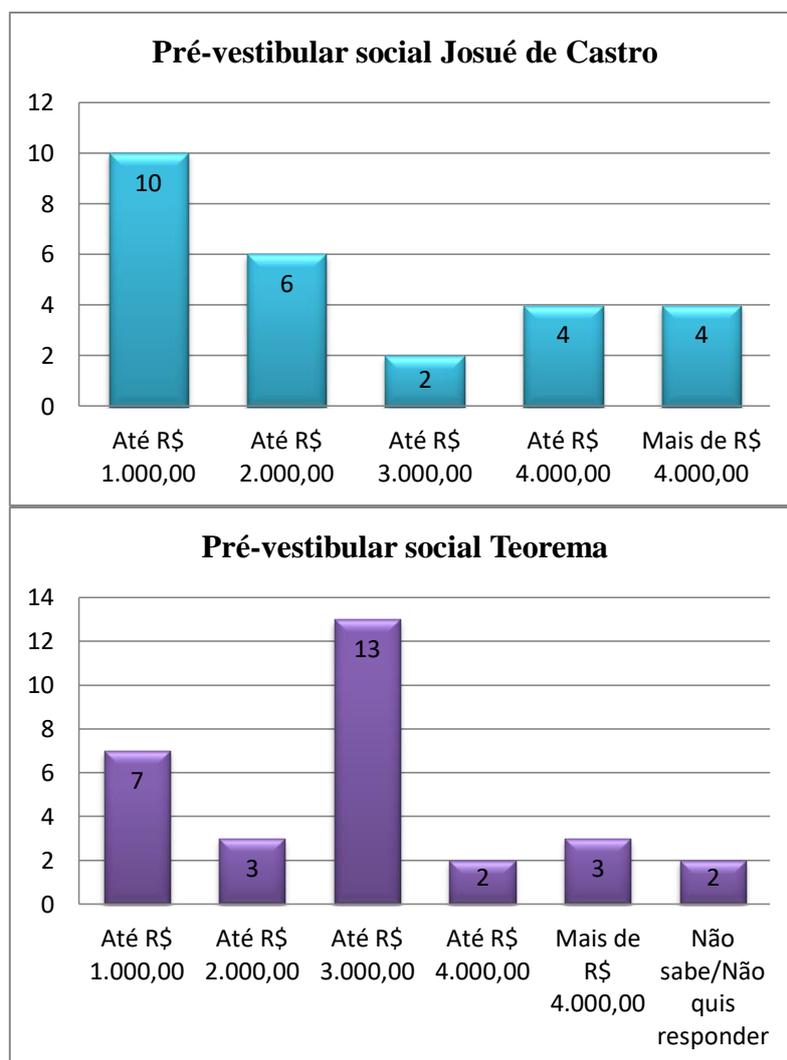
parte das mulheres. Esses dados assemelham-se ao que Single (2000) relata em relação ao crescimento do número de mulheres que aumentaram a escolaridade e se qualificaram em relação a um passado não muito distante.

A pesquisa nos mostra que assim como no Pré-vestibular social Josué de Castro, as mães dos alunos do Pré-vestibular Social Teorema possuem um grau de escolaridade mais elevado do que os pais. Porém, se compararmos o grau de escolaridade dos pais dos alunos de ambos os pré-vestibulares, iremos perceber que o Pré-vestibular social Josué de Castro tem uma maior quantidade tanto de pais quanto de mães que conseguiram concluir o Ensino superior.

A probabilidade de um pai e uma mãe que tenham o ensino superior querer que seus filhos trilhem o mesmo caminho laboral é maior, do que os genitores que tem o ensino fundamental ou médio que geralmente querem que seus filhos realizem profissionalmente o que eles não conseguiram realizar ao decorrer da vida. Santos (2005) designa como reprodução ou diferenciação esse desejo ou não de seguir a carreira dos pais.

Sobre a renda familiar dos jovens obtivemos os seguintes resultados localizados no **gráfico 16**.

**Gráfico 16:** Renda familiar dos alunos dos Pré-vestibulares



**Fonte:** Elaborado pela autora. Informações obtidas no campo de pesquisa

Observamos no **gráfico 16** que sua maioria dos alunos pertencentes ao Pré-vestibular Josué de Castro têm renda familiar de até R\$ 2.000,00.

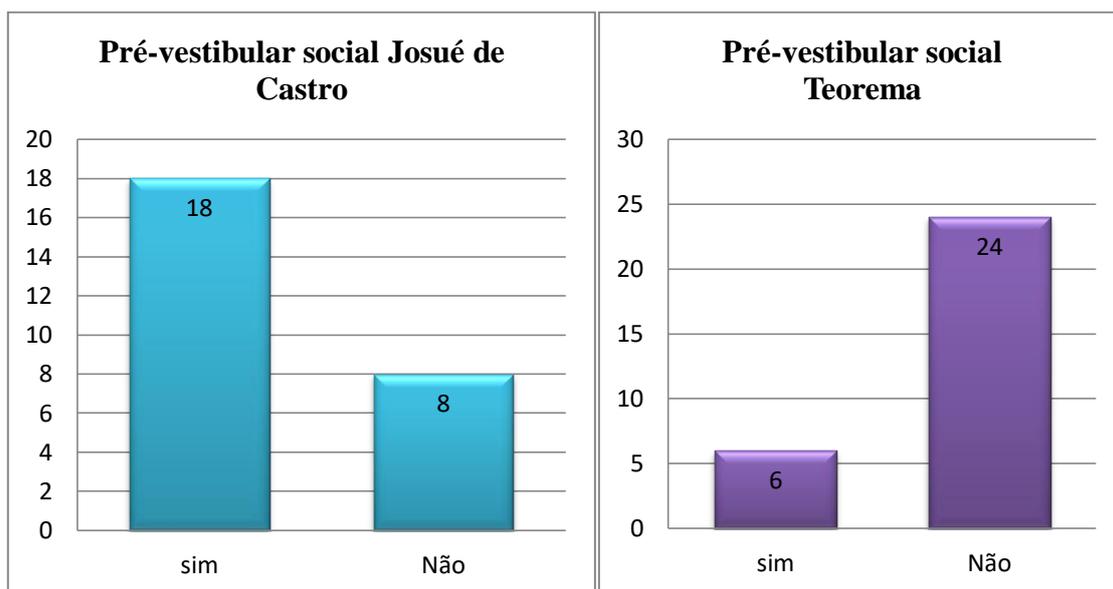
Quando um jovem está inserido em uma família com renda familiar entre R\$ 1.000,00 e R\$ 2.000,00 paira sobre ele o desejo de conseguir conquistar um emprego melhor do que o ofício que seus pais exercem, como forma de também contribuir para a renda familiar e ajudar nas despesas da casa. O desejo de ajudar na melhoria financeira da família pode surgir em decorrência do sentimento de dívida que alguns jovens possuem ou, até mesmo, da cobrança que algumas famílias podem fazer alegando que o(a) filho(a) deve retribuir todo apoio e ajuda que os pais deram.

Observamos também que a renda familiar dos alunos do Pré-vestibular Social Teorema é maior se comparado a renda familiar dos alunos do Pré-vestibular Social

Josué de Castro. Pode ser que esse fato tenha relação com o nível de escolaridade desses pais, que também é maior do que os pais dos alunos do outro Pré-vestibular.

Ainda sobre a possível influência que a família exerce em relação a escolha profissional desses aluno, foi perguntado se em algum momento os pais os aconselharam sobre seguir determinada profissão. Os resultados obtidos encontram-se no **gráfico 17**.

**Gráfico 17:** Conselho dos pais para os filhos seguirem alguma profissão



**Fonte:** Elaborado pela autora. Informações obtidas no campo de pesquisa

Observamos através dos resultados coletados que no Pré-vestibular Social Josué de Castro a maioria dos jovens receberam conselhos dos pais sobre qual profissão devem seguir. Em contrapartida, no Pré-vestibular Social Teorema, em sua maioria, os jovens não receberam conselhos sobre qual profissão devem seguir.

Como forma de saber se a profissão indicada pelos pais tem relação com a que eles exercem, foi perguntado a esses jovens qual a profissão que seus pais os aconselharam a seguir. O resultado obtido está exposto na tabela abaixo juntamente com a profissão exercida pelos pais desses jovens.

**Tabela 5:** Profissões sugeridas pelos pais de alguns alunos dos Pré-vestibulares**Pré-vestibular social Josué de Castro**

<b>Profissões sugeridas pelos pais</b>	<b>Profissão da mãe</b>	<b>Profissão do pai</b>
<b>Professora</b>	Professora	Empresário
<b>Caldeiraria</b>	Cabeleireiro	Carpinteiro
<b>Nutrição, psicologia, letras e fisioterapia</b>	Manicure	Pedreiro
<b>Direito</b>	Operador de Caixa	Guarda municipal
<b>Medicina</b>	Desempregada	Gerente
<b>Professora</b>	Cuidadora de idosos	Eletricista
<b>Enfermeira</b>	Faxineira	Pintor
<b>Direito</b>	Costureira	Bombeiro militar

**Pré-vestibular social Teorema**

<b>Profissões sugeridas pelos pais</b>	<b>Profissão da mãe</b>	<b>Profissão do pai</b>
<b>Medicina, advocacia e militarismo</b>	Guarda	Bombeiro
<b>Medicina</b>	Professora	Trabalha embarcado
<b>Alguma profissão na área de saúde</b>	Enfermeira	Pintor
<b>Carreira militar</b>	Auxiliar de escritório	Maqueiro
<b>Qualquer área na engenharia</b>	Desempregada	Não tem pai
Automação ou veterinária	Assistente social	Petroleiro

**Fonte:** Elaborado pela autora. Informações obtidas no campo de pesquisa

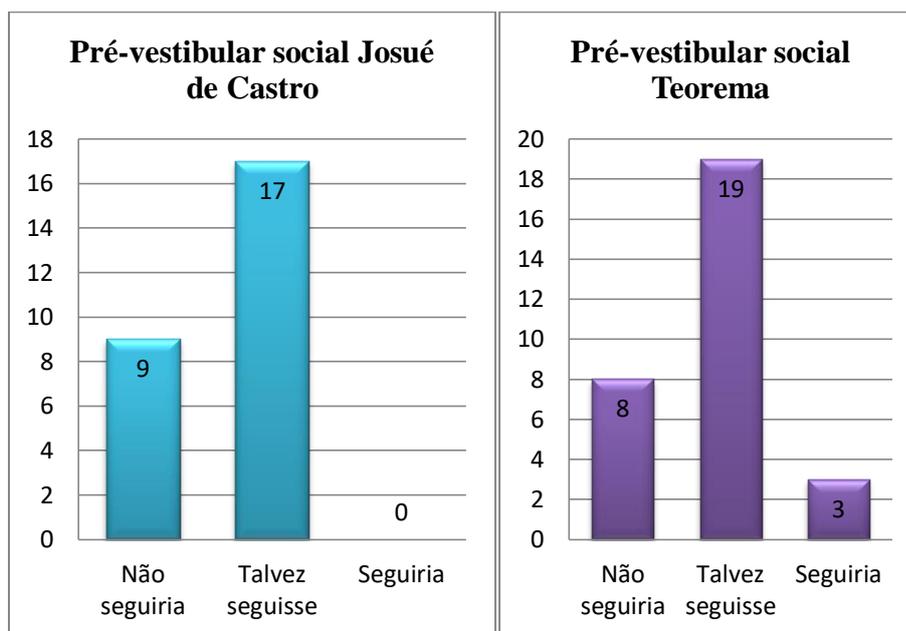
Em relação ao Pré-vestibular Social Josué de Castro, a **tabela 5** mostra que somente uma família aconselhou sua filha a seguir a mesma profissão que a mãe, que é professora. As demais profissões sugeridas pelos pais a seus filhos podem ser aquelas que os genitores desejavam exercer, mas não conseguiram e acabaram projetando seus

desejos profissionais em seus filhos e esperam que eles a concretizem (SOARES; PENNA, 1997).

Em relação ao Pré-vestibular Social Teorema, a **Tabela 5** nos mostra que há vários tipos de profissões sugeridas pelos pais, mas apenas uma é visível a reprodução, que é o caso da aluna em que seus pais a incentivam a seguir uma área profissional que tenha relação com a saúde, e sua mãe é enfermeira. Nesse caso específico em que a mãe da aluno é enfermeira e deseja que a filha siga uma profissão que seja da área da saúde, podemos ter duas suposições que nos leva aos conceitos desenvolvidos por Santos (2005) de reprodução e diferenciação, que são: (1) A mãe desejava ser médica mas não conseguindo acabou por se tornar enfermeira e despeja sobre a filha um desejo que profissional que é dela (**diferenciação**); (2) A mãe de fato quis se tornar enfermeira e deseja que a filha também siga a mesma profissão ou alguma que tenha a ver com sua linha profissional (**reprodução**).

A seguir, o gráfico sobre a profissão indicada pelos pais dos entrevistados.

**Gráfico 18:** Seguir a profissão que os pais aconselharam



**Fonte:** Elaborado pela autora. Informações obtidas no campo de pesquisa

O **gráfico 18** nos mostra que, em ambos pré-vestibulares, os jovens, em sua maioria, alegam que há a possibilidade de seguirem uma profissão que seus pais os

aconselhassem. Portanto, a opinião dos pais no momento do processo de escolha profissional de alguma forma é levada em consideração.

Comparando os resultados obtidos nos questionários respondidos pelos alunos de ambos os pré-vestibulares em relação a possível influência que a família possa exercer em suas escolhas profissionais, observamos que há sim a influência na escolha profissional dos jovens, mas não de uma forma tão explícita como era no século passado.

Abordamos no capítulo 1 desse trabalho que nos séculos antes do XX era normal um filho dar continuidade ao ofício exercido pelos pais, principalmente na relação pai e filho, pois nesse período as mulheres não tinham tanto destaque no mercado de trabalho como no século atual.

Atualmente a imposição de dar continuidade aos negócios da família não é tão forte como em outras épocas. O que ocorre em nossa sociedade atual está mais relacionado ao sentimento de dívida e o medo de não ser reconhecido pela família. (FALCKE; WAGNER, 2005). Os jovens da contemporaneidade tem mais liberdade no momento de sua escolha profissional, escolha essa que está mais atrelada ao que ele se identifica do que com uma imposição dos familiares.

É verídica a afirmativa de que a escolha profissional baseia-se em pessoas ou vivências das quais os jovens tem proximidade (SOARES, 1987), abrangendo principalmente a família por ela ser a primeira instituição socializadora do indivíduo (RAMOS e NASCIMENTO, 2008). Um jovem pode se identificar com a profissão do seu pai, da sua mãe ou de outro membro da família da qual, ele por ter presenciado de perto o trabalho, acabou por naturalizar e pensar que há uma identificação, e assim a escolhe pensando que não houve nenhum tipo de influência.

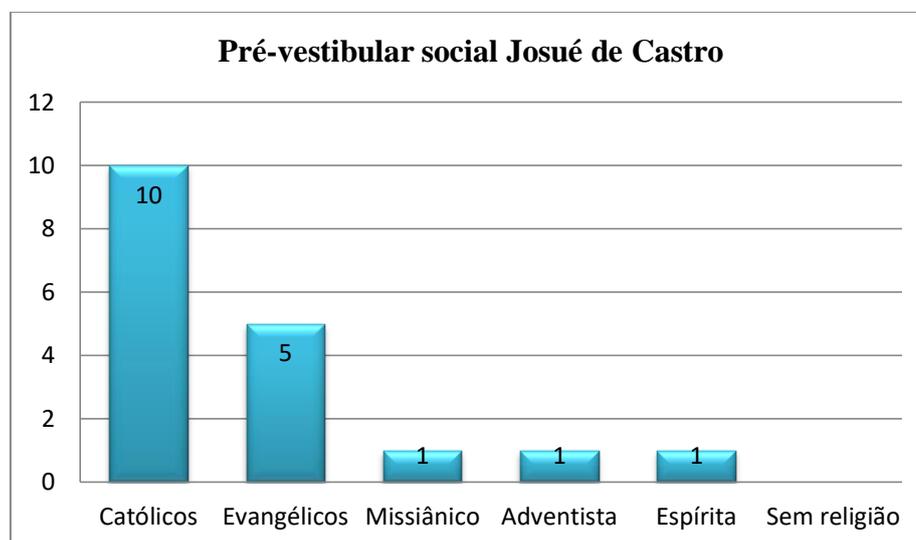
A influência familiar em relação a escolha profissional pode ocorrer de diversas formas, como por exemplo, (1) **de forma imposta**: quando os familiares obrigam através de chantagens; (2) **de forma imposta genericamente**: quando os familiares não dizem que é uma obrigação seguir determinada carreira, mas despreza o jovem ou tem outros tipos de comportamentos desprezíveis caso ele escolha uma outra profissão; (3) **de forma sentimental**: quando os familiares usa do sentimentalismo para conseguir chantagear e convencer o jovem a seguir determinada profissão principalmente aquelas das quais esses familiares sempre idealizaram mas não conseguiram realizar, e dessa forma projeta sobre o jovem os sonhos profissionais dos quais são deles; (4) **de forma subjetiva**: quando os familiares alegam querer que o jovem siga a profissão que quiser,

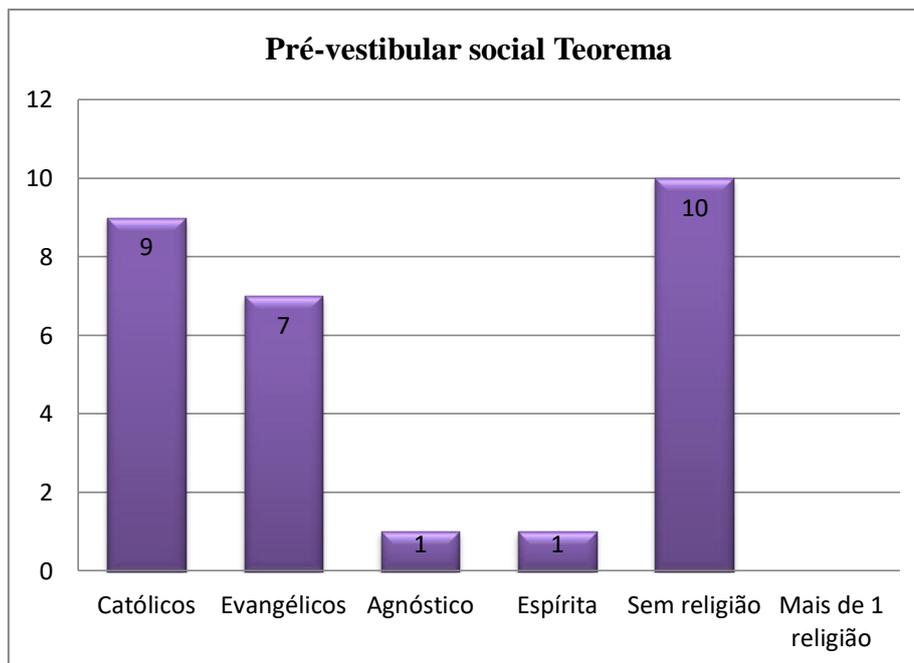
mas mostram ou dizem a esse jovem algumas profissões das quais ele poderia seguir, caso “queira”; (5) **através do exemplo**: é quando o jovem acompanha de perto o ofício de um membro da família e decide por seguir a mesma profissão; (6) **de forma negativa**: é quando o jovem acompanha a profissão de algum membro da família e cria dentro de si uma imagem negativa daquela profissão por diversos fatores dos quais para esse jovem são relevantes.

A identidade profissional de um indivíduo está ligada a identidade pessoal (SOARES, 1987). Dessa forma, sendo a família a primeira instituição socializadora responsável pela formação da identidade do indivíduo, ela contribui no processo de escolha profissional seja de forma positiva ou negativa, como descritas no último parágrafo.

Os tipos de religiões existentes entre os jovens pesquisados estão expostos no **gráfico 19**.

**Gráfico 19:** Religião dos alunos dos Pré-vestibulares



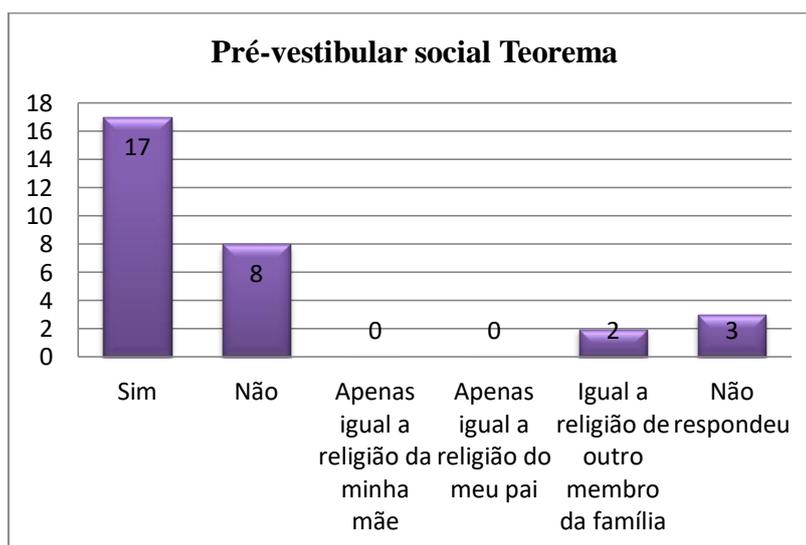
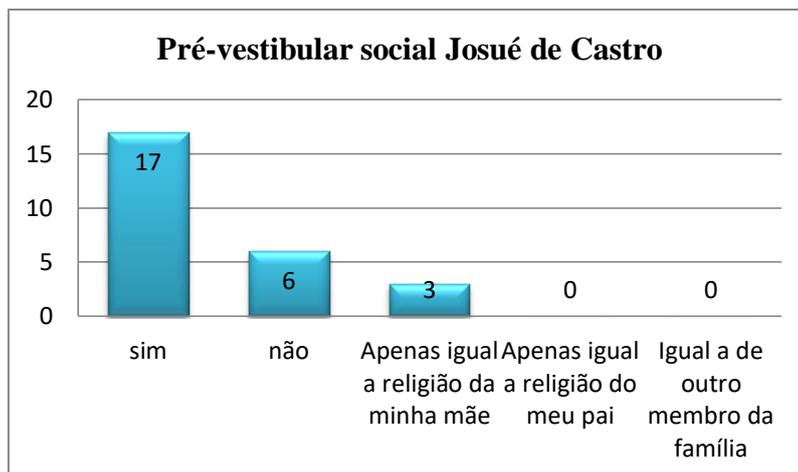


**Fonte:** Elaborado pela autora. Informações obtidas no campo de pesquisa

Ao compararmos as religiões dos jovens dos dois pré-vestibulares, podemos observar que no Josué de Castro a maioria dos alunos denominou ser católicos, enquanto no Teorema a maioria declara-se não possuir uma religião. Afirmar não possuir uma religião não significa seguir uma fé, mas pode apenas significar a não presença nas reuniões promovida pela religião (FERNANDES, 2018).

Novaes (2018) relata que os jovens fazem parte de diferentes espaços sociais e com isso não recebem influencia religiosa somente da família. Perguntamos aos alunos De ambos pré-vestibulares se a religião deles é a mesma dos seus pais ou de outro membro da família. As respostas obtidas encontram-se no **gráfico 20**.

**Gráfico 20:** Relação da religião dos jovens dos pré-vestibulares com a dos membros da família



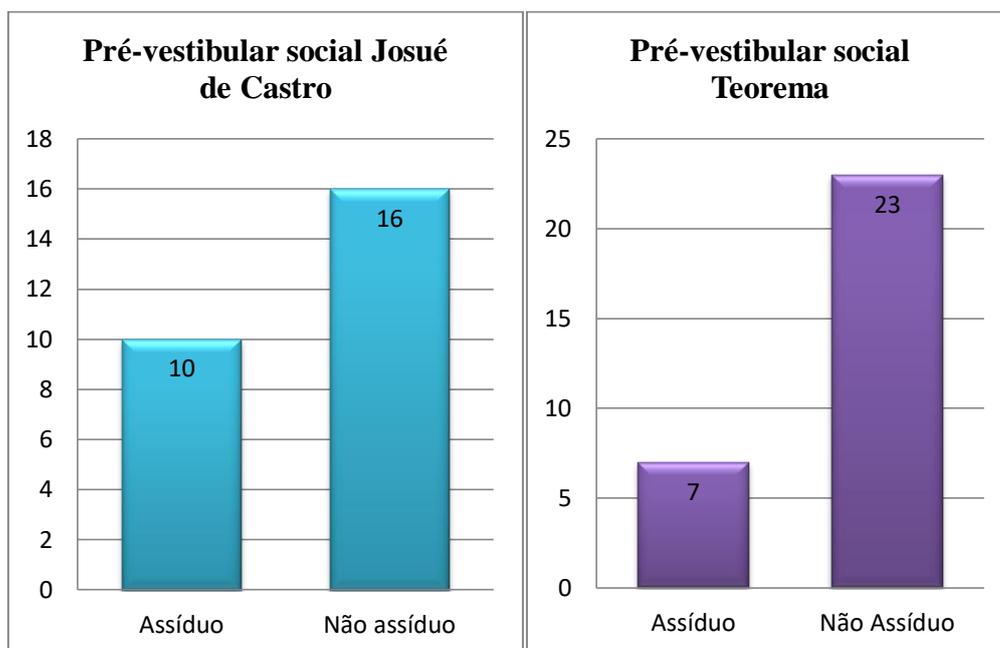
**Fonte:** Elaborado pela autora. Informações obtidas no campo de pesquisa

Em relação ao Pré-vestibular Social Josué de Castro, **gráfico 20** nos mostra que, em sua maioria, os jovens tem a mesma religião que algum membro da família. Nenhum deles deixou de responder essa questão. Esse resultado vem de encontro com as pesquisas realizadas por Fernandes (2018), em que a autora alega que os jovens podem ter uma fé ou acreditar em alguma religião, mas por não frequentarem a instituição igreja, acabam por se autodenominarem “sem religião”.

Assim como no Pré-vestibular Social Josué de Castro, os alunos do Pré-vestibular social Teorema tem a mesma religião dos seus pais. Mas diferentemente do outro Pré-vestibular, tiveram alunos alguns alegaram ter a mesma religião que outro membro da família e três não responderam.

Como forma de saber sobre a veracidade dessa afirmação feita por Fernandes (2018), procurei saber se esses jovens consideram-se assíduos nas reuniões que são promovidas pela igreja.

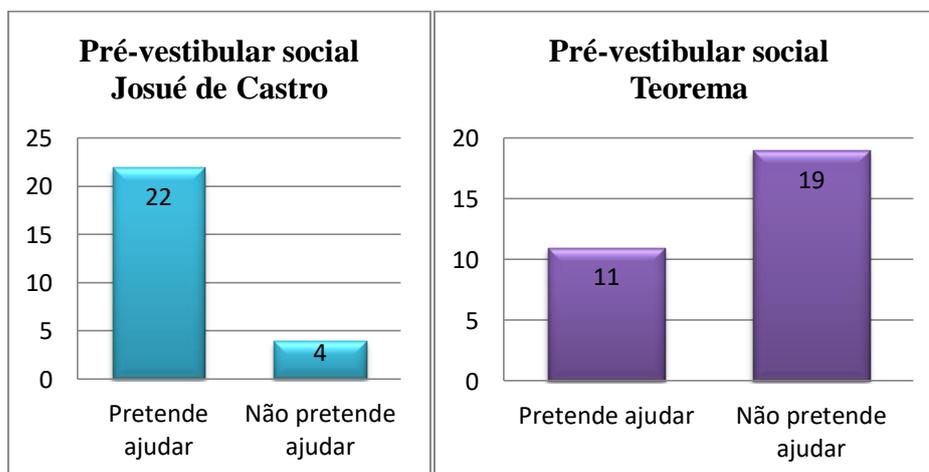
**Gráfico 21:** Assiduidade dos jovens nas reuniões proposta pela religião



**Fonte:** Elaborado pela autora. Informações obtidas no campo de pesquisa

Sobre a relação da religião com a escolha profissional, foi perguntado a esses alunos se eles pretendem ajudar de alguma forma a instituição religiosa da qual são adeptos com a profissão que escolheram e obtive as seguintes respostas.

**Gráfico 22:** Alunos que pretendem colaborar de alguma forma em sua religião com a profissão futura

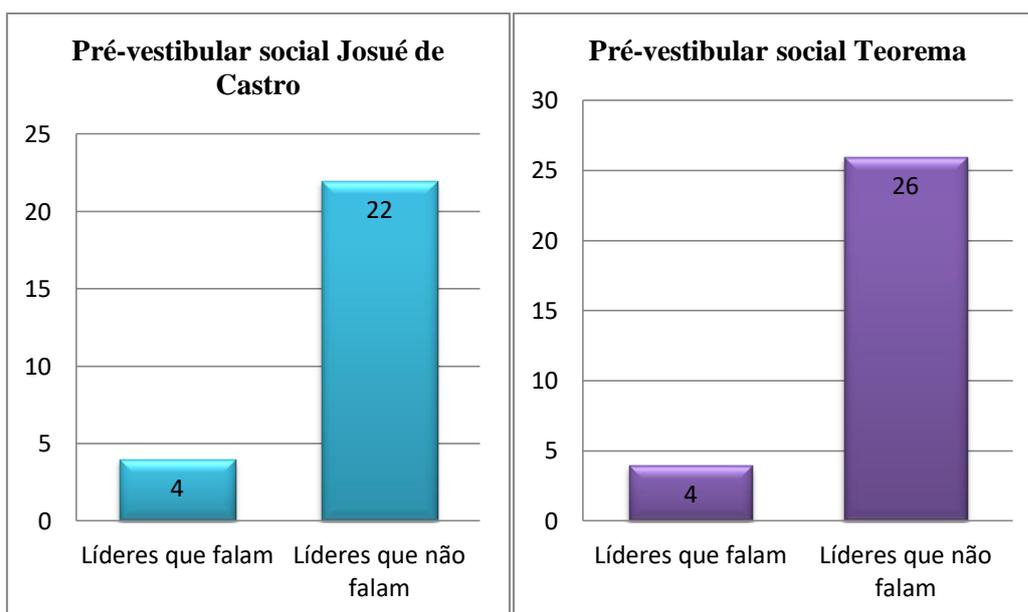


**Fonte:** Elaborado pela autora. Informações obtidas no campo de pesquisa

Observamos através dos gráficos que há uma diferença de resultado, pois, no Pré-vestibular Social Josué de Castro a maioria dos alunos desejam ajudar sua com a futura profissão, ao passo que no Pré-vestibular Social Teorema a maioria dos alunos alegaram que não pretendem ter essa mesma ação.

Foi perguntado também a esses alunos se seus líderes religiosos falam sobre escolha profissional e obtive as seguintes respostas.

**Gráfico 23:** Líderes religiosos que falam sobre escolha profissional

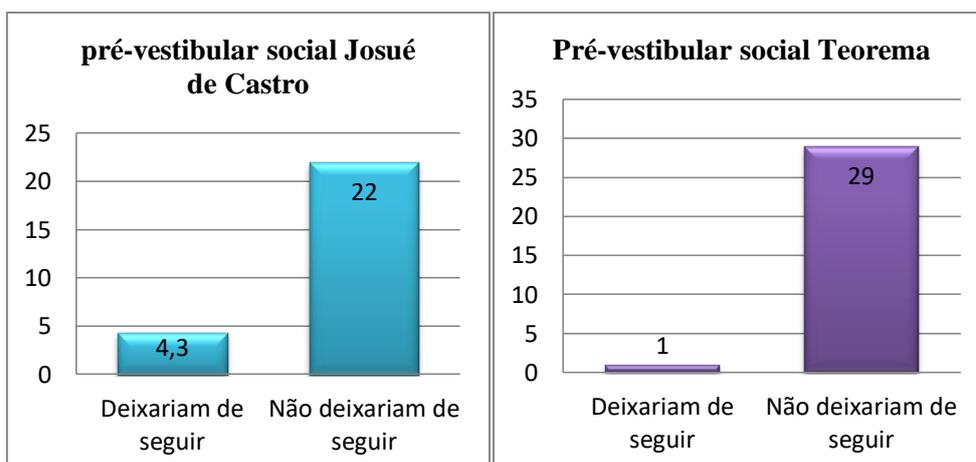


**Fonte:** Elaborado pela autora. Informações obtidas no campo de pesquisa

Podemos observar que a maioria dos jovens não tem conselhos dos líderes religiosos a respeito das escolhas profissionais. A influência religiosa em relação a escolha laboral pode ocorrer através de conselhos, e também de forma oculta, enraizada em paradigmas construídos através da socialização religiosa.

Também foi perguntado a eles se haveria alguma profissão da qual eles não seguiriam devido a religião e obtive as respostas a seguir.

**Gráfico 24:** Deixar de seguir uma profissão por causa da religião



**Fonte:** Elaborado pela autora. Informações obtidas no campo de pesquisa

Após os relatos do **gráfico 24**, vimos que em ambos os pré-vestibulares existem alunos que em sua maioria não deixariam de seguir uma profissão devido a religião.

Com esses resultados não podemos nos aprofundar muito em relação a religião e a sua possível influência na escolha profissional. Portanto, foram feitas entrevistas com alguns desses jovens como forma de conseguirmos melhores resultados. Os resultados dessas entrevistas serão abordados no último capítulo dessa dissertação.

O possível conflito entre o desejo profissional dos jovens que responderam ao questionário com os desejos dos familiares, e a influencia da religião, é percebido quando a maioria dos jovens do Pré-vestibular Social Josué de Castro relatam que o que os motivou a escolherem determinada profissão foi o querer ajudar o próximo, enquanto os jovens do Pré-vestibular Social Teorema afirmam que escolheram tais profissões por se identificarem com a mesma.

### **3. IMPLICAÇÕES DA FAMÍLIA E DOS PARES NA ESCOLHA PROFISSIONAL**

O presente capítulo objetiva apresentar com mais profundidade as percepções dos alunos dos pré-vestibulares sociais da UFF e da UENF a respeito de suas escolhas profissionais. O instrumento de coleta de dados adotado foi o de entrevistas semiestruturadas com esses jovens e com alguns pais dos mesmos. Essas entrevistas foram realizadas no ano de 2019.

Começarei descrevendo como se deu o processo de entrevista com esses alunos, seguindo com a análise a respeito da importância dos pré-vestibulares sociais para eles. Apresentarei também os resultados em relação à visão desses jovens sobre a influência da família em suas escolhas laborais. Em seguida, serão abordado os resultados da entrevista semiestruturada realizada com os pais desses jovens.

No capítulo 1 foi abordado o processo de socialização, inclusive a relevância da família e da religião nesse processo, como relata Soares (1987). Em contrapartida, também foi exposto o pensamento de Dayrell (2007) sobre a família não ser mais uma instituição tão forte na construção juvenil e de suas escolhas. Portanto, espera-se nesse capítulo mostrar com mais clareza a influência que a família vem exercendo no processo de escolha profissional desses jovens, mesmo de forma oculta.

#### **3.1 A percepção dos jovens a respeito de suas escolhas laborais e a importância dos Pré-vestibulares sociais nesse processo**

A fim de atender aos objetivos propostos, foi adotado como instrumento de coleta de dados a utilização de entrevistas com os alunos do Pré-vestibular Social Josué de Castro e Pré-vestibular Social Teorema, objetivando identificar as perspectivas desses jovens em relação à influência da família e da religião. Porém, nesse capítulo serão apresentados apenas os resultados a respeito da influência da família.

A seleção dos alunos foi pautada nos resultados obtidos no questionário aplicado. A entrevista visou cinco alunos que declaram abertamente a influência da

família em sua escolha profissional e cinco que não admitiram a presença da família na escolha laboral, como forma de verificar se a influência acontece de modo não percebido por esses jovens.

No dia em que apliquei os questionários para os alunos, solicitei o número de telefone de duas alunas para que elas pudessem me conceder a entrevista posteriormente, em algum dia e horário escolhido por elas. Expus a elas os nomes dos demais estudantes do Pré-vestibular Social Josué de Castro que eu desejava entrevistar e pedi para que elas falassem com eles, pois eu não tinha contato direto com nenhum dos demais alunos. Essas alunas colocaram o nome dos selecionados para a entrevista no grupo de whatsapp dos alunos desse cursinho e marcaram todos os escolhidos, pedindo para que eles se pronunciassem afirmando se poderiam ou não me conceder a entrevista ou se poderiam entrar em contato direto comigo (dei meu número de telefone a elas).

Alguns dos alunos entraram em contato comigo, enquanto outros pediram para que eu entrasse em contato. Finalmente, houve aqueles que não quiseram me conceder a entrevista. A fim de que se completasse o número de dez alunos, pedi para que essas alunas perguntassem aos demais alunos da sala quem gostaria de participar da entrevista e assim consegui completar o número de alunos que eu me propus a entrevistar.

Segundo Bourdieu (2007), é importante que o pesquisador saiba sobre o campo que for pesquisar, sobre o que pretende pesquisar, como, quais as pessoas que estarão envolvidas e qual o motivo que as levam a participar da pesquisa. O autor afirma que é o pesquisador que estabelece as regras do jogo, e por isso é importante que haja uma seleção de pesquisadores e pesquisado, Criando-se a relação de afinidade necessária para uma boa pesquisa.

Há então a liberdade de o pesquisador poder escolher o pesquisado entre as pessoas que o último conhece, ou pessoas às quais os seus conhecidos possam lhe apresentar. Há vantagens em entrevistar pessoas conhecidas ou pessoas que foram apresentadas por conhecidos, pois a probabilidade de que o entrevistado possa não se sentir ameaçado é maior, fazendo-o ter mais confiança para falar a respeito de assuntos dos quais ele poderia não sentir confiança para falar se fosse com quem ele não conhecesse ou nunca tivesse visto. Porém o sociólogo pode conseguir que um pesquisado se sinta a vontade em ser o que é quando através de seu tom de voz e de suas perguntas, demonstre que ele é capaz de se colocar em seu lugar.

Bourdieu (2007) considera a entrevista como uma forma de exercício espiritual, em que o pesquisador consegue por um instante se colocar no lugar do pesquisado em pensamento. A entrevista também faz parte de uma relação social. O essencial é que a comunicação entre pesquisador e pesquisado não tenha violências simbólicas, que não haja constrangimento ao pesquisado, mas sim uma comunicação no qual o entrevistado fique à vontade para ser o que realmente é, não se sentindo mero instrumento nas mãos dos pesquisadores. É por meio deste contexto apresentado nos estudos de Bourdieu (2007) que as entrevistas realizadas nesse trabalho foram elaboradas e efetuadas.

Em relação às entrevistas realizadas com os alunos do Pré-vestibular Social Teorema, utilizei a mesma metodologia usada no outro pré-vestibular de pesquisa. No dia em que fui aplicar os questionários, peguei o telefone de uma das alunas que tinha interesse em me conceder a entrevista e pedi para que ela me ajudasse a ter contato com os demais alunos e assim consegui realizar as entrevistas. Todas as entrevistas ocorreram em locais e horários dos quais fossem de acordo tanto por mim quanto pelos os alunos.

O roteiro de perguntas da entrevista com os alunos dos pré-vestibulares sociais da UFF e da UENF está exposto no anexo I do presente trabalho. Comecei pedindo que esses alunos entrevistados se apresentassem dizendo o nome, sexo, cor, idade, em que escola cursou/cursa o Ensino Médio, qual pré-vestibular em que estuda, o porquê de ter escolhido esse pré-vestibular, quais os pontos positivos e negativos obtidos até então nesse cursinho, o que é ser jovem na visão deles, qual profissão pretendem exercer, desde quando escolheu essa profissão e se conhece os pontos positivos e negativos da profissão escolhida.

Em relação à possível influência da família no processo de escolha profissional, as perguntas feitas foram: se a família teve alguma influência no processo de escolha profissional, qual a profissão dos pais e se eles seguiriam a mesma profissão e se acreditam que a família influencia de alguma forma na escolha profissional seja positivamente ou negativamente.

No capítulo dois desse trabalho abordamos a respeito da importância do pré-vestibular social como instituição que possibilita a democratização do acesso ao Ensino Superior. Percebemos tal importância da afirmativa feita por Pereira; Raizer; Meirelles (2010) nas entrevistas realizadas com algumas alunas tanto do Pré-vestibular da UFF, quanto do Pré-vestibular da UENF. Pedi para que cada uma delas dissesse qual o pré-vestibular que cursa, em que ano estuda e por que o escolheu. Eis os relatos obtidos:

Então, eu curso o Pré-Vestibular desde o ano passado e escolhi o Pré-vestibular porque eu estudei em uma escola pública, a mesma coisa que nada. Com o governo que a gente tem, não valoriza a educação, então o curso que eu escolhi para fazer faculdade é muito difícil, quase impossível. Então não dá pra entrar assim de cabeça, logo de cara. O primeiro Enem foi uma negação, então eu precisei urgente um Pré-vestibular. (ALUNA 1 do Pré-vestibular da UFF, parda, 17 anos, oriunda de escola pública)

Só tive experiências positivas no pré-vestibular, tem me ajudado bastante a me preparar para o Enem porque a base que eu tive na escola não seria o suficiente para alcançar uma boa nota, o pré-vestibular tem inclusive me ajudado a ter boas notas também na escola. (ALUNA 1 do Pré-vestibular da UENF, parda, 16 anos, oriunda de escola pública)

Na entrevista realizada com essas alunas, observamos que para elas a entrada no Pré-vestibular é associada à falta de preparo existente na escola pública na qual elas estudaram. Segundo Pereira, Raizer e Meirelles (2010), a falta de recursos educacionais faz com que o ingresso na universidade, principalmente a pública, seja quase inalcançável, pois para que tenhamos êxito em relação a esse ingresso e a permanência (bem como em relação à permanência nela), é necessário que haja mecanismos de preparo educacional equivalente aos conteúdos contidos nos vestibulares. Dessa forma, como já abordado anteriormente nos últimos capítulos desse trabalho, o pré-vestibular social é uma instituição que oferece esse mecanismo de preparo educacional, de forma gratuita, para os jovens que não tenham a possibilidade de custear um cursinho particular.

O pré-vestibular social não apenas é um mecanismo de auxílio educacional para o ingresso ao ensino superior, mas é também uma instituição onde há a troca de informações, vivências e ideologias. Observamos isso no relato feito por uma das alunas entrevistadas quando foi pedido para que comentasse sobre experiências positivas e negativas que está tendo no Pré-Vestibular.

Por enquanto não tenho nada de negativo a dizer sobre o Pré. No entanto, são diversas coisas positivas entre elas, por exemplo, poder e aprender a conviver com pessoas totalmente diferentes de mim, ver que os professores não estão ali apenas para ensinar, saber que os professores são amigos para toda hora, aprendi diversas coisas que nunca tinha visto ou ouvido falar em algumas matérias e ver que todos

estão focados em busca da realização de algum sonho, assim como eu estou. (**ALUNA 4** do Pré-vestibular da UFF, parda, 19 anos, oriunda de escola pública)

A **aluna 4** diz que um dos pontos positivos do Pré-vestibular para ela é poder aprender e conviver com pessoas totalmente diferentes dela. É dentro dessa vivência que a ressocialização acontece, uma vez que somos socializados primeiramente na família, quando passamos a fazer parte de outros grupos social não estamos livres da ressocialização, como aborda Dayrell (2007). A visão de mundo pré-existente no aluno entra em conflito com as ideologias do novo campo no qual ele é inserido e, no caso do cursinho, o embate acontece devido a múltiplos tipos de ideologias encontradas no mesmo local.

Quando o jovem convive em novos locais, nos quais se depara com pensamentos e visões diferentes das suas, seja através de conversas com colegas ou de ideias expostas nas aulas, é possível que ele passe a questionar aquilo que para ele era familiar ou mesmo verdade absoluta. Nesse aspecto, os pré-vestibulares sociais são instituições que também fazem parte do processo de socialização e de escolha profissional.

Para além de uma necessidade de preparo educacional, o fator econômico também contribui para que os jovens não consigam prosseguir os seus estudos. Não basta apenas ingressar em uma universidade pública. Existem questões, como por exemplo, a alimentação, a moradia, o lazer e etc que são postas na balança quando um jovem vai fazer a sua escolha profissional, como aborda Dayrell (2003) a respeito da pluralidade de condicionantes que perpassam as juventudes e que influenciam nas suas ações e escolhas. Essa percepção fica clara na fala de uma das alunas entrevistadas.

(...)No ano passado eu fiz um ano de Pré-vestibular e eu consegui uma faculdade em Volta Redonda, só que ai aconteceu uma merda. Meu pai trabalhava na igreja, era pastor, ai aconteceram umas coisas lá na igreja, meu pai ficou chateado e ele saiu da igreja. Ele ganhava muito bem. Nós vivíamos muito bem lá, mas a gente saiu de lá (Volta Redonda), onde a comida era barata, as coisas eram baratas, a gente tinha a nossa casa própria, então não pagava aluguel e água. A gente chegou aqui (Campos dos Goytacazes) e o aluguel é absurdo. Meu pai desempregado e eu tinha até março para eu me estabilizar e fazer a faculdade lá em Volta Redonda. Mas eu não consegui. Não pude fazer o curso porque eu não tinha como me manter lá. (**ALUNA 1** do Pré-vestibular da UFF, parda, 17 anos, oriunda de escola pública).

A **aluna 1** do Pré-vestibular da UFF nos relewa que conseguiu ingressar em uma universidade pública que oferecia o curso que ela gostaria de fazer, medicina, mas que, devido à falta de recursos econômicos, teve que seguir sua família para outra cidade, o que a fez desistir dessa vaga.

Quando falamos em escolha profissional, estamos abarcando uma série de questões subjacentes. Fatores econômicos, sociais, familiares e religiosos, no mais das vezes, estão atrelados a essa escolha. O fator econômico ganha destaque dos demais, uma vez que, não tendo condições financeiras de custear os custos demandados pela graduação (mensalidades se o curso for particular, alimentação, transporte, livros, apostilas, etc.), os jovens tendem a pedir ajuda aos familiares. Se os últimos também não tiverem condições de ajudar financeiramente, esses jovens acabam tendo que escolher uma das duas opções: trabalhar para conseguir arcar com os gastos que terão durante a formação do ensino superior ou desistir da escolha feita.

Assim, até nesse sentido a família representa uma variável condicionante na escolha do jovem.

No caso da **aluna 1** do Pré-vestibular da UFF, a questão financeira estava atrelada à família, pois, como ela não trabalhava, dependia dos parentes. Dependere dos familiares para alguns jovens causa desconforto e vergonha, o que pode colaborar para o aumento do sentimento de dívida com a família e reforçar o pensamento de que a fase juvenil é uma fase de crise.

O conflito abordado como referência do que é ser jovem está relacionado também ao momento de escolha profissional, em que, como dito pela **aluna 2** do Pré-vestibular da UENF, há uma cobrança familiar e social em relação a faculdade e emprego. Eis o relato obtido:

Essa é uma pergunta difícil pra mim (Risos). Estou vivendo em um dilema onde não sei o que realmente devo fazer mas ao mesmo tempo eu sei o que quero. Tenho um desejo de ser fisioterapeuta, mas já cogitei em ser jornalista também pois minha avó acha uma profissão linda e era o sonho dela me ver fazendo jornalismo. Ela me criou desde quando eu tinha 3 anos não seria confortável pra mim ir contra um desejo dela mas como se trata do meu futuro é preciso. Desde que eu era pequena, minha vizinha tinha um problema relacionado a dores e eu sempre a ajudava desde então venho pensando se essa não seria minha vocação (**ALUNA 2** do Pré-vestibular da UENF, negra, 19 anos, oriunda de escola pública)

Na fala da **aluna 2** do pré-vestibular da UENF, percebemos que, em sua escolha profissional, há um conflito, pois, embora almeje ser fisioterapeuta, ela leva em consideração o desejo (e provavelmente o sonho reprimido) da avó. Dentro desse contexto, há um sentimento de dívida, como aborda Almeida e Magalhães (2011), pelo fato dessa avó a ter criado.

Vale ressaltar que não é apenas a família e a religião que influenciam no processo de escolha profissional dos jovens, pois, como afirma Almeida e Magalhães (2011), a identidade profissional se forma através da auto percepção que o jovem tem sobre os papéis profissionais com que tem contato durante a vida. Conseguimos ver essa ideia bem representada nas falas a seguir.

Eu quero ser cirurgiã cardiovascular se Deus quiser. Desde pequena. Antes de eu ser internada com dengue hemorrágica, eu quase morri, mas antes de eu ser internada eu já queria ser médica. Depois que eu fui internada que eu botei de ser cirurgiã cardiovascular. Eu vi o trabalho que os médicos fizeram que ai eu decidi essa área. Nessa área eu quero ser um instrumento para mudar a vida das pessoas. A gente pode mudar a vida das pessoas em qualquer área, pode ser um lixeiro simpático, uma pessoa boa e eu quero ser uma pessoa que muda a vida das pessoas sendo médica. (**ALUNA 1** do Pré-vestibular da UFF, parda, 17 anos, oriunda de escola pública)

Atriz e professora de teatro e sociologia. O teatro eu tenho referencia desde os meus 12 anos mas a decisão para atuar como professora vem desde 2017-2018. E ciências sociais a decisão mesmo veio desde 2018 através dos meus professores do Ensino Médio. Eu tive um professor no primeiro e segundo ano e no terceiro mudou, mas mesmo assim sempre foram excelentes, respondendo minhas dúvidas e eles sabiam que eu realmente tinha algum interesse. (**ALUNA 2** do Pré-vestibular da UFF, branca, 17 anos, oriunda de escola pública)

A **aluna 1** revela que a sua escolha de ser médica cirurgiã cardiovascular veio após ser internada com dengue hemorrágica e ficar observando a rotina dos médicos que são cirurgiões cardiovasculares. O contato com os profissionais da área teve impacto em relação a sua decisão de escolha profissional, juntamente com o desejo de “mudar a vida das pessoas”, que podemos dizer que é uma visão cristã, ou seja, a vivência religiosa (que será abordada no capítulo 4) a fez acreditar que através de sua profissão ela pode

ser um **instrumento** (termo usado nas religiões pentecostais que se refere a uma pessoa que ajuda o próximo).

Já a **aluna 2** tem o desejo de ser atriz e professora de sociologia. A ideia de ser atriz vem de aulas que teve quando tinha 12 anos, enquanto que a de ser professora de sociologia ganhou ênfase após assistir a aulas ministradas por seus professores de sociologia do Ensino Médio. Esse quadro nos revela a presença não somente da família e da religião, mas também a de outros fatores que influenciam a escolha profissional dos jovens, como, por exemplo, os professores. A relação aluno-professor não necessariamente se restringe somente à sala de aula e aos conteúdos ministrados. A didática, as ideologias e o afeto transmitido pelo lecionar podem fazer com que os alunos passem a gostar da matéria porque gostam da professora e, assim, ao se espelharem nessa docente, acabem por querer ser profissionalmente igual ou seguir os mesmos passos.

Outra forma pela qual os jovens atualmente têm se espelhado em relação à escolha laboral é pela mídia. Como já abordado anteriormente, para Dayrell (2007) os múltiplos processos de socialização experimentados pelos jovens vêm diminuindo a importância das instituições primárias na escolha profissional. Dessa forma, as escolhas laborais, segundo esse autor, são baseadas em desejos, metas e idealizações ocasionadas pela passagem de uma sociedade disciplinadora para uma sociedade de controle. É nesse contexto que a mídia é inserida e podemos observar isso no relato a seguir.

Sob pressão é babado. Eu estou assistindo essa série desde a primeira temporada. Uma série muito boa. Tem um médico lá que faz tudo impossível. A série relata bastante o que acontece na saúde pública e é muito precária. Eles improvisam na hora de fazer cirurgia, pois faltam instrumentos. Eu vi a vivência dos enfermeiros lá e gostaria de seguir essa profissão. Mas precisa melhorar porque eles lá são muito sobrecarregados. Os médicos surtam, os enfermeiros surtam, todos surtam por causa das coisas essenciais que faltam. (**Aluno 6** do Pré-vestibular da UFF, negro, 19 anos, oriundo de escola pública)

A mídia, nos tempos atuais, tem ganhado destaque na vida dos indivíduos, principalmente dos jovens, devido ao avanço tecnológico. Vimos no relato do **aluno 6** que sua escolha foi baseada na série “sob pressão” que relata a vivência dos médicos e enfermeiros em um contexto de emergência hospitalar. Cito não apenas esse aluno, mas também outra aluna que, em conversa informal, disse-me que, além de assistir a essa

série (Sob Pressão), assiste a outra (Grey's Anatomy). Essas séries foram relevantes na sua decisão de escolher ser médica.

Portanto, há a necessidade de haver debates a respeito da vivência laboral de diferentes habilidades.

Sobre esse contexto, podemos relatar que no Pré-vestibular social Teorema há um evento que se chama “Mostra de profissões”. Nesse evento são chamados profissionais de diversas áreas para darem uma palestra aos alunos sobre porque escolheram a profissão, como foi a graduação, quais disciplinas cursaram, como conseguiram o primeiro emprego e quanto um profissional da área pode receber de salário. Essas palestras são de suma importância para os alunos, pois nem todos sabem o que fazem os profissionais das áreas que escolheram. Perguntamos aos jovens entrevistados sobre se sabem os pontos positivos e negativos da profissão que escolheram, a fim de identificar se eles conhecem de fato essas profissões ou se estão sendo meramente influenciados por terceiros a exercerem algo do qual não tenham nenhuma noção de como funciona.

Eu conheço os pontos positivos que é a parte de ouvir, tem que entender muito a mente humana, eu acho muito complexo mas eu acho muito interessante a mente humana. Os pontos negativos eu não sei. (ALUNA 3 do Pré-vestibular da UFF, negra, 21 anos, oriunda de escola pública)

Não. Positivo, na minha opinião, é poder fazer o que você gosta sem pensar no dinheiro e cuidar das pessoas mesmo. Mas negativa não tenho experiência não. (ALUNA 4 do Pré-vestibular da UENF, parda, 18 anos, oriunda de escola pública)

Apesar de ter atendimentos psicológicos durante um período da vida e assim desejar ser psicóloga, a **aluna 3** não sabe realmente como é o exercício da profissão de um psicólogo, pois tal profissão não envolve apenas estudar e ouvir. O psicólogo atua em diversas áreas e tem múltiplas funções que vão além de ouvir um paciente. Eles ministram palestras, fazem parte de seleção do RH de uma empresa, trabalham em escolas, etc. O mesmo acontece nos relatos da **aluna 4** do Pré-vestibular Teorema, em que tal aluna alega não ter “experiência” para dizer sobre os pontos negativos da profissão e os pontos positivos estão atrelados apenas a gostar do que faz. Percebemos que somente a vivência parcial com o profissional não faz com que um jovem possa

saber a totalidade das funções exercidas pelo mesmo. Por isso, palestras como a “Mostra de profissões” realizadas pelo Pré-vestibular Teorema são importantes nesse processo de escolha profissional. Os alunos não somente assistem a essas palestras, mas também tem a oportunidade de fazer perguntas aos palestrantes e de dirimir as possíveis dúvidas profissionais que antes tinham.

Vimos nesse tópico que os pré-vestibulares sociais são instituições que possibilitam a democratização do ensino superior e que dentro deles pode haver a ressocialização dos jovens, assim como a escolha de sua futura profissão. Também observamos que há outros meios que influenciam o processo de escolha profissional dos jovens, como, por exemplo, a mídia e a vivência obtida com determinados profissionais. Porém, ainda assim, a família ganha ênfase em relação à escolha laboral dos jovens, como relatarei no tópico a seguir.

### 3.2 A visão exposta pelos jovens acerca da família no processo de escolha profissional

Nesse tópico irei apresentar e analisar os resultados referentes a entrevista realizada com os alunos do Pré-vestibular social Josué de Castro e Pré-vestibular social Teorema a cerca da influencia exercida pela família no processo de escolha profissional desses estudantes.

No capítulo 1 desse trabalho abordei que Almeida e Pinho (2008) relatam sobre a família ser uma instituição que pode ajudar ou dificultar o jovem no processo de escolha profissional. Essa questão fica clara na fala a seguir da **aluna 1** do Pré-vestibular da UFF:

(...) meu pai é um ótimo coach. Ele fala que eu não sou nada na vida, que eu não vou conseguir nada. Eu acho que foi assim que o pai e a mãe dele trataram ele e é assim que ele acha que um pai e uma mãe devem reproduzir. (...) Minha mãe me incentiva e meu pai me incentiva falando merda na minha cabeça. Mas assim eu tento ver o lado positivo da coisa porque se eu ver o negativo eu já teria me matado há muito tempo. Pelo meu pai ser assim eu entendo que ele é assim por ter uma educação assim, ele não faz isso por mal. Então eu deixo isso pra lá e continuo minha vida. (**ALUNA 1** do Pré-vestibular da UFF, parda, 17 anos, oriunda de escola pública)

O “incentivo” profissional que a **aluna 1** do Pré-vestibular da UFF recebe do seu pai são palavras negativas que frustram e dificultam sua busca profissional. A falta do

apoio tão importante nessa fase faz com que essa jovem lamente o tratamento patriarcal que recebe do pai. Ainda assim, ela tenta ser otimista.

O processo de escolha profissional pode ocasionar, segundo Paggiaro e Calais (2009), estresse, angústia, pânico, desgaste físico e emocional. Por isso, o apoio familiar é de grande valia para que esses jovens consigam enfrentar a pressão de ter que fazer uma escolha que determinará toda sua trajetória de vida, como já relatado por alguns alunos entrevistados.

A influência familiar também pode ser positiva, como, por exemplo, quando um jovem escolhe uma profissão e tem o incentivo e apoio do parente; quando os pais sustentam seus filhos para que estes não precisem trabalhar e foquem em um curso superior ou técnico de sua escolha; quando a família auxilia financeiramente com os gastos e despesas da faculdade, etc. Adicionalmente, há outra forma de incentivo que é especialmente relevante. Ela ocorre quando o jovem não tem ideia de qual carreira seguirá e os pais o auxiliam na escolha, como destacado a seguir por uma das alunas entrevistadas

Acredito que possa ser tanto de forma negativa quanto positiva. Positiva, se talvez a filha/filho não tenha muita ideia, vendo os pais ou os ouvindo eles ganhem uma direção. (**ALUNA 3** do Pré-vestibular da UENF, branca, 17 anos, oriunda de escola pública)

Dentro desse contexto exposto pela aluna, pode ocorrer a influencia familiar de forma oculta, pois, quando o/a filho/filha não tem ideia de qual carreira seguir e pede auxílio aos pais, há uma grande possibilidade dos mesmos depositarem em seus filhos a esperança de concretização do projeto profissional que eles não tiveram oportunidade de realizar, como abordado anteriormente por Almeida e Magalhães (2011). Tal influencia oculta acaba por ser tão internalizada que nem sempre esses jovens percebem, como podemos ver o relato a seguir:

As vezes eles me conhecem mais do que eu mesma e dizem coisas que eu não enxergo. Logo talvez eu seguisse uma profissão indicada por eles (**ALUNA 7** do Pré-vestibular da UFF, branca, 18 anos, oriunda de escola pública.)

Como forma de saber a respeito da influência familiar vinda pela reprodução, que é abordada por Santos (2005), perguntei aos jovens entrevistados qual a profissão dos pais e se eles seguiriam tais profissões.

O meu pai trabalha atualmente como professor. Agora é algo que eu não gostaria de ser por não ter os requisitos que eu considero necessários, mas futuramente é uma opção. Minha mãe atualmente está desempregada, antigamente ela trabalhava com contabilidade. Eu trabalharia nessa profissão mas não seria o ideal. (ALUNA 3 do Pré-vestibular da UENF, branca, 17 anos, oriunda de escola pública)

O relato da **aluna 3** nos revela que, no seu caso, não há uma escolha profissional baseada na reprodução, ou seja, na continuação da profissão dos pais. Mas a mesma não descarta a ideia de prosseguir essas carreiras desde que seja uma última opção, ou seja, caso não consiga exercer a profissão que escolheu.

Dentre os demais entrevistados não houve algum aluno que escolheu sua profissão baseada na continuidade do exercício dos parentes. Há aqueles que não desejam seguir a mesma profissão dos pais por terem uma visão negativa, como fica claro na fala a seguir.

Então, minha mãe trabalha no comércio. Ela vende joia e eu nunca seguiria essa profissão porque eu acho que é muito barulho por muito pouco. Ela trabalha muito e quase não vê o dinheiro dela, mas como é meu pai que sustenta a casa por ter uma profissão melhor, acaba que ela vê o dinheiro dela pelo fato de ela não precisar sustentar a casa. Talvez se algum dia eles se separassem ou acontecesse alguma coisa com meu pai que trabalha com uma profissão de risco, minha mãe seria desamparada. O motivo de eu querer fazer uma faculdade boa é por isso, pelo medo de acontecer alguma coisa com meu pai e a minha mãe ficar desamparada. A profissão do meu pai é policial militar. Não tem vantagens de seguir a profissão dele principalmente pelas noites de sono perdidas e porque todas as vezes que meu pai saiu de casa, tenho uma preocupação imensa de que se ele vai voltar ou não. Não seria a mesma profissão por mais que admire a profissão dele. (ALUNA 5 do Pré-vestibular da UFF, branca, 17 anos, oriunda de escola pública)

Podemos ver que a motivação profissional dessa aluna não se enquadra na reprodução descrita por Santos (2005), mas sim na **diferenciação**, ou seja, é quando os pais desejam que seus filhos realizem suas próprias escolhas profissionais e assim consigam ter melhores condições financeiras que eles. Porém, também podemos perceber que a escolha profissional dessa aluna está muito ligada à família devido ao

medo que ela tem do pai deixar de ser o provedor (devido à profissão de risco que ele exerce) e de que sua mãe passe a ficar desamparada. Percebemos que há um sentimento de dívida (ALMEIDA; MAGALHÃES, 2011) por parte dessa aluna em relação a sua mãe.

Foi perguntado a esses alunos entrevistados se eles acreditam que a família possa influenciar nas escolhas profissionais, como forma de saber se eles percebem tal influência. Obtive as seguintes respostas:

Sim, influencia. Por exemplo, filhos que querem seguir o exemplo dos pais. No cursinho que eu fiz ano passado, filhos de médicos que passaram em medicina e queriam fazer medicina. Negativamente é quando o filho vê no pai uma desilusão, não dá o real exemplo. Eu conheço uma filha de vereador que ela é toda revoltada com a vida porque o pai dela foi preso, o pai dela batia na mãe, igual o pai do meu namorado, por exemplo, ele é advogado famosíssimo em Belo Horizonte, mas quase matou minha sogra e assim, ele odeia o meu namorado e a esposa. (**ALUNA 1** do Pré-vestibular da UFF, parda, 17 anos, oriunda de escola pública)

Eu acho que a família influencia sim, seja de forma “ei, você vai fazer isso” ou “ei, você não vai fazer isso”, ou até mesmo a família fazendo algo e os filhos percebem que não é isso que querem. De certa forma influencia, seja dizendo para fazer alguma coisa ou dizendo para não fazer aquela coisa. (**ALUNA 2** do Pré-vestibular da UFF, branca, 17 anos, oriunda de escola pública)

Para essas alunas a família causa influência na escolha profissional através do exemplo. A **aluna 1** revela que a família pode influenciar a escolha profissional quando os filhos, ao verem o dia a dia do ofício dos pais, desejam seguir a mesma profissão, como pelo exemplo dado por ela de filhos de médicos que decidem fazer medicina. No outro exemplo citado pela jovem, a influência é vista como negativa, uma vez que, ao vivenciar o ofício dos pais e concluir tratar-se de algo penoso, o jovem acaba por não querer seguir a mesma profissão deles.

A **aluna 2** revela que há influência da família na escolha profissional quando de forma explícita os pais determinam que os filhos irão seguir ou não determinada área, ou como também retrata a **aluna 1**, através de vivências positivas ou negativas em relação ao ofício dos pais.

A **aluna 5** do Pré-vestibular da UENF nos relata que sua família foi uma instituição de influência na sua primeira escolha profissional. Ela diz que:

Influencia. Oh, um exemplo, eu cheguei aqui no Teorema querendo fazer medicina por influência dos meus pais. Meus pais falavam e eu gosto da área da psiquiatria. Mas eu pensei que 6 anos fazendo medicina, mais especialização em 3 anos, então eu não sei. A psicologia é muito interessante e tals. Meus pais me influenciaram. Até uns 2 meses atrás eu queria fazer medicina. Só que aí eu parei, fiquei pensando se eu estava querendo aquilo por mim ou pelos meus pais. Todos os pais sonham que o filho vá fazer medicina, advocacia ou engenharia. Então eu pensei sobre eu chegar lá e perder, perder, perder. (ALUNA 5 do Pré-vestibular da UENF, parda, 17 anos, oriunda de escola pública)

Como já mencionamos anteriormente, os pré-vestibulares sociais são instituições que, além de visarem à democratização do ensino, também criam ambientes em que há a ressocialização dos jovens que ali frequentam, seja pelo contato com outros jovens e com os professores, seja pelas vivências obtidas dentro da universidade em que o cursinho é instalado.

Vimos que, como instituição socializadora, (BELLONI, 2007) a família é a principal responsável pela formação da identidade do indivíduo. É dentro dela que as pessoas aprendem sobre a cultura implantada na sociedade em que vive, assim como também é nela que são estabelecidos os primeiros vínculos sociais.

Como a identidade profissional é formada mediante a identidade pessoal (ALMEIDA; MAGALHÃES, 2011) a família, como instituição responsável pela formação primária e pessoal, tem grande influência em relação às escolhas profissionais dos jovens. Como vimos através dos resultados obtidos nas entrevistas, tal influência pode ocorrer tanto positivamente quanto negativamente, mesmo quando os jovens não percebem que estão sendo influenciados (ALMEIDA; PINHO, 2008). Há aqueles que passam a ver determinadas profissões negativamente devido a experiências passadas pelos pais e não porque tiveram suas próprias experiências.

Quando escolhemos uma profissão, temos que ter o cuidado de saber que as experiências experimentadas por uma pessoa não serão necessariamente as mesmas vividas por outras. Há contextos sociais, econômicos e psíquicos que fazem com que tais vivências sejam diferentes.

Como forma de sabermos a visão dos pais a respeito da escolha profissional de seus filhos e de identificarmos se eles percebem a influência que exercem, foram

realizadas entrevistas semiestruturadas com os primeiros, que serão abordadas no próximo tópico.

### 3.3 A percepção parental frente ao processo de escolha profissional do jovem

Com o objetivo de investigar se os pais têm consentimento em relação à influência que exercem no processo de escolha profissional dos filhos, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os mesmos. Optamos (eu e os pais) por fazermos as entrevistas através de gravações de conversas telefônicas, pois não havia disponibilidade da presença dos mesmos, (devido ao trabalho e à falta de tempo).

Para conseguir essas entrevistas foi fundamental o auxílio dos jovens estudantes dos pré-vestibulares da UFF e da UENF. Foi por intermédio deles que se realizou o contato entre mim e seus pais.

As perguntas de apresentação versaram sobre nome, cor, idade, sexo, grau de escolaridade e profissão. Sobre escolhas profissionais, as perguntas realizadas foram se esses pais acham que o momento de escolha profissional é importante, quais os motivos que leva alguém a escolher uma determinada profissão, quais foram os motivos para que eles escolhessem as profissões que exercem, se na época em que fizeram a escolha profissional os seus pais ajudaram, se tiveram alguma conversa com seus filhos sobre escolha profissional, se já aconselharam o filho a seguir alguma profissão, se gostariam que seus filhos seguissem alguma profissão e como imaginam que os filhos estarão profissionalmente daqui a 10 anos. Sobre a possível influência da família e da religião no processo de escolha profissional, foi perguntado se eles acreditam que a família e a religião possam ser fatores de influência na escolha profissional e se a escolha de seus filhos foi baseada em influências de membros da família.

Segundo Larson (1977), o trabalho permite a conquista de poder, prestígio e renda na sociedade, assim como de *status*. Atualmente, devido ao processo de reestruturação produtiva, o mercado de trabalho impõe altos níveis de exigência na contratação de profissionais, estabelecendo processos seletivos rigorosos em determinadas áreas de atuação laboral. Essa vertente passa primeiramente pelo processo de escolha profissional. Portanto, os pais foram questionados sobre a importância que

dão ao momento de escolha profissional dos filhos e sobre o porquê de suas opiniões. Uma das respostas que obtive foi a seguinte:

É importante sim, porque depende do futuro da pessoa, das condições financeiras, de tudo né. (sexo masculino, 54 anos, branco, comerciante e ensino fundamental completo)

A fala desse pai revela que o momento de escolha profissional é decisivo em relação a que tipo de vida o jovem terá futuramente tanto socialmente quanto financeiramente, como abordado por Larson (1977). Tal escolha profissional, segundo Soares (1987) é formada através das relações estabelecidas entre as pessoas que desempenham um papel social de destaque na vida do jovem, principalmente aquelas pertencentes às instituições primárias, como por exemplo, à família.

Dayrell, em contrapartida, acredita, como já mencionado anteriormente, que a visão proposta por Soares (1987) não cabe mais na sociedade contemporânea, pois, segundo o autor, atualmente há um processo de desinstitucionalização em que os jovens não são totalmente socializados. Os valores e comportamento que o indivíduo aprende na família são confrontados com outros valores. Por isso, há aqueles pais que deixam seus filhos “livres” para escolherem sua futura profissão, como é o caso do relato abaixo:

Olha, eu, por exemplo, acho que a pessoa também tem que pensar essa disponibilidade de escolher. Eu, por exemplo, é mesma coisa com os meus filhos, eu ensino a eles a escolher em alguma coisa. Eu sempre deixei bem claro o seguinte, que eles tem que descobrir o que eles queiram fazer para que eles possam fazer com carinho. Eu penso que quando a gente tem essa vocação e a gente quer alguma coisa, a gente vai se dedicar aquilo, vai fazer com carinho. Mas se fizer porque o pai quer que ele seja aquilo pode ser que não seja tão bom. (sexo masculino, 55 anos, moreno, encarregado de obra e ensino fundamental incompleto)

Em contraste, ao entrevistar outro pai, pude perceber o que Santos (2005) chama de reprodução, ou seja, o filho dando continuidade a profissão exercida pelos pais:

Depende da família. a família influencia muito e o tipo de vida que a pessoa vive. Por exemplo, meu pai era comerciante e eu resolvi ser comerciante. (sexo masculino, 54 anos, branco, comerciante e ensino fundamental completo)

Esse relato vem ao encontro de outra abordagem descrita por Santos (2005) sobre a classe social em que o indivíduo está inserido ser também um fator de influência na escolha profissional, pois, como já mencionado no primeiro capítulo desse trabalho, a família oferece as bases sociais para que a escolha laboral possa ser concluída com êxito. Um jovem pertencente a classe operária não possui a mesma oportunidade financeira que um jovem da classe burguesa tem para custear as despesas necessárias à formação profissional. Portanto, para além da família e da religião, o fator econômico também é um agente influenciador no processo de escolha profissional.

Não são todos os jovens que conseguem ter a oportunidade de seguir a carreira laboral que desejam (ALMEIDA; MAGALHÃES, 2011). Muitos, devido às necessidades econômicas (AGUIAR; ALMEIDA, 2011), abandonam os estudos e se inserem no mercado de trabalho como forma de conseguirem ajudar suas famílias, como relata a entrevistada abaixo:

Eu não queria ser do lar não. Eu queria fazer enfermagem, mas não tive a oportunidade de terminar os estudos. (sexo feminino, 47 anos, parda, comerciante e ensino fundamental incompleto)

A falta de oportunidades para conclusão do Ensino Médio e para o ingresso em uma universidade era maior nas décadas passadas. Pessoas oriundas da classe operária raramente conseguiam ingressar em uma universidade, o que teve melhoras após as maiores ampliações de projetos que possibilitam a democratização do ensino, como por exemplo, os pré-vestibulares, o PROUNI, o FIES e o SiSU.

Outro motivo referente ao exercício do trabalho foi encontrado no relato de um dos pais. Nesse caso, houve a facilidade de prosseguir com a profissão que um membro de sua família exercia.

Os motivos foram a facilidade que eu encontrei no início, porque meu pai era comerciante e cedeu o ponto dele para mim. (sexo masculino, 54 anos, branco, comerciante e ensino fundamental completo)

Não sabemos se ao certo foi uma escolha dele ou se houve alguma imposição de seus pais para dar continuidade aos negócios da família, pois como relatado no primeiro capítulo desse trabalho, houve uma época em que os trabalhos eram transmitidos através das gerações de uma família, não existindo a possibilidade de uma escolha profissional livre (ALMEIDA; MAGALHÃES, 2011).

Tal influência profissional nem sempre é imposta, já que como aborda Falcke e Wagner (2005), as heranças que os indivíduos recebem de seus familiares vêm antes deles serem concebidos. Portanto, há casos em que os pais constroem projetos para seus filhos e esperam que tais projetos sejam concretizados (SOARES; PENNA, 1997), mas de forma oculta, como é o caso do relato a seguir.

(...) Até cheguei a falar pra ela fazer a enfermagem, mas depois eu pensei que a vontade era minha e isso não dá pra ela. Falei que enfermagem era mais fácil de conseguir emprego, mas ela não quer. (sexo feminino, 47 anos, parda, comerciante e ensino fundamental incompleto)

(...) Eu falei para ela que se ela quisesse fazer engenharia civil eu ficaria muito feliz porque está dentro de uma área que é minha área, só que não adianta ela querer fazer algo porque eu quero e lá na frente vê que não era isso que ela queria. Então eu sempre deixei à vontade para escolher. Dentro da obra eu infelizmente não cheguei a almejar tanto ser engenheiro civil, porque infelizmente eu não tive estudo e a idade já está avançada e não consigo mais encarar sala de aula. Então basicamente isso para mim seria impossível, mas como encarregado estou bem realizado. (sexo masculino, 55 anos, moreno, encarregado de obra e ensino fundamental incompleto)

Sabemos que o incentivo da família é importante nesse processo de escolha profissional (ALMEIDA; PINHO, 2008), assim como a falta dele pode ocasionar desânimo e desistência por parte dos filhos. Um dos pais entrevistado relatou que o desejo de sua filha sempre foi ingressar no curso de psicologia, mas que houve dois motivos para que ela desistisse: a nota baixa que obteve no ENEM, impossibilitando-a de ingressar nesse curso, e a falta o apoio dos seus pais, pois os mesmos achavam que ela iria ficar “louca” se fizesse psicologia.

Na entrevista com essa aluna, ela me disse que seus pais gostaram quando ela passou para serviço social na UFF porque ela tem uma tia que exerce a função de

assistente social e é bem sucedida. Por outro lado, o pai dessa aluna relatou que, quando sua filha disse que desejava seguir a carreira de psicóloga, ele a apoiou, o que vai de encontro com os relatos de sua filha. Assim como esse senhor teve influência de seu pai no processo de escolha profissional, sua filha também teve. No entanto, ele não percebe sua influência na desistência da escolha laboral inicial de sua filha, como podemos ver a seguir:

Ela queria ser psicóloga e aí não conseguiu a prova do Enem, não deu a pontuação para entrar. Ela começou estudando agora para assistente social e ela está gostando muito, eu gostei também, minha esposa também gostou. Quando ela falou que queria estudar para psicologia, eu gostei. Depois que ela entrou para assistente social, eu gostei também. Não interferir em nada não. (sexo masculino, 54 anos, branco, comerciante e ensino fundamental completo)

A influência ocorre até mesmo quando os pais não querem que os filhos sigam determinadas profissões por não acharem ser adequado para sua prole. No livro de Jessé Souza “A ralé brasileira: quem é e como vive” (2018), Lorena Freitas<sup>4</sup> através da história de vida de dois jovens que residem em Juiz de Fora, Minas Gerais, mostra de que maneira a “desorganização familiar e a má-fé institucional determina a trajetória de vida marcada pelo fracasso escolar e posteriormente profissional” (FREITAS, 2018, p. 326). A autora menciona que a mãe de um desses jovens sonha que o seu filho tenha êxito escolar, pois não quer que ele tenha o mesmo destino profissional que ela, marcado por miséria econômica. O desejo dessa mãe é que através dos estudos o filho possa superar sua própria condição social e não a reproduza (FREITAS, 2018). Podemos perceber esse mesmo desejo no relato de uma das mães entrevistadas quando questionada a respeito de como vê sua filha daqui a 10 anos.

Que ela consiga um emprego bom, que ela tenha a vida dela bem melhor do que eu tenho hoje em dia, que ela não dependa de ninguém, que ela tenha o emprego dela, a casa dela. (sexo feminino, 47 anos, parda, comerciante e ensino fundamental incompleto)

---

<sup>4</sup> Doutoranda em sociologia política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro-UENF. Atualmente pesquisa as inter-relações entre o sistema público de ensino e a reprodução da desigualdade social no Brasil.

Essa mãe também diz que deseja que sua filha não dependa de ninguém, o que acontece em diversas famílias de pessoas da classe proletária e causa desconforto e muitas vezes vergonha perante aqueles dos quais essa família depende. Apesar das transformações na família brasileira, como aponta Nascimento (2006), em que muitas famílias não seguem mais o modelo tradicional e houve o aumento da presença da mulher no mercado de trabalho (SINGLY, 2000), ainda há jovens que não conseguem sua independência financeira, acabando por depender de terceiros.

Pelo fato de a família ser a primeira instituição socializadora e consequentemente transmitir valores também religiosos (GODINHO; CARVALHO; SOUZA, 2014), algo corroborado pelo resultado dos questionários, onde se evidencia que a maioria dos jovens dos pré-vestibulares receberam a cultura religiosa de seus pais, perguntei aos entrevistados se eles acreditavam que a religião pudesse ser um fator de influência na escolha profissional dos jovens. Todos alegaram que não acreditam que a religião pudesse ser um fator de influência.

O fato desses pais não acreditarem que a religião possa influenciar na escolha profissional não nos garante que ela não ocorra, uma vez que, quando internalizamos as crenças religiosas, acabamos por não perceber tais influências.

Após todo contexto abordado nesse tópico, podemos perceber que os relatos obtidos fizeram com que as teorias abordadas nos capítulos anteriores fossem reafirmadas, pois, a família pode sim ser uma instituição fortemente influenciadora no processo de escolha profissional dos filhos. Percebemos que, mesmo em diferentes gerações, a influência familiar e/ou religiosa pode ocorrer de forma similar. As famílias mudam, o contexto e sociedade também, mas o modo pelo qual a influência acontece, seja ela positivamente ou negativamente, continua o mesmo.

Temos a conclusão também que a classe social na qual os jovens estão inseridos também faz parte do processo de escolha profissional, pois jovens oriundos de famílias proletárias têm mais dificuldades para conseguir concretizar seus projetos profissionais se comparados àqueles jovens oriundos de famílias burguesas que têm subsídios financeiros para abarcar com a formação de uma carreira profissional.

Observamos que o sistema de transmissão geracional em relação ao trabalho (ALMEIDA; MAGALHÃES, 2011) ainda continua presente apesar de ser um sistema do século passado. Também podemos ver que a família influencia o processo de escolha profissional dos jovens até mesmo de uma forma simbólica que esses jovens muitas

vezes não percebem (ALMEIDA; PINHO, 2008). O mesmo pode ocorrer em relação à religião, que será o assunto abordado no próximo capítulo.

## 4. A RELIGIÃO E ESCOLHA PROFISSIONAL DO JOVEM

Levando em consideração o referencial teórico do capítulo 1 desse trabalho, o presente capítulo objetiva apresentar os resultados obtidos através das entrevistas realizadas com os alunos do Pré-vestibular social Josué de Castro e Pré-vestibular social Teorema sobre a influência da religião no processo de escolha profissional dos jovens. Assim como, também será abordado nesse capítulo os resultados das entrevistas realizadas com alguns líderes religiosos católicos e protestantes da Cidade de Campos dos Goytacazes-RJ, referente ao processo de escolha laboral dos seus fiéis.

### 4.1 A religião presente no âmbito vocacional

Como já mencionado, segundo Quintiliano (2008), em busca de dar sentido à própria existência os seres humanos constroem símbolos que, de alguma forma, suprem um vazio existente dentro de si. A religião pode ser considerada como o meio pelo qual os indivíduos se alicerçam, adotam visões de mundo, constroem relações sociais, participam de grupos. Ela é transmitida no âmbito familiar.

Através dos relatos obtidos nas entrevistas pude perceber que em sua maioria dos jovens estudantes dos pré-vestibulares citados acima tiveram uma base religiosa transmitida pela família. Porém, a família vem perdendo o monopólio em relação a esse legado religioso (GODINHO; CARVALHO; SOUZA, 2014) devido ao confronto existente entre os valores que a família impõe com outros valores fora dessa instituição (DAYRELL, 2007), podendo levar os jovens a verem a religião como uma ferramenta de manipulação, como se pode observar na fala a seguir:

A religião tem uma grande influência. Assim eu acredito que seja um grande instrumento de alienação porque os fiéis estão sempre ali prestando atenção, achando que aquilo é verdade pura. Se você não for uma boa pessoa, vai para o inferno e se for boa pessoa vai para o céu. Um grande instrumento de alienação e de fato para fazer as ovelhas do banho seguir o pastor bonitinho porque se você prospera você tem que prosperar junto com a igreja, se você prospera mais, você passa a dar mais a igreja. (ALUNA 5 do Pré-vestibular da UFF, branca, 17 anos, oriunda de escola pública)

Foi por meio da secularização que houve essa abertura de novas maneiras de se pensar a fé, resultando no enfraquecimento dos poderes tradicionais (GODINHO;

CARVALHO; SOUZA, 2014). Porém, ainda há aqueles jovens que, apesar de terem posicionamentos diferentes dos obtidos através da socialização primária, precisam se enquadrar em um viés religioso imposto pela família para que não haja conflitos dentro de casa. Essa realidade foi observada na fala de alguns entrevistados:

Eu nasci no catolicismo e eu era católica assídua até o meio do ano passado, só que eu vi que não era isso que me fazia bem, porque eu estava fazendo isso não porque me faz bem, ou pelo que eu sinto, mas estava fazendo isso pela minha família. Hoje eu frequento o catolicismo por conveniência para não ter discussão em casa porque já rolou essa discussão, mas eu não to dizendo que não acredito. Justamente acredito que tudo é possível, assim como o budismo pode ser possível, o hinduísmo, catolicismo, qualquer religião que exista pra mim é possível. (ALUNA 2 do Pré-vestibular da UFF, branca, 17 anos, oriunda de escola pública)

No relato apresentado acima vemos que essa jovem se encontra inserida em uma família que é católica, que a socializou dentro nos parâmetros do catolicismo e que seus familiares continuam a impor a religião católica como uma obrigatoriedade. Apesar da afirmativa de Dayrell (2007) sobre os jovens estarem passando por um processo de desinstitucionalização, não são todos que conseguem ter liberdade de expressão dentro da família e até mesmo em outros lugares, como por exemplo, nas escolas tradicionais em que o viés religioso está enraizado.

Essa ideia de que os valores familiares são confrontados com outros valores (DAYRELL, 2007) não necessariamente ocorre fora do âmbito familiar, pois, como salienta Nascimento (2006), a conjuntura familiar no Brasil teve mudanças significativas dando espaço para outros modelos de família que não seja a tradicional. A ideia de casamento com pessoas que fazem parte da mesma religião não tem tanto peso moral como em séculos passados, pois, as escolhas dos conjugues que era realizada pelos pais dos noivos (SINGLY, 2000) perde força e o que se destaca é o direito de se fazer a própria escolha.

Dentro dessa conjuntura mais recente na qual os indivíduos podem fazer sua própria escolha, há mais liberdade de alguém se relacionar com uma pessoa que faz parte de uma religião diferente da sua. Quando um jovem é criado dentro desse contexto em que, por exemplo, o pai tem uma religião diferente da religião da mãe, acaba por seguir as duas, podendo escolher entre uma ou continuar seguindo ambas. Esse foi o caso descrito por uma das alunas entrevistadas que relata que:

Eu não tenho uma religião fixa. Eu ia na espírita desde os 5 anos e com os 12 anos eu fui para a católica fazer a primeira comunhão e lá eu acredito em algumas coisas, mas na espírita também. Não tenho uma religião certa e tem coisas hoje em dia que eu não acredito muito, tipo as pessoas hoje em dia estão se suicidando muito, a católica fala que essas pessoas vão pra o inferno e tals, mas eu não acredito muito nisso. Eu acredito que Deus é amor e se a pessoa fez coisas boas na vida, eu não acho que ela vai para o inferno só porque ela se matou. Eu acredito em vida após a morte. A pessoa morre e vai para um lugar que não é o céu, vai aprender coisas, vai melhorar e vai voltar para a terra para poder fazer as coisas boas e seguir sua vida. (ALUNA 4 do pré-vestibular social Teorema, 18 anos, oriunda de escola pública)

Perguntei o porquê de ela ter duas religiões e a mesma me afirmou que seu pai é católico e sua mãe é espírita, então na infância ela acompanhava a sua mãe nas reuniões promovidas pelo grupo espírita, mas quando fez 12 anos seu pai a convenceu de fazer a primeira comunhão. Podemos ver que o fato de os modelos tradicionais familiares não serem tão veementes como em séculos passados, fez com que dentro de uma mesma família houvesse a pluralidade religiosa. Essa pluralidade religiosa entra também no contexto da socialização primária dos jovens.

Mas, apesar da grande porcentagem de pessoas que seguem o catolicismo, devido a secularização houve a diminuição desse quantitativo referente de pessoas que se declaram católicas, o que resultou também na menor porcentagem de crianças que recebem influência dessa religião (NOVAES, 2004).

Dessa forma, mesmo que haja uma socialização religiosa primária, poucos são os jovens que permanecem na mesma religião dos pais (FERNANDES, 2018). Segundo Fernandes (2018), entre a faixa etária de 15 a 29 anos há a maior porcentagem de jovens que se declaram “sem religião”.

Dentre os cinco tipos de indivíduos que se consideram sem religião abordado por Fernandes (2006), os chamados “sem religião de religiosidade própria” são os que mais aparecem dentro das falas geradas através da entrevista realizada com os jovens do Pré-vestibular social da UFF e da UENF.

Segundo Fernandes (2006), os sem religião de religiosidade própria são aqueles que se afastam da instituição religiosa, mas sem que haja uma ruptura. São indivíduos que podem ter vindo de uma religião mas devido ao desencantamento ou decepção que tiveram com a instituição religiosa, acabaram por não serem mais frequentes nas reuniões promovidas pela igreja, considerando-se “sem religião”. São considerados

evangélicos/católicos genéricos (NOVAES, 2012) por possuírem uma crença mas não pertencem a nenhuma instituição religiosa, como podemos ver no relato de um dos alunos entrevistados:

Já tive religião, não tenho mais. Minha religião é a fé em Deus e acabou. Não boto o pé na igreja. Estou bem feliz aqui do jeito que eu tô do que dentro da igreja, sabe?! Onde qualquer movimento em falso que você faz, você é julgado e Deus não é isso. Conheci mais Jesus aqui fora do que dentro da igreja. (ALUNO 8 do Pré-vestibular da UENF, 19 anos, oriundo de escola pública)

Esse aluno entrevistado relatou que não é mais assíduo nas reuniões religiosas não somente por ter “aberto os olhos” (expressão utilizada por ele) em relação aos dogmas, mas também por ser homossexual e não perceber que há dentro das religiões uma aceitação referente a sua orientação sexual. O que Boudieu (2011) aponta sobre os grupos serem permeados de regras estabelecidas e que para fazer parte desse grupo é preciso seguir essas regras impostas, se confirma, uma vez que, dentro do cristianismo a prática homossexual não é aceita. Quando esse jovem afirma que é julgado quando pratica algum movimento em falso, ele se refere a quebra das regras que são imposta por determinadas religiões, do qual, no caso dele que é homossexual, gera julgamento.

Em sua maioria, os jovens entrevistados em ambos Pré-vestibulares se declararam “sem religião”, católicos e evangélicos. Dentro desses alunos que se consideram “sem religião” todos são oriundos do catolicismo ou do protestantismo.

O afastamento das instituições religiosas não se dá apenas devido às decepções que esses jovens tiveram, mas também o trabalho e estudo podem ser fatores que afastam esses jovens das instituições religiosas (FERNANDES, 2011).

Dessa forma, a escolha profissional é uma questão que preocupa os jovens religiosos (FERNANDES, 2011) e devido a falta de oportunidade no mercado de trabalho esses indivíduos se empenham mais em adquirir conhecimento, fazendo com que eles passem a não frequentar os eventos promovidos pela igreja nos fins de semana porque tem compromissos com o trabalho e estudo (FERNANDES, 2011).

A dedicação nos estudos como forma de ascender a condição financeira está presente nas prioridades dos jovens (FERNANDES, 2011) entrevistados. Há aqueles que acreditam mesmo não tendo tanta participação nas reuniões religiosas, que a religião é um fator que influencia no processo de escolha profissional.

Sim. Pois a religião é uma das influências a como as pessoas veem o mundo e a sociedade trabalha com o mundo. (**ALUNA 3** do Pré-vestibular da UENF, branca, 17 anos, oriunda de escola pública)

Algumas religiões influenciam sim. Tem o adventista que a demanda de trabalho dele é uma demanda que não trabalha em dia de sábado, então eu acho que vai de religião para religião. Principalmente a evangélica. Acho que a evangélica é mais exigente que a católica, tipo, cabelo longo, saia... então o mercado é bem variado. Então tem que escolher uma profissão que aceite isso. (**ALUNO 8** do Pré-vestibular da UENF, 19 anos, oriundo de escola pública)

Através do primeiro relato podemos dizer que para essa aluna a religião não se separa dos demais meios em que os indivíduos perpassam, pois as nossas ações e escolhas estão atreladas ao modo de ver o mundo que é construído através da família e da religião em que os jovens estão inseridos. É através do processo de socialização que os indivíduos começam a ter relações sociais e dessa forma estabelecem a identidade pessoal que é o meio pelo qual a identidade profissional é estruturada (SOARES, 1987).

O segundo relato acima é a prova de que há religiões em que a influência na vida social e profissional é clara, como por exemplo, a religião adventista que “guarda” o sábado e por isso faz com que seus fieis não possam trabalhar nesse período. Quando um jovem pertencente a essa religião vai escolher sua futura profissão, ele leva em consideração àquelas profissões que se enquadrem dentro das regras estabelecidas pelos dogmas religiosos. Esse mesmo aluno também menciona as igrejas evangélicas pentecostais tradicionais em que as mulheres têm um tipo de comportamento e vestimenta padrão, como mencionado pelo entrevistado.

Quando esses tipos de evangélicos vão escolher sua profissão também levam em consideração as regras estabelecidas pelos dogmas religiosos, como por exemplo, uma profissão que a permita usar saias longas e não a obrigue a cortar o cabelo de forma curta. O que faz com que essas regras perpassarem por todas as áreas da vida do indivíduo, abarcando também a profissão, é a moral (a ideia de dever) existente nessas religiões e que são implantadas e naturalizadas pelas pessoas no processo de socialização.

Entretanto, não são todos os jovens que naturaliza esses dogmas religiosos e apesar de saberem que há a influência da religião no processo de escolha profissional, também sabem que essa influência é fruto de um processo de alienação, como salienta a entrevistada a seguir:

A religião tem uma grande influência. Assim eu acredito que seja um grande instrumento de alienação porque os fiéis estão sempre ali prestando atenção, achando que aquilo é verdade pura. Se você não for uma boa pessoa, vai para o inferno e se for boa pessoa vai para o céu. Um grande instrumento de alienação e de fato para fazer as ovelhas do rebanho seguir o pastor bonitinho porque se você prospera você tem que prosperar junto com a igreja, se você prospera mais, você passa a dar mais a igreja. (ALUNA 5 do Pré-vestibular da UFF, branca, 17 anos, oriunda de escola pública)

A aluna relata que, para ela, quanto mais uma pessoa é prospera profissionalmente, mais deve contribuir financeiramente com a igreja. De certa forma, as igrejas dependem do sucesso profissional dos jovens para conseguirem subsídios econômicos para continuarem suas práticas religiosas, uma vez que é através dos dízimos e das ofertas que as instituições religiosas conseguem permanecer abertas.

Não somente com os dízimos e as ofertas, mas também com outras ações, os jovens podem contribuir para suas religiões com as profissões que exercem ou pretendem exercer. Muitos dos jovens entrevistados apresentam a pretensão de ajudar sua religião dando dinheiro e através de ações sociais, como é mostrado na fala de uma das alunas.

Sim. Pretendo ir assim ajudar as pessoas que precisam ser ouvidas, dar um apoio psicológico, pretendo atender quando alguém precisar sem cobrar nada. (ALUNA 3 do Pré-vestibular da UFF, negra, 21 anos, oriunda de escola pública)

Ao conversar com alguns entrevistados percebi que mesmo aqueles que se consideram “sem religião” desejam contribuir de alguma forma com alguma religião. Aqueles que se consideram religiosos alegaram querer participar de obras sociais e missionárias atuando com suas futuras profissões de forma gratuita. Dentro de religiões, como por exemplo, a católica, evangélica e espírita há a presença de um contexto de caridade e ajuda aos necessitados. São diversas as formas que esses alunos podem contribuir, como eles mesmo relataram.

Aqueles que desejam ser psicólogos, médicos, dentistas e veterinários pretendem atender de forma gratuita as pessoas e seus animais (no caso da veterinária) que fazem parte de suas instituições religiosas, assim como outros jovens que escolheram profissões distintas. O que pude observar é que, em sua maioria, os alunos entrevistados que desejam ser médicos apresentam em sua escolha profissional uma moral cristã de

ajuda ao próximo maior do que os demais que desejam seguir outras profissões. Mas não são todos os alunos entrevistados que desejam contribuir para a religião com sua futura profissão.

Dentro desse viés religioso há aqueles jovens que alegam que deixariam de exercer a profissão que escolheram caso aflija a moral da qual é imposta nas instituições religiosas que fazem parte, como podemos ver a seguir.

Acho que não seria por causa da religião. Mas eu acho que não seguiria algo que envolve morte, por exemplo, um policial. Eu teria um peso na consciência por causa dos mandamentos, mas não pela religião em si. (ALUNA 4 do Pré-vestibular da UENF, parda, 18 anos, oriunda de escola pública)

Podemos observar o quanto a religião pode ser um mecanismo de influência, fazendo com que os indivíduos pensem e tenham ações baseadas em um esquecimento ideológico, no qual alegam ser fruto de tal pensamento e ação e não passíveis de uma socialização do qual a religião teve participação. Porém, a influência religiosa não é apenas oculta. Existem líderes religiosos que através das reuniões, das palestras e de conversas informais podem explicitamente abordar a questão da escolha profissional com a religião da qual esses jovens pertencem.

Para sabermos a respeito, foi perguntado aos alunos de ambos Pré-vestibulares se seus líderes religiosos falam sobre escolha profissional e obtivemos as seguintes respostas.

Fala. Ele é psicólogo, inclusive. O pastor da minha igreja fala para a gente seguir o nosso coração e não interfere assim muito não. Ele fala pra nós escolhermos por nós mesmos. (ALUNA 1 do Pré-vestibular da UFF, parda, 17 anos, oriunda de escola pública)

Sim, ele fala. Fala que a gente tem que saber escolher e tem que saber onde estamos entrando. Se tem alguma coisa que mexe com a religião, ele fala muito que se você está dentro da política, por exemplo, você sabe que tem muita corrupção, então você não vai entrar na política. (ALUNA 3 do Pré-vestibular da UFF, negra, 21 anos, oriunda de escola pública)

Fazer uma escolha “por si mesmo” significa uma escolha sem influências advinda de uma vontade sem opiniões e imposições de terceiros. Mas, como já vimos

em vários contextos abordados nesse trabalho, não há uma escolha profissional que não se baseie em algum tipo de influência familiar e religiosa, seja ela positiva ou negativa. Não existem escolhas feitas “por si mesmo” ou livremente. Família e religião são instituições que socializam os indivíduos, condicionando o seu modo de ver o mundo e de agir. Mas, a questão da qual o líder religioso da aluna 1 se refere pode ser relacionado ao que muitas igrejas denominam como vocação. Segundo Weber (1987),

(...) A vocação é aquilo que o ser humano tem de aceitar como desígnio divino, ao qual tem de “se dobrar” – essa nuance eclipsa a outra ideia também presente de que o trabalho profissional seria uma missão, ou melhor, a missão dada por Deus (WEBER, 1987, p. 77).

Segundo Weber a vocação profissional está ligada a uma missão divina da qual Deus designa para cada indivíduo, ou seja, cada pessoa tem sua vocação, sua missão, seu chamado para uma determinada área profissional. Weber vai afirmar também que,

(...) o indivíduo deve permanecer fundamentalmente na profissão e no estamento em que Deus o colocou e manter sua ambição terrena dentro dos limites dessa posição na vida que lhe foi dada (WEBER, 1987, p. 77).

Nessa ideia exposta por Weber, que revela as ideias do ascetismo protestante, o indivíduo deve permanecer na profissão que o foi designada por Deus como forma de ser obediente aos mandamentos estabelecidos por Cristo. Mas, por que alguém se torna obediente? Sobre essa questão Max vai nos dizer que

(...) a obediência é determinada pelos motivos bastante fortes do medo e da esperança – medo da vingança dos poderes mágicos do detentor do poder, esperança de recompensa neste mundo ou no outro (WEBER, 1919, p. 56).

No contexto das religiões, os indivíduos se submetem a obediência religiosa por acreditar que receberão recompensas divinas nesse mundo ou em outro após a morte, e também a obediência acontece através do medo da punição divina ou terrena que pode haver caso não obedeça. Então, quando um líder religioso diz para uma jovem escolher sua profissão “por si mesma” seguindo o “coração”, ele está se referindo não somente a

fazer uma escolha ligada ao que gosta, mas também a uma profissão que ela acredite que seja a sua vocação.

Nem todos os jovens conseguem perceber a influência da religião na escolha profissional. Tiveram aqueles que acreditam que essa influência religiosa apenas acontece quando o indivíduo escolhe ser padre, pastor, freira ou quando dentro do catolicismo há a necessidade de ter pessoas que trabalham em uma área e por isso os líderes religiosos pedem que as freiras se formem em tal profissão a fim de contribuir para a religião.

Religião? Depende muito da religião. Por exemplo, eu venho de um núcleo católico e eu vejo que os conventos e seminários acabam pré-determinando o que os padres e freiras irão estudar. A faculdade que a freira faz é porque a igreja que pediu, tipo “nós estamos precisando disso e você tem que fazer isso”, é o que eu vejo. Mas eu acho que a religião em si depende muito do que a pessoa quer fazer dentro daquela religião. (**ALUNA 2** do Pré-vestibular da UFF, branca, 17 anos, oriunda de escola pública)

Nesse tópico observamos também que a religião pode ser sim uma instituição da qual influencie no processo de escolha profissional só que de uma forma mais oculta se comparada a influência da família. Vimos nas respostas dadas por alguns alunos que não considerava a religião como fator de influencia profissional, mas não seguiria um ofício que viesse contra as seus princípios dos quais podem ser aprendidos na família ou/e na religião, pois, há heranças familiares que são configurações religiosas.

Dessa forma, vemos que a religião tem um peso moral em relação à escolha profissional e vem com a ideia de que há uma espécie de vocação profissional da qual leva-se em consideração no momento da escolha. Mas se compararmos ambas as instituições, a família ganha destaque em relação à influência na escolha profissional desses jovens estudantes do Pré-vestibular social Josué de Castro e Pré-vestibular social Teorema, pois é primeira instituição da qual o indivíduo pertence e é nela que os valores, crenças, ideologias e demais construções sociais são construídos e enraizados.

Também tiveram alunos que acreditam que ser pastor ou padre é uma profissão. Porém, através das entrevistas realizadas com alguns líderes religiosos da igreja evangélica e católica de Campos dos Goytacazes-RJ, pude perceber que essa afirmativa

não é a mesma da qual esses líderes religiosos acreditam. E é o iremos ver no próximo tópico.

#### 4.2 A trajetória laboral na ótica dos líderes religiosos

Com forma de aprimorar a questão da influencia da religião no processo de escolha profissional dos jovens, foram realizadas entrevistas com alguns líderes religiosos, sendo dois padres e dois pastores. O motivo pelo qual a entrevista foi realizada com pastores e padres é devido ao fato de a maioria dos alunos entrevistados serem de religiões católicas e evangélicas.

Após a elaboração do roteiro de entrevista semiestruturada, fui à secretaria da igreja católica São Salvador, localizada em Campos dos Goytacazes, para pedir um agendamento para que a entrevista com o padre fosse realizada. Porém, foi me informado que o padre estava fazendo um curso fora da cidade e só poderia ser agendada a entrevista na semana seguinte. No mesmo dia enviei uma mensagem para uma das ex-alunas do Pré-vestibular da UFF para que ela fizesse a ponte entre mim e o pastor da igreja que ela frequenta e nesse mesmo dia consegui marcar a entrevista com esse pastor para a semana seguinte.

Fui também à Igreja Universal do Reio de Deus (IURD) que é localizada em uma área central da cidade de Campos dos Goytacazes, para conseguir agendar uma entrevista com algum dos pastores dessa igreja, visto que nela não há apenas um específico. Após ser atendida por um dos pastores, tive que esperar ele ir conversar com um outro pastor para ver a possibilidade de me conceder a entrevista.

Tive que esperar dentro da igreja e acabei assistindo um pedaço do culto que tinha iniciado no momento que esse pastor que me atendeu foi conversar com outro. Fiquei aproximadamente 35 minutos esperando até que o pastor pediu para que eu voltasse no domingo no horário do culto para falar com outro pastor. Voltei na IURD por 3 vezes até conseguir marcar com um pastor do qual eles denominam como o “pastor político”.

Como ainda não tinha conseguido a entrevista com o padre, fui novamente na secretaria na Igreja Católica São Salvador e não obtive sucesso. Voltei duas vezes até que o padre estava na secretaria e me informou que havia um outro padre, que é o dirigente da Paróquia Santo Antônio, que tinha mais contato com os jovens e me recomendou ir até ele e pedir a entrevista. E foi o que eu fiz. Fui até a Paróquia Santo

Antônio duas vezes até que consegui marcar a entrevista com o padre. No dia marcado, compareci na paróquia, mas o padre teve um imprevisto e não pode me atender. Então, liguei para a Paróquia São Benedito e marquei uma entrevista com o padre dirigente.

No dia marcado de fazer a entrevista com o padre dirigente da Paróquia São Benedito, cheguei no horário e tive que esperar um pouco mais de uma hora até a chegada do padre.

Por saber que o padre dirigente da Paróquia Santo Antônio tinha mais contato com a juventude católica, liguei novamente para a secretaria dessa igreja para tentar uma entrevista e consegui marcá-la. A mesma foi realizada também.

As perguntas feitas a esses líderes religiosos foram nome, idade, sexo, cor, grau de escolaridade, profissão, qual religião pertence, desde quando segue essa religião, se já fez parte de outra religião, desde quando é líder religioso, por que escolheu ser líder religioso, quais as características dos jovens que não membros da igreja que lideram, quantos jovens existem na igreja, se existe cultos específicos para os jovens, de que forma esses líderes religiosos veem o processo de escolha profissional dos jovens de sua igreja, se já tiveram alguma conversa com os jovens a respeito de escolha profissional, quais os conselhos são dados aos jovens em relação a escolha profissional, se existem profissões das quais os jovens não deveriam seguir, se esses líderes religiosos pensam ser possível existir influência da religião no processo de escolha profissional, se conhecem algum jovem que escolheu a profissão com base em influência religiosa e se conhecem algum jovem que deixou de seguir alguma profissão por causa da religião.

A transmissão das crenças religiosas e a continuidade da mesma não foi apenas observada nos relatos de alguns dos alunos dos Pré-vestibulares sociais da UFF e da UENF, como pode ser visto na fala do Padre da Paróquia de Santo Antônio e o Padre da Paróquia São Benedito.

A religião é uma questão familiar. Desde que eu me entendo por gente, eu sou da igreja católica. Mas lógico que a partir da nossa adolescência, a gente começa a tomar uma decisão livre e seguir a religião. Não. Fui pra visitar com amigos, mas nunca me inseri em outra comunidade religiosa não. (Padre da Paróquia São Benedito, 37 anos, sexo masculino, Pardo, faculdade de filosofia e de teologia como grau de escolaridade)

Eu sigo a religião desde a minha infância mesmo. A gente segue porque os pais nos levam. Desde criança meus pais me levavam a missa e depois que passou para a idade que a gente fala que é a idade

da sabedoria, onde você começa a ter seus 12-13 anos, eu comecei a seguir mesmo por vontade própria. Nunca fiz parte de outra religião. Já visitei. Parte da minha família é evangélica, mas minha raiz e essência sempre foram católicas. (Padre da Paróquia Santo Antônio, 45 anos, masculino, moreno, terceiro grau completo como grau de escolaridade)

As crenças religiosas foram construídas através da socialização primária desses padres, mas, como eles mesmo relatam, continuaram a seguir essa religião por vontade própria apesar de já terem visitado outras denominações. O mesmo aconteceu na vida dos pastores entrevistados, mas de forma contrária.

Foi percebido que houve a perda do monopólio em relação a esse legado religioso (GODINHO; CARVALHO; SOUZA, 2014), fazendo com que esses indivíduos que antes eram pertencentes a uma religião imposta pela família, passassem a pertencer à outra, como podem ver nos relatos a seguir.

Eu nasci no lar católico, mas me converti quando tinha 21 anos de idade aproximadamente. Já são 23 anos na fé evangélica. Eu saí da católica porque entendi que conheci a verdade do evangelho que não conhecia na igreja católica. (pastor da igreja batista renovada, 34 anos, sexo masculino, branco, formação superior como grau de instrução)

Antes eu era católico e sou há 24 anos evangélico. Eu não frequentava assiduamente a católica e tive um problema. Para resolver o problema, mudar de vida, eu me converti ao cristianismo. (Pastor da Universal do Reino de Deus, 44 anos, sexo masculino, branco, pós-graduação como grau de escolaridade)

O pastor da Igreja Batista renovada foi pertencente a religião católica durante uma parte de sua vida por sua família ser católica e converte-se ao evangelho por pensar que conheceu uma verdade da qual não conhecia antes. O pastor da IURD também veio de um lar católico, mas diferente do pastor anterior, converteu-se a igreja evangélica por ter tido um problema com a religião católica, do qual ele não abordou, mas afirmou que para conseguir “resolver o problema” mudou de religião.

Uma afirmação que aproxima esses líderes religiosos é o pensamento de que ser pastor ou padre não é uma profissão - como afirma alguns alunos dos Pré-vestibulares – mas sim uma vocação.

Eu sou pastor desde 2000. Março de 2000. E na verdade, na nossa concepção, nós não escolhemos, nós somos escolhidos. É uma espécie

de chamado que a gente tem da parte de Deus. Uma espécie de uma missão que a gente recebe. (pastor da igreja batista renovada, 34 anos, sexo masculino, branco, formação superior como grau de instrução)

Há 20 anos. Líder religioso geralmente não se escolhe. Não é uma opção, você não escolhe ser líder religioso, Líder religioso é um chamado de Deus para liderar uma igreja, um povo que ele tem um propósito. (Pastor da Universal do Reino de Deus, 44 anos, sexo masculino, branco, pós-graduação como grau de escolaridade)

Bem, de sacerdócio, isso é, ser padre, eu já sou a 12 anos. Faço 13 anos agora em dezembro. Mas antes de se tornar um líder religioso nós adquirimos uma certa preparação que é o nosso seminário que são praticamente 9 anos de estudo. Esse é o tempo mínimo. Vocação não é uma questão de escolha. Lógico que tomamos a decisão, mas o ser padre é muito mais um chamado. Mais uma vocação que você se sente convocado por Deus. (Padre da Paróquia São Benedito, 37 anos, sexo masculino, Pardo, faculdade de filosofia e de teologia como grau de escolaridade)

Eu tenho quase 9 anos de padre. Eu me ordenei em dezembro de 2010. Então eu vou fazer 9 anos de padre. A escolha do sacerdote pra mim é uma coisa que nasce com a gente. Chamamos de vocação. A vocação é uma coisa que está no nosso interior. É o chamado. (Padre da Paróquia Santo Antônio, 45 anos, masculino, moreno, terceiro grau completo como grau de escolaridade)

Tanto os pastores quanto os padres veem a liderança religiosa como uma vocação, um chamado, uma missão da qual foi recebida por Deus, o que é visto nos estudos de Weber (1987) sobre o significado de vocação (é uma missão). A ideia de vocação, embora seja vista nos relatos de todos os líderes religiosos entrevistados, quando perguntado sobre a forma com que eles veem o processo de escolha profissional dos jovens de suas igrejas, as respostas variam entre vocação e uma escolha baseada em desejos pessoais e de acordo com a demanda do mercado de trabalho, como podemos observar a seguir:

Eu não consigo perceber uma influência da religião na nossa comunidade de fé sobre a profissão que eles vão escolher. Eu não sei as motivações para eles escolherem a profissão. Eu penso que talvez seja pelas oportunidades de trabalho. Penso isso pelas conversas que já tive com eles. Até porque eu tenho um filho que está sempre pensando sobre o que o mercado oferece, sobre as possibilidades. (pastor da igreja batista renovada, 34 anos, sexo masculino, branco, formação superior como grau de instrução)

O relato apresentado pelo pastor vem de encontro com o que Fernandes (2011) aborda sobre a doutrina pentecostal e neopentecostal promoverem uma disciplina que estimula a busca da formação profissional. Mas essa abordagem não apenas se aplica a religião pentecostal e neopentecostal. Para o Padre da Paróquia São Benedito, a escolha profissional é feita devido ao mecanismo de sobrevivência, ou seja, de acordo com as necessidades que os jovens têm vinculado à demanda de mercado de trabalho. Assim, as escolhas profissionais realmente é uma questão que preocupa os jovens religiosos (FERNANDES, 2011).

Devido às escolhas profissionais serem uma questão que preocupa os jovens religiosos, a religião pode estar presente dentro desse processo de escolha laboral. Porém, como mencionado no último tópico, nem sempre esses jovens percebem tais influências e essa falta de percepção também é vista no relato dos pastores que não acreditam que a religião possa influenciar nas escolhas profissionais mas sim morais.

Olha, nós somos uma igreja reformada aqui, somos poucos aqui em Campos. E nos reformados, que seguimos a teologia calvinista, defendemos que tudo o que a gente faz tem que ter um fim de glorificar a Deus. Se você vai ser um sapateiro, mecânico, engenheiro, arquiteto, a gente aprende que com a nossa vida, temos que glorificar a Deus. Então, não vejo que alguém possa ser influenciado pela religião para escolher o tipo de carreira. Aqui a gente ensina que seja lá o que for fazer, que deve glorificar a Deus. De que maneira? Sempre fazendo tudo da melhor maneira possível, com excelência., se for cobrar é preciso cobrar um preço justo, não ser abusivo no preço, na cobrança. A gente que dessa forma Deus vai ser glorificado (pastor da igreja batista renovada, 34 anos, sexo masculino, branco, formação superior como grau de instrução).

Não. A religião pode influenciar nas escolhas morais, mas profissionais não. (Pastor da Universal do Reino de Deus, 44 anos, sexo masculino, branco, pós-graduação como grau de escolaridade)

O relato do pastor da Igreja Batista Renovada entra em contradição uma vez que ele diz que não vê a possibilidade de haver influencia religiosa nas escolhas profissionais dos jovens, mas também diz que todas as profissões devem ser para glorificar a Deus. Se todas as profissões devem ser voltadas para a glorificação de Deus, então há influência religiosa.

O relato do pastor da IURD também é contraditório pois o mesmo diz que a religião só influencia nas questões morais, mas na escolha profissional não. Porém as

questões morais estão inteiramente ligadas ao ofício desenvolvido pelos indivíduos. Então, se há influência da religião nas questões morais, há também nas escolhas profissionais em que a moral entra como base.

A questão moral também é vista no relato do padre da Paróquia São Benedito e do padre da Paróquia Santo Antônio. Mas esse último padre também revela que a religião é o meio pelo qual os indivíduos encontram paz e despejam suas aflições, conseguindo ter um melhor desenvolvimento profissional. Dessa forma a religião é vista como um escudo e a igreja como uma rede de proteção (NOVAES, 2018).

O discurso é um dos meios utilizados pela religião para persuadir os indivíduos e em relação ao processo de escolha profissional não é diferente. Não somente a moral religiosa construída na socialização pode ser um mecanismo do qual corrobora para que a religião esteja impregnada nas escolhas laborais dos jovens, como também existem palestras ofertadas dentro de alguns colégios particulares em Campos dos Goytacazes, do qual os Padres são chamados para serem os oradores.

(...) Geralmente, nessa parte profissional, acontece nas escolas católicas, como, por exemplo, o Eucarístico que promove esses encontros e ali os padres são convidados para estar indo e falar um pouco sobre a seriedade em escolher uma profissão com responsabilidade com a própria fé. Porque nós simplesmente não trabalhamos num trabalho que você vai seguir no futuro, mas assumir tal estado na condição de um católico. Aí a responsabilidade de sermos justos, verdadeiros, honestos e demais virtudes próprias da nossa fé. (Padre da Paróquia São Benedito, 37 anos, sexo masculino, Pardo, faculdade de filosofia e de teologia como grau de escolaridade)

Dentro da Cidade de Campos dos Goytacazes há colégios que são denominados religiosos. Há o Colégio batista, composto por diretores e dirigentes que são pastores ou membros de igrejas evangélicas; há colégios adventistas que são compostos por profissionais pertencentes a religião adventista; há colégios como o Eucarístico e o Colégio Auxiliadora que são caracterizados por serem uma instituição seguidoras do catolicismo e são compostos também por freiras como dirigentes.

Dentro desses Colégios católicos, segundo o padre acima, há palestras voltadas para a escolha profissional, da qual os próprios padres são convocados a ministrar. Eu não sei se há também essas palestras vocacionais dentro das escolas de outras religiões, mas podemos dizer que são nesses espaços que a influência religiosa em relação à profissão acontece e muitas vezes ocorrem de maneira simbólica. Como já abordado

anteriormente, segundo Almeida e Pinho (2008) os filhos nem sempre reconhecem as influencias que a família exerce em relação as suas escolhas laborais. O mesmo pode ser aplicado em relação aos jovens religiosos. Nem sempre esses jovens religiosos percebem que estão tendo influencias religiosas dentro de seus contextos de escolha profissional.

Apesar dos indivíduos terem contato com outros meios sociais podendo ser desinstitucionalizado (DAYRELL, 2007) em relação à socialização construída no âmbito familiar e se tornar também influenciadores (SOARES, 1987), nem sempre eles conseguem esse desvinculo, pois, os dogmas religiosos podem estar presentes não somente na igreja e na família, como também nas escolas causando influência religiosa no processo de escolha profissional.

Então, existem aqueles jovens que deixam de seguir uma determinada profissão devido a sua religião. Sobre esse argumento, os líderes religiosos entrevistados alegam que as únicas profissões das quais os jovens devem deixar de exercer, são aquelas que ferem de alguma forma a moral cristã. Um exemplo mencionado pelo Pastor da Igreja Renovada de Campos é um dos fieis que era comerciante, tinha um bar e restaurante e optou por não vender bebida alcóolica por ser cristão. Já o Padre da Paróquia São Benedito, afirma que conhece muitos casos de policiais miliares que abandonaram a carreira por serem obrigados a entrar em esquemas de corrupção, infringindo, dessa forma, a moral cristã.

Segundo todos esses líderes religiosos entrevistados, a única profissão que os jovens devem abandonar é aquela que fere a moral cristã. Dentro dessa moral cristã está o ser ético, com caráter, verdadeiro, etc.

Bem, é um pouco complicado dizer porque nem sempre nós temos como julgar uma escolha profissional de uma forma plena. Mas, o que a igreja nos fala é que o cristão estando no mundo ele é chamado a agir para a maioria da fé. Isso é, a escolha de uma profissão, a escolha de um trabalho nesse mundo não é simplesmente fazer por fazer, mas fazer com uma realidade que completa sua vida. E lógico como católico devem ser pessoas justas, honestas, verdadeiras e que tenha de fato esse sentimento pelo outro. Não é tratar a realidade do mundo a nossa volta como um número, mas temos que agir com humanidade. Seja em qual área for que possamos abraçar com humanidade. Temos que ser humanos e um modelo de humano a ser seguido é o próprio Jesus Cristo. (Padre da Paróquia São Benedito, 37 anos, sexo masculino, Pardo, faculdade de filosofia e de teologia como grau de escolaridade)

A única coisa que eles não devem seguir é aquilo que foge do caráter deles. Acho que tudo que você faz tem que ter o seu caráter, a sua essência. Não pode perder o caráter. Aquilo que vai fugir do seu caráter não deve fazer. Por exemplo um cara que sabe mexer muito bem no computador mas vira um hacker, ele perdeu o caráter. Então, desde que nada perca o seu caráter. (Padre da Paróquia Santo Antônio, 45 anos, masculino, moreno, terceiro grau completo como grau de escolaridade)

A fala desses líderes religiosos me faz lembrar os relatos abordados por Weber (1987).

(...) o trabalho profissional mundano aparece como expressão exterior do amor ao próximo, o que de resto vem fundamentado de maneira extremamente ingênua e em oposição quase grotesca às conhecidas teses de Adam Smith, em particular quando aponta que a divisão do trabalho coage cada indivíduo a trabalhar para outros. Trata-se, como se vê, de argumento essencialmente escolástico que logo é abandonado, cedendo o passo à referência cada vez mais enfática ao cumprimento dos deveres intramundanos como a única via de agradar a Deus em todas as situações, que esta e somente esta é a vontade de Deus, e por isso toda profissão lícita simplesmente vale muito e vale igual perante Deus. (WEBER, 1987, p. 73)

Não somente as falas dos líderes religiosos, como também as de alguns jovens que foram entrevistados, como mostrado nos gráficos no capítulo dois desse trabalho, relatam que seus desejos em relação a seguir determinada profissão está alinhado ao querer ajudar o próximo. Weber (1987) nos mostra que o trabalho profissional para as instituições religiosas está fundamentado no dever de ser fonte de auxílio ao próximo, assim como, por ser direcionado por Deus todas as profissões são bem-aventuradas. Mais uma vez vemos como a religião está entranhada de tal forma nas questões morais e éticas do indivíduo que acabam por não ser tão perceptível a sua influencia em várias áreas da vida de uma pessoa, incluindo no processo de escolha profissional.

Ao longo dos relatos apresentados através das entrevistas realizadas com os líderes religiosos, podemos perceber que, assim como a família, a religião pode ter influencia nas escolhas profissionais dos jovens. Observamos que nem sempre essa influencia religiosa é explícita, pois, pode estar interligada a moral cristã da qual o indivíduo internalizou em seu processo de socialização primária. Nesse processo de socialização em que a religião pode ser abordada acontecem dois fatores relatados por Ramos e Nascimento (2008) que é a internalização, que é o que relatei acima e a

personificação, que é quando o indivíduo projeta para os meios vividos os valores institucionais internalizados.

Então a religião pode causar influencia no processo de escolha profissional por meio da socialização que conseqüentemente reflete o que é a moral cristã e em relação à profissão ser vista como vocação, como uma missão dada por Deus.

## CONCLUSÃO

Apesar da abordagem de Dayrell (2007) sobre a família não ser mais uma instituição de grande relevância na construção juvenil e de suas escolhas, tentou-se demonstrar neste trabalho, de acordo com as referências teóricas e empíricas, como a família e a religião tem realce em relação ao processo de escolha profissional dos jovens.

O momento de escolha profissional é um marco para os jovens de diversas classes sociais, pois, como já mencionado ao decorrer desse trabalho, a juventude é entendida como uma fase em que o indivíduo se prepara para ser inserido no mercado de trabalho (QUINTILIANO, 2008), pois, a maioria dos jovens, que são pertencentes a classe operária, vivencia a condição juvenil através do trabalho que garante o lazer, o namoro ou o consumo (DAYRELL, 2007).

Não somente para a garantia do lazer, mas existem aqueles jovens que por necessidade de sobrevivência, são inseridos no mercado de trabalho como forma de colaborar com as despesas da família (TERRIBELLE, 2006). O que pode tornar o momento de escolha profissional angustiante, desgastante e até mesmo frustrante (PAGGIARO; CALAIS, 2009), pois, não são todos que conseguem alcançar seus objetivos profissionais.

Como mencionado no decorrer desse trabalho, a família é vista como a principal instituição que pode ajudar ou dificultar o jovem no processo de escolha profissional (ALMEIDA; PINHO, 2008), visto que há pais que constroem projetos para seus filhos e esperam que tais projetos sejam concretizados. Investem no indivíduo e desejam que o filho realize os sonhos que não puderam realizar no decorrer de seu trajeto de vida.

Há aqueles jovens que desejam seguir a mesma profissão dos pais, que é o caso de quatro alunos dos pré-vestibulares pesquisados. Como também há aqueles que não desejam prosseguir a mesma profissão dos seus genitores. Esse último relato, que faz parte da fala da maioria dos jovens entrevistados e dos que responderam o questionário, se deve ao fato de os pais não terem tido a oportunidade de concluir os estudos. O que não significa que esses pais não irão de alguma forma depositar em seus filhos os projetos profissionais que não conseguiram alcançar.

Através dos questionários aplicados, podemos perceber que em ambos os pré-vestibulares a maioria dos jovens são oriundos de escolas públicas, negros, pertencentes a classe operária, católicos, mulheres e desejosos por conquistar os projetos profissionais como forma de ascender socialmente. Em relação a família, observamos que esses jovens não desejam seguir a mesma profissão dos parentes pelos mesmos não tiverem tido a oportunidade de se formar ou/e trabalhar na profissão que desejavam. Ou seja, concretizar os projetos laborais é uma vertente de destaque para a juventude e a família faz parte desse processo diretamente ou/e indiretamente.

Assim como a família, a religião também faz parte da identidade pessoal da maioria dos jovens, mesmo aqueles que se consideram “sem religião”. Através dos dados empíricos, vimos que esses jovens que se descrevem como “sem religião”, como salienta Fernandes (2018), nem sempre significa não ter uma fé, mas sim não fazer parte das reuniões que a religião oferece.

Observamos através do relato de alguns alunos do pré-vestibular da UFF e da UENF que mesmo não se considerando pertencentes a uma religião específica, pretende contribuir de alguma forma com a futura profissão que desejam exercer. A frequência nos cultos não faz parte de sua rotina, mas a fé e as crenças ainda continuam presentes.

A religião da maioria dos alunos dos pré-vestibulares que fazem parte dessa pesquisa é equivalente a religião dos seus familiares, ou seja, até mesmo em relação as crenças, a família encontra-se em uma posição de influência.

No que tange a escolha profissional, notamos que a religião tem poder de influência mas não tanto quanto a família, pois com o advento da secularização, não são todos os jovens que continuam exercendo as mesmas crenças das quais seguiam quando eram crianças, podendo ter a possibilidade de até mesmo não ser pertencente a nenhuma. Por isso, apesar de haver valores que são aprendidos no ceio religioso, há uma pouca porcentagem de jovens que levam em consideração a religião quando se trata de suas escolhas profissionais, como é o caso da maioria dos jovens entrevistados do Pré-vestibular social da UFF e da UENF

Dentre os resultados almejados, percebemos que esses pré-vestibulares sociais corroboram para que os jovens consigam maiores possibilidades de ingressarem em uma universidade para cursar a graduação da qual fez parte do processo de escolha profissional. Sabemos que o surgimento dos pré-vestibulares sociais está relacionado à desigualdade existente no acesso ao ensino superior. Devido a assimetria existente na sociedade em que se cobra de forma igual os jovens nos vestibulares, não levando em

consideração suas origens, os pré-vestibulares se apresentam como instituições que possibilita a democratização do acesso ao ensino superior.

Vimos, através dos relatos de alguns alunos, que a entrada deles nos Pré-vestibulares é associada à falta de preparo existente nas escolas públicas. Dentro dessas instituições, através do contato com os demais alunos, professores e até mesmo com as Universidades que estão inseridos, esses jovens podem passar pela ressocialização, fazendo com que o projeto profissional inicial mude, como aconteceu com a aluna do Pré-vestibular social Teorema que entrou no pré-vestibular desejando concorrer a uma vaga de medicina e ali descobriu que esse desejo era o que os seus pais impuseram de forma oculta e não o que ela realmente desejava.

A partir desse quadro interpretativo e com as entrevistas realizadas com os pais dos alunos do Pré-vestibular social Josué de Castro e Pré-vestibular social Teorema, foi testificado que a influencia da família é presente, seja de modo positivo ou negativo, mas nem sempre de forma explícita. Também verificamos que aqueles pais que não conseguiram conquistar seus projetos profissionais, em algum momento teve a esperança que o (a) filho (a) seguisse tal projeto, como forma de realizar-se através de sua prole. Vimos também que a reprodução (BOURDIEU, 1970) ainda é presente, pois há aqueles que deram continuidade a profissão exercida pelos pais. Em relação a religião, em sua maioria, os pais acreditam que essa instituição não tem influencia no que se refere a escolha profissional.

Mas, quando analisadas as entrevistas feitas com os líderes religiosos, percebemos que a escolha profissional está atrelada, para eles, a uma espécie de vocação divina (WEBER, 1987). Segundo esses líderes religiosos, todos os indivíduos tem uma “missão” da qual também é desenvolvida através da profissão por meio da vocação. Observamos que a religião, mesmo que de forma minoritária em relação a família, também exerce influencia na escolha profissional dos jovens.

Através do relato de um dos padres, vimos que há escolas na cidade de Campos dos Goytacazes que convidam esses líderes religiosos para prestarem palestras e um dos assuntos abordados é a escolha profissional. Portanto, por meio desses discursos a influencia religiosa acontece. Podemos dizer que existem outros meios pelos quais a religião influencia no projeto profissional quando levamos em consideração a moral e ética cristã da qual nos é introduzida através do processo de socialização.

Há indivíduos, como relata alguns líderes religiosos entrevistados, que deixam de seguir determinadas carreiras e/ou saem de seus postos de trabalho por se depararem

com práticas e/ou vivências que vão na contramão do que lhes foi ensinados através da base cristão. Continuar exercendo tais profissões, para esses indivíduos, é o mesmo de está se corrompendo e pecando diante de Deus.

Não somente a religião e a família são fontes de influência no processo de escolha profissional desses jovens, mas a mídia, a classe social, a escola, os amigos e os professores fazem parte dessa escolha laboral.

Mediante o trabalho de campo realizado no Pré-vestibular social Josué de Castro e no Pré-vestibular social Teorema, o presente estudo permitiu perceber a intrincada rede de influências e escolhas dos jovens em seu processo de profissionalização. Vimos ainda que a família continua sendo uma instituição base na formação da identidade dos indivíduos, estendendo-se ao processo de escolha profissional, assim como a religião em relação as questões morais que são impregnadas no processo de socialização.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Elisa Grijó Guahyba de; PINHO, Luís Ventura de. **Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional**. Revista Psicologia Clínica. São Paulo, v.20, n.2, p.173-184, 2008. Disponível em: Acesso em: agosto de 2019.

ALMEIDA, Maria; PINHO, Luís. **Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional**. PSIC. CLIN., RIO DE JANEIRO, VOL.20, N.2, P.173 – 184, 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n2/a13v20n2>>. Acesso em Agosto de 2019.

ALMEIDA, Leandro Viana de. **Pré-vestibulares populares: estratégia de acesso dos excedentes à educação superior**. Dissertação. (Mestrado em educação)- Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016

ALMEIDA, Roseane L. N; AGUIAR, Magda N. **Qualificação: ponte de inserção do jovem no mercado de trabalho?**. XV Congresso Brasileiro de Sociologia. 26 a 29 de julho de 2011, Curitiba (PR).

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BARRETO, Simone. et. al. **Os desafios do Pré-vestibular social Teorema para a democratização do acesso ao ensino superior: resultados e ações no ano de 2015**. Revista Philologus. Ano 21, nº 63 –Supl.: Anais da X CNLF. Rio De Janeiro: CIFEFIL, set/dez. 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

BELLONI, Maria Luiza. **Infância, mídia e educação: revisando o conceito de socialização**. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 25, n. 1, 41-56, jan./jun. 2007. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/1629/1370>>. Acesso em: Abril de 2019.

BERGER, Peter; BERGER, Brigitte. O que é uma instituição social? IN: FORACCHI, Marialice; MARTINS, José de Souza (ORG.). Sociologia e Sociedade: leituras de introdução à Sociologia. 21 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1978

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

Bock, S. D. (2006). **Orientação profissional: A abordagem sócio-histórica**. São Paulo: Cortez.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Editora Porto, 1994.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino.** (trd) Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento.** São Paulo: Edusp, 2007.

\_\_\_\_\_. **Algumas propriedades dos campos.** In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia.* Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 89-94

\_\_\_\_\_. **O campo político.** Rev. Bras. Ciênc. Polít. no.5 Brasília Jan./July 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-33522011000100008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522011000100008)> Acesso em: Junho de 2018

\_\_\_\_\_. **O espírito da família.** In: *Razões práticas: sobre a teoria da ação.* Campinas: Papirus, 1996.

BRITTO, Clovis. **O operar do Espírito: Juventude e Pentecostalismo católico no Brasil.** Tempo social. Vol. 24. No.1 São Paulo 2012.

CHARON, J. **Sociologia.** Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Saraiva, 2001

CORDEIRO, D. **Juventudes nas Sombras.** Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, 2009.

DAYRELL, J. **A Juventude e Suas Escolhas: as relações entre projeto de vida e escola,** In: VIEIRA, M. M. et al. (Orgs.). *Habitar a Escola e as Suas Margens: geografias plurais em confronto.* Porto Alegre, RS, cap. 2, p. 65-72. 2013.

\_\_\_\_\_. **A escola “faz” as juventudes? Reflexões em tortno da socialização juvenile.** Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

\_\_\_\_\_. **Juventude, projetos de vida e ensino médio.** Educ. Soc. [online]. 2011, vol.32, n.117, pp.1067-1084. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302011000400010&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302011000400010&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em: Agosto de 2019.

\_\_\_\_\_. **O jovem como sujeito social.** Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, n. 24, set./dez. 2003

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociedade.** Petrópolis: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Educação e sociologia.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. **O que é Fato Social.** In: DURKHEIN, Émile. *As regras do método sociológico.* Tradução: Maria Isaura Pereira de Queiroz. 6. ed. São Paulo: Nacional, 1958.

ESTEVEVES, Nadine. **Juventude, Ensino Técnico e Mercado de Trabalho no Município de Macaé.** UENF. 2016. Disponível em: <  
<http://uenf.br/posgraduacao/sociologia-politica/wp-content/uploads/sites/9/2013/03/Disserta%C3%A7%C3%A3o-final-Nadine.pdf>>

Acesso em: Março, 2019

Falcke, D., & Wagner, A. (2005). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição e conceitos. In A. Wagner (Org.), **Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares** (pp. 25-46). Porto Alegre: EDIPUCRS

FALCONELLI, Eduardo; BENTO, Alexandre. **A dificuldade do jovem na escolha de um curso superior.** 2013. Disponível em: <  
[https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/7893\\_4729.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/7893_4729.pdf)> Acesso em: Agosto de 2019.

FERNANDES, Sílvia. **Entre tensões e escolhas, um olhar sociológico sobre jovens na vida religiosa.** Soc. estado. vol.26 no.3 Brasília. 2011. Disponível em: <  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922011000300012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922011000300012)>. Acesso em: outubro de 2018

\_\_\_\_\_. **Marcos definidores da condição juvenile para católicos e pentecostais na baixada fluminense – algumas proposições a partir de um survey.** Relig. Soc. Vol.31 no.1 Rio de Janeiro. June. 2011.

\_\_\_\_\_. **Sem religião: a identidade pela falta?.** 2006. Disponível em: <  
<file:///C:/Users/Sistemas/Downloads/livromobilidadefim.pdf>> Acesso em: setembro de 2018

\_\_\_\_\_. **Trajetórias religiosas de jovens sem religião – algumas implicações para o debate sobre desinstitucionalização.** INTERSEÇÕES [Rio de Janeiro] v. 20 n.2, p. 269-387, dez. 2018.

FERREIRA, Ismael. **A religião como necessidade social.** 2012. Disponível em: <  
[www.educadores.pr.gov.br/arquivos/File/abril2013/ensreligioso\\_artigos/religiao\\_necessidade\\_ferreira.pdf](http://www.educadores.pr.gov.br/arquivos/File/abril2013/ensreligioso_artigos/religiao_necessidade_ferreira.pdf)> Acesso em: Julho de 2019

FORTES, Alexandre. **O processo histórico de formação da classe trabalhadora: algumas considerações.** Estudos Históricos Rio de Janeiro, vol. 29, no 59, p. 587-606, setembro-dezembro 2016.

FREITAS, Lorena. **A má-fé institucional na re-produção do fracasso escolar no Brasil.** 2009. Disponível em: <  
<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/2776/1/lorenarodriguestavaresdefreitas.pdf>>. Acesso em: Julho de 2019

GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrolado – o que a globalização está fazendo de nós*, Rio de Janeiro: Record, 2000.

\_\_\_\_\_. **Sociologia**. 6º ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

GODINHO, Danilo; CARVALHO, Cíntia; SOUZA, Solange. **Experiências religiosas da juventude contemporânea: indagações sobre fé, secularização, ética e política**. Rev. psicol. Polít. Vol.14 no.29. São Paulo. Abril de 2014

GOFFMAN, Erving. **A representação do Eu na vida cotidiana**. Editora Vozes. 20ª Ed. 2017.

GOMES, Jerusa. **Família e socialização**. Psicol. USP. V.3 n.1-2 São Paulo, 1992.

GOMES, Mônica; PEREIRA, Maria. **A família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas**. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2005, vol.10, n.2, pp.357-363. 2005

Guahyba, Maria Elisa A.; SEIXAS, Andrea M. **Escolha profissional na contemporaneidade: projeto individual e projeto familiar**. Rev. bras. orientac. prof vol.12 no.2 São Paulo dez. 2011

GUIMARÃES, Maria; DUARTE, Aldimar. **Juventude e educação: novos processos de socialização**. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 5, n. 8, p. 143-155, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/53/50>>. Acesso em: Agosto de 2019.

JUNQUEIRA, Sérgio R. A.; TEÓFILO, Debora N. Secularização e Sua Relação com o Ensino Religioso. Teocomunicação, Porto Alegre, v.42, n.1, p. 82-97, jan/jun. 2012

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Escrever e argumentar**. Ed. Contexto. 2016.

LARSON, Magali S. (1977), **The Rise of Professionalism**. Berkeley, University of California Press.

MAGALHÃES, Alexander. **Amigo de fé: estudo sobre religião e amizade entre jovens assembleianos na Baixada Fluminense**. Tese (Tese em ciências sociais) – UERJ. Rio de Janeiro. 2016

MAGALHÃES, Andrea; ALMEIDA, Maria Elisa. **Escolha profissional na contemporaneidade: projeto individual e projeto familiar**. Rev. bras. orientac. prof vol.12 no.2 São Paulo dez. 2011. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-33902011000200008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902011000200008)> Acesso em: Junho de 2018

MAHEIRIE, Kátia. **Construção do sujeito, subjetividade e identidade.** Interações. Vol. VII. nº. 13. P. 31-44. Jan-Jun 2002.

MARX, Karl. **O Capital** (crítica da economia política). Livro 1: O processo de produção do capital. 7. Ed. DIFEL Difusão editorial S.A., 1982. Vol.1.

MESQUITA, Wania. **Os pentecostais e a vida em favela no Rio de Janeiro: A batalha espiritual na ordem violenta na periferia de Campos dos Goytacazes.** Estudos de Religião, v. 23, n. 37, 89-103, Jul./Dez. 2009.

MESQUITA, Wania; BERTOLI, Naiana. **Jovens evangélicos moradores de favelas: algumas expressões de sua sociabilidade na cidade de Campos dos Goytacazes – RJ.** [SYN] THESIS, Rio de Janeiro. Vol.7, nº 1, 2014, p. 63-74.

MILLS, C. W. **A imaginação sociológica.** Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

MIRANDA, Heraldo. **Foucault e Goffman: em torno de instituições e poderes.** Belo Horizonte, v. 8, n, 16, p. 381-394. Ago/Dez. 2017.

MIRANDA, Júlia. **Convivendo com o "diferente": juventude carismática e tolerância religiosa.** Relig. soc. vol.30 no.1 Rio de Janeiro. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-85872010000100007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872010000100007)>. Acesso em: Novembro de 2018

NASCIMENTO, Arlindo Mello de. **População e família brasileira: ontem e hoje.** Trabalho apresentado no XV Encontro de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em caxambu – MG - Brasil, de 18 – 22 de Setembro de 2006. Acesso em: Outubro de 2018.

NASCIMENTO, Virgílio; RAMOS, Danielle. **A família como instituição moderna.** Fractal, Rev. psicol. Vol.20 no.2 Rio de Janeiro. Jul/dez. 2008.

NOVAES, Regina. **Juventude e religião, sinais do tempo experimentado.** Interseções [Rio de Janeiro] v. 20. 2, p. 351-368, dez. 2018.

\_\_\_\_\_. **Juventude, religião e espaço público: exemplos “bons para pensar” tempos e sinais.** 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rs/v32n1/a09v32n1>> Acesso em: Setembro de 2018.

\_\_\_\_\_. **Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos. Notas preliminares.** Estudos avançados, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000300020](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300020)> Acesso em: Agosto de 2019.

PAGGIARO, Patrícia; CALAIS, Sandra. **Estresse e escolha profissional: um difícil problema para alunos de curso pré-vestibular.** Contextos clínicos, julho-dezembro 2009

PAIS, José. **A construção sociológica da juventude—alguns contributos.** Análise Social, vol. XXV(105-106), 1990. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>>. Acesso em: Julho de 2018.

PEÇA, Célia Maria k. **As tabelas e gráficos estatísticos fazem parte de uma linguagem universal.** 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1663-6.pdf>> Acesso em: Junho de 2019

PEREIRA, Thiago. Et al. **A luta pela democratização do acesso ao ensino superior: o caso dos cursinhos populares.** REP – revista Espaço Pedagógico, v. 17. n.1, Passo fundo, p. 86-96, Jan/Jun. 2010.

QUINTILIANO, Angela. **Socialização e religiosidade dos adolescentes: sera possível a construção de um novo sujeito social?.** 2008. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2008/12/quintiliano-angela.pdf>> Acesso em: Agosto de 2019

REICHLE, Adriana; RAUPP, Magdala. **Avaliação: Ferramenta para melhores projetos.** Editora Edunisc, 2003

RODRIGUES, Thiago. **Juventude e Mercado de trabalho no Brasil: formação e empregabilidade.** 2017. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/19868/4/Thiago%20Machado%20Rodrigues.pdf>> Acesso em: Setembro de 2019.

SANTOS, Larissa. **O papel da família e dos pares na escolha profissional.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 1, p. 57-66, jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n1/v10n1a07.pdf>>. Acesso em Junho de 2019.

SCHERER, Giovane. Et. al. **O que é “ser jovem”? reflexões sobre o conceito de juventudes na perspectiva de jovens universitários.** In: Juventudes na Universidade: olhares e perspectivas. Redes editoras. 2014

SERRETTI, André. **A religião e a ordem social – breves considerações.** Revista Espaço academic – Nº 111 – Agosto de 2010

SETTON, Maria da Graça. **Família, escolar e mídia: um campo com novas configurações.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 28, n.1, p. 107-116. Jan/Jun. 2002

SETTON, Maria da Graça. **Teorias da socialização: um estudo sobre as relações entre indivíduos e sociedade.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 37, n.4. p. 711-724. Dez. 2011.

SINGLY, F. de. **O nascimento do “indivíduo individualizado” e seus efeitos na vida conjugal e familiar.** IN: PEIXOTO, C. E.; SINGLY, F. de; CICCHELLI, V. (orgs). *Família e individualização*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. P.13-19

SOARES, Dulce Helena. **O jovem e a escolha profissional.** Editora: mercado aberto. 1987

SOARES-LUCCHIARI, Dulce Helena Penna. O ideal de ego e o projeto de futuro profissional dos adolescentes. In: LEVENFUS, Rosane (org.) **Psicodinâmica da escolha profissional.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SOUZA, Jessé. **A ralé Brasileira.** editora: Contracorrente. 3ªed. 2018

TERRIBELLE, Alexssandra. **Juventude, trabalho e ensino noturno: um estudo sobre os jovens da periferia de Goiânia.** Dissertação (Dissertação em sociologia) – UFG. Goiás. 2006.

VOLKOVA, Elena. Et. al. **Sobre a socialização dos jovens modernos: breve discussão entre conceitos da sociologia, da psicologia social e História-cultural.** Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient. maio/ago. 2016. Disponível em <<https://periodicos.furg.br/remea/article/view/6203/3904>>. Acesso em: Agosto de 2019.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** 5 ed. São Paulo: Pioneira, 1987.

\_\_\_\_\_. **A política como vocação.** 1919. Disponível em <[http://www.bresserpereira.org.br/Terceiros/Cursos/09.08.Weber,A\\_politica.pdf](http://www.bresserpereira.org.br/Terceiros/Cursos/09.08.Weber,A_politica.pdf)> Acesso em: Agosto de 2018.

ZAGO, Nadir. **Cursos pré-vestibulares populares: limites e perspectivas.** Perspectiva, Florianópolis, v. 26. n.1, 149-174. Jan/Jun. 2008.

## ANEXO I

## Questionário semiestruturado para alunos de Pré-vestibular de 2019

Nome (opcional): \_\_\_\_\_  
 Sexo: \_\_\_\_\_ Profissão da mãe: \_\_\_\_\_  
 Cor: \_\_\_\_\_ Profissão do Pai: \_\_\_\_\_  
 Idade: \_\_\_\_\_  
 Religião: \_\_\_\_\_  
 Estuda ou estudou o Ensino Médio em escola: ( ) Pública ( ) Particular  
 Pré-vestibular que estudo: ( ) Josué de Castro (UFF) ( ) Teorema ( )

1) Ha quanto tempo você estuda em pré-vestibular?

- ( ) Menos de 1 ano  
 ( ) 1 ano  
 ( ) A mais de 1 ano  
 ( ) A mais de 2 anos

2) O que te levou a escolher esse pré-vestibular?

---



---



---

3) Pretende prestar vestibular esse ano?

- ( ) Sim  
 ( ) Não

4) Você já escolheu o curso que pretende ingressar?

- ( ) sim. Qual? \_\_\_\_\_  
 ( ) Não

5) Por que escolheu essa profissão?

---



---



---

6) Em qual(s) Universidade(s) pretende ingressar? Por que a escolheu?

---



---



---

7) Você conhece as principais características dos profissionais desta profissão que escolheu? Se sim, quais são?

---

---

---

8) Para você o que significa ser realizado profissionalmente?

---

---

---

9) Você escolheria uma profissão pela/para:

- Realização profissional     Desejo de ajudar outras pessoas  
 satisfação pessoal         Contribuir para o desenvolvimento dos seus pais  
 Salário/ Questão financeira    Seguir a orientação dos seus pais  
 Seguir a orientação de uma religião

10) Quanto você pensa ganhar de salário atuando com a profissão que escolheu?

- Menos de R\$ 1.000,00  
 Entre R\$ 1.000,00 e R\$ 2.000,00  
 Entre R\$ 2.000,00 e R\$ 4.000,00  
 Mais que R\$ 4.000,00  
 Não sabe

11) A sua família incentiva a sua escolha profissional?

- Sim  
 Não

12) Você deseja seguir a mesma profissão dos seus pais?

- Sim  
 Não

Por quê?

---

---

---

13) Qual o grau de escolaridade do seu pai?

- Ensino fundamental incompleto  
 Ensino fundamental completo  
 Ensino Médio  
 3º Grau incompleto  
 3º Grau Completo

14) Qual o grau de escolaridade da sua mãe?

- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo
- Ensino Médio
- 3º Grau incompleto
- 3º Grau Completo

15) Indique a renda da sua família

- Até R\$ 1.000,00
- Até R\$ 2.000,00
- Até R\$ 3.000,00
- Até R\$ 4.000,00
- Mais de R\$ 4.000,00

16) Em algum momento seus pais lhe aconselharam a seguir determinada profissão?  
Se sim, qual?

---

---

17) Você seguiria uma profissão indicada pelos seus pais ?

- Sim
- Não
- Talvez

Comente seus motivos em quaisquer das opções.

---

---

---

18) Se você tem alguma religião, comente suas razões para estar nela.

---

---

---

19) A sua religião é a mesma dos seus pais ou de outro membro da sua família?

- Sim
- Não
- Apenas igual a religião do meu pai
- Apenas igual a religião da minha mãe
- Igual a de outro membro da família. Quem? \_\_\_\_\_

20) Você se considera uma pessoa assídua nas reuniões que são promovidas pela sua religião?

- Sim
- Não

21) Você pretende ajudar de alguma forma a sua religião com a profissão que escolheu?

- Sim. Como? \_\_\_\_\_  
 Não.

22) O seu líder religioso fala sobre escolha profissional?

- Sim  
 Não

23) Há alguma profissão que você não seguiria devido a sua religião?

- Sim. Qual? Por quê?

---

---

---

- Não.

24) Que fatores mais influenciam sua escolha profissional?.

---

---

---

**Roteiro de entrevista semiestruturada para os alunos do pré-vestibular 2019**

- 1) Se apresente, por favor, falando seu nome, cor, sexo, idade e em que escola estudou/estuda o Ensino Médio.
- 2) Conte sobre o Pré-vestibular que cursa, em que ano e por que o escolheu.
- 3) Comente sobre experiências positivas e negativas que está tendo no Pré-Vestibular
- 4) Para você, o que é ser jovem?
- 5) Qual a profissão que você pretende exercer?
- 6) Desde quando e por que escolheu essa profissão?
- 7) Você conhece os pontos positivos e negativos da profissão que escolheu? Quais são?
- 8) A sua família teve alguma influência com relação a sua escolha profissional? Explique
- 9) Qual a profissão dos seus pais? Você seguiria a mesma profissão de algum deles? Conte por que
- 10) Você acredita que a família influencia de alguma forma nas nossas escolhas profissionais seja positivamente ou negativamente?
- 11) E com relação a religião, você acredita que ela influencia nas nossas escolhas profissionais?
- 12) Você tem religião? Qual? Desde quando a segue?
- 13) Seu líder religioso fala sobre escolha profissional? Qual a sua relação com ele?
- 14) Existe alguma profissão que você não seguiria por causa da sua religião?
- 15) Você pretende de alguma forma contribuir com a sua religião com a sua futura profissão?

**Roteiro de entrevista semiestruturada para os pais**

- 1) Se presente, por favor, falando seu nome, idade, cor, sexo, grau de escolaridade e profissão.
- 2) Para você, o momento de escolha profissional é importante? Por quê?
- 3) A seu ver, por quais motivos alguém escolhe uma determinada profissão?
- 4) Quais foram os motivos para que você escolhesse a sua profissão?
- 5) Na época seus pais te ajudaram no processo de escolha profissional? Se sim, conte como. Se não, explique o por quê.
- 6) Com relação ao (a) seu (sua) filho (a), você já teve alguma conversa a respeito da escolha profissional dele? Se sim, quais os conselhos que você deu? Se não, por quê?
- 7) Tem alguma profissão da qual você já aconselhou seu (sua) filho (a) a seguir? Se sim, qual e por quê?
- 8) Você gostaria que ele seguisse alguma determinada profissão? Qual?
- 9) Como você vê seu (sua) filho (a) daqui a 10 anos com relação a vida profissional?
- 10) Você acredita que a família e/ou a religião são fatores de influência na escolha profissional dos jovens?
- 11) E com relação a seu (sua) filho (a), você acredita que há influência dos membros da família na escolha profissional dele (a)?

**Roteiro de entrevista semiestruturada com o líder religioso**

- 1) Se apresente, por favor, dizendo o nome, idade, sexo, cor, grau de escolaridade, profissão e qual religião pertence.
- 2) Desde quando você segue essa religião? Já fez parte de outra religião? Se sim, qual e por que saiu dela?
- 3) Desde quando você é líder religioso? E por que escolheu ser?
- 4) Para você, o que a religião representa?
- 5) A seu ver, quais as características dos jovens que são membros da sua igreja?
- 6) Aproximadamente, quantos jovens pertencem a igreja que você lidera?
- 7) Existem cultos específicos para os jovens? Se sim, como funciona?
- 8) De que forma você enxerga o processo de escolha profissional dos jovens da sua igreja?
- 9) Você já teve alguma conversa ou fez alguma palestra para a juventude da sua igreja sobre escolha profissional?
- 10) Quais os conselhos você dá para os jovens com relação a escolha profissional?
- 11) A seu ver, existe alguma profissão da qual os jovens não deveriam seguir? Se sim, qual e por quê?
- 12) Para você, existe influência religiosa na escolha profissional dos jovens? Por quê? Se sim, como ela acontece?
- 13) Você conhece algum jovem que escolheu a profissão com base em influência religiosa? Se sim, conte como.
- 14) Você conhece algum jovem que deixou de seguir alguma profissão por causa da religião?